

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO RIO GRANDE DO SUL – IFRS – *CAMPUS* PORTO ALEGRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
E TECNOLÓGICA – PROFEPT**

BARBARA CRISTINA DIAS DE MELLO

**PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA A PROMOÇÃO DA EQUIDADE DE GÊNERO EM
ESPAÇOS NÃO FORMAIS DA EPT: DEMANDAS E DESAFIOS A PARTIR DA
ESCUTA DE MULHERES TRABALHADORAS DE UM COLETIVO DE ARTESÃS
DA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE**

PORTO ALEGRE

2024

BARBARA CRISTINA DIAS DE MELLO

**PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA A PROMOÇÃO DA EQUIDADE DE GÊNERO EM
ESPAÇOS NÃO FORMAIS DA EPT: DEMANDAS E DESAFIOS A PARTIR DA
ESCUTA DE MULHERES TRABALHADORAS DE UM COLETIVO DE ARTESÃS
DA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, ofertado pelo *Campus* Porto Alegre do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Prof.^a Dra. Liliane Madruga Prestes
Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica

PORTO ALEGRE

2024

7

Mello, Bárbara Cristina Dias de

Práticas educativas para a promoção da equidade de gênero em espaços não formais da EPT: demandas e desafios a partir da escuta de mulheres trabalhadoras de um coletivo de artesãs da região metropolitana de Porto Alegre / Bárbara Cristina Dias de Mello – Porto Alegre, 2024.

101 f. : il., color.

Orientadora: Dra. Liliane Madruga Prestes

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Rio Grande do Sul Campus Porto Alegre, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, Porto Alegre, 2024.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Cursos de Formação Inicial e Continuada. 3. Mundo do trabalho. 4. Mulheres. I. Prestes, Liliane Madruga. II. Título.

CDU: 37:004

BARBARA CRISTINA DIAS DE MELLO

**PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA A PROMOÇÃO DA EQUIDADE DE GÊNERO EM
ESPAÇOS NÃO FORMAIS DA EPT: DEMANDAS E DESAFIOS A PARTIR DA
ESCUTA DE MULHERES TRABALHADORAS DE UM COLETIVO DE ARTESÃS
DA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, ofertado pelo *Campus* Porto Alegre do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Prof.^a Dra. Liliane Madruga Prestes
Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica

Aprovado em 26 de setembro de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

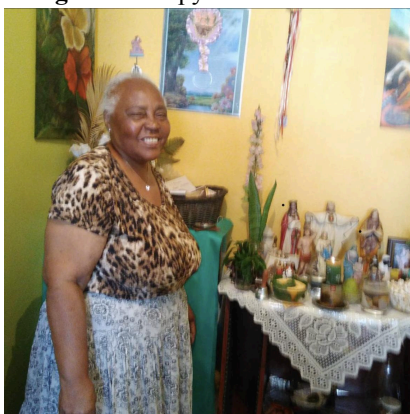
Prof.^a Dra. Liliane Madruga Prestes
IFRS
Docente do ProfEPT – Orientadora

Prof. Dr. Sérgio Wesner Viana
IFRS
Docente do ProfEPT – Membro Interno

Prof.^a Dra. Martha Giudice Narvaz
Universidade Estadual do Rio Grande Sul – UERGS – Membro Externo

Prof.^a Dra. Daniela Medeiros de Azevedo Prates
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul
Docente do ProfEPT – Membro Interno

Figura 1 – Jupyra Dias de Mello.



Fonte: Acervo da autora.

“Cada passo à frente nos garante a certeza de que nada seríamos se não pudéssemos olhar para trás e ter na imagem dos nossos ancestrais a força e coragem a qual necessitamos.”

(Jupyra Dias de Mello)

Esta pesquisa é dedicada à minha mãe, Jupyra Dias de Mello (*in memoriam*) e a todas as mulheres, que, ao longo da minha trajetória, foram emprestando inspiração, docilidade, determinação e um tanto de amorosidade à minha existência.

AGRADECIMENTOS

À Mariana, minha filha, pelo incentivo e pela confiança, para que eu pudesse superar todas as adversidades.

Aos meus familiares, que estão sempre me apoiando para vencer este desafio.

Aos/às muitos/as colegas e amigos/as de trabalho, que, indiretamente, forneceram-me auxílio quando eu precisei.

Ao Coletivo “Mãos que Criam”, que, generosamente, acolheu-me e possibilitou a elaboração desta pesquisa.

À professora e orientadora Dra. Liliane Madruga Prestes, por sua confiança, paciência e dedicação no acompanhamento deste trabalho.

À professora Dra. Maristela Godoy, que se solidarizou com as minhas dificuldades e trouxe valiosas contribuições na finalização da pesquisa.

E, por fim, às conexões com o mundo espiritual, que me amparam física e emocionalmente, garantindo-me equilíbrio.

“Falando sobre a Marcha de Mulheres Negras contra violência, racismo e pelo bem viver.

E como se estivesse sonhando olhei ao meu entorno e vi: lindas Negras Mulheres colorindo o asfalto com tanta garra, força e determinação que foi impossível não se emocionar.

E para todo lado que meus olhos se fixavam percebia o orgulho e empoderamento naqueles passos.

Negras Mulheres de pele e sentimento cada qual com sua própria matiz, diferentes e únicas mas unidas pelo mesmo ideal.

Então a ancestralidade soprou ao meu ouvido:

- Estamos aqui com vocês.

Nos unimos para que sejam livres das mazelas do preconceito, violência e toda forma de opressão.

Estamos a frente limpando seus caminhos para que a batalha seja justa, que cada homem e Mulher Negra sejam respeitados em suas especificidades.

Sejam ouvidos que tenham voz e oportunidades.

São muitos anos de história a serem reparados.

Estamos com vocês porque também vocês estão em nós.

Avante Filhos e Filhas do berço da Humanidade não temam e sigam.

A Marcha neste momento acontece em todos os mundos, o que parece caos é apenas transformação.

Não deixem que os estampidos sejam mais alto do que o som da consciência que DESPERTA.”

Axé.

(Barbara Mello)

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica(ProfEPT) foi desenvolvida na área de concentração Ensino - Educação Profissional e Tecnológica – EPT, especificamente na linha de pesquisa Práticas Educativas em EPT, dentro do Macroprojeto 2 – Inclusão e Diversidade em Espaços Formais e Não Formais de Ensino na EPT. O estudo focou nas ações de um Coletivo de Mulheres, formado por trabalhadoras egressas de um Curso de Formação Inicial e Continuada (FIC) oferecido pelo IFRS – campus Viamão, entre 2014 e 2015. Este coletivo atua na promoção da inclusão de mulheres no mundo do trabalho e na continuidade de seus processos educacionais, proporcionando um ambiente onde mulheres artesãs se inspiram mutuamente e promovem ações voltadas à sustentabilidade, economia solidária e acolhimento. A pesquisa teve como objetivo compreender as potencialidades e dificuldades enfrentadas por essas mulheres, ouvindo suas experiências e produzindo subsídios teóricos e metodológicos para aprimorar as práticas de ensino na EPT em espaços não escolares, com um foco especial na promoção da equidade de gênero. O estudo, de caráter qualitativo, incluiu pesquisa bibliográfica, análise documental e pesquisa participante. Esta última foi realizada por meio de entrevistas e questionários estruturados aplicados às mulheres que integraram o Coletivo desde sua criação até os dias atuais. Os dados foram organizados em categorias com base nos estudos de Bardin (2016), cujas análises serviram de base para a elaboração de quatro oficinas temáticas, desenvolvidas em parceria com o Coletivo de Mulheres. Os resultados foram compilados em um guia com sugestões de roteiros de oficinas, destinado ao aprimoramento das práticas educativas no contexto da oferta de cursos FIC, visando a promoção da equidade de gênero. Este produto educacional visa inspirar outras iniciativas em contextos não escolares, contribuindo para a criação de espaços inclusivos e diversos e fortalecendo a relação entre a educação profissional e tecnológica e as práticas de equidade de gênero.

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica; Espaços Não Escolares; Empoderamento de Mulheres; Cursos de Formação Inicial e Continuada.

ABSTRACT

This Master's dissertation in Professional and Technological Education (ProfEPT) was developed in the concentration area of Teaching - Professional and Technological Education (EPT), specifically in the research line Educational Practices in EPT, within Macroproject 2 – Inclusion and Diversity in Formal and Non-Formal Teaching Spaces in EPT. The study focused on the actions of a Women's Collective, formed by workers who graduated from an Initial and Continuing Education Course (FIC) offered by IFRS – Viamão campus, between 2014 and 2015. This collective works to promote the inclusion of women in the workforce and the continuation of their educational processes, providing an environment where women artisans inspire each other and promote actions focused on sustainability, the solidarity economy, and support. The research aimed to understand the potential and challenges faced by these women, listening to their experiences and producing theoretical and methodological contributions to improve teaching practices in EPT in non-school settings, with a special focus on promoting gender equity. The qualitative study included bibliographic research, document analysis, and participatory research. The latter was conducted through interviews and structured questionnaires applied to the women who have been part of the Collective since its creation up to the present day. The data were organized into categories based on Bardin's (2016) studies, whose analyses served as the foundation for the development of four thematic workshops, carried out in partnership with the Women's Collective. The results were compiled into a guide with suggested workshop outlines, aimed at improving educational practices in the context of FIC courses, with the goal of promoting gender equity. This educational product aims to inspire other initiatives in non-school contexts, contributing to the creation of inclusive and diverse spaces and strengthening the relationship between professional and technological education and gender equity practices.

Keywords: Professional education and non-formal spaces. Women's empowerment. Initial and continuing training courses.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jupyra Dias de Mello	4
Figura 2 – Capa do produto educacional	66
Figura 3 – Sumário do produto educacional	66
Figura 4 – Apresentação da proposta de oficinas em Cursos de FIC, enfocando o empoderamento de mulheres no contexto da EPT	67
Figura 5 – Sobre o roteiro das oficinas pedagógicas em cursos de FIC/EPT	68
Figura 6 – Roteiro da Oficina 1	69
Figura 6 – Roteiro da Oficina 1	70
Figuras 8 e 9 – Roteiro da Oficina 2	71
Figuras 10 e 11 – Roteiro da Oficina 3	72
Figuras 12 e 13 – Roteiro da Oficina 4	73
Figuras 14 e 15 – Mulheres inspirando mulheres	74
Figura 16 – Espaço reservado para críticas e sugestões	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Média de horas semanais dedicadas a cuidados e pessoas e/ou afazeres domésticos	25
Gráfico 2 – Pesquisa mulheres – inserção no mercado de trabalho	28
Gráfico 3 – Registros de violência doméstica e sexual – Mapa Nacional da Violência de Gênero	31
Gráfico 4 – Questão 1	76
Gráfico 5 – Questão 2	76
Gráfico 6 – Questão 3	77
Gráfico 7 – Questão 4	77
Gráfico 8 – Questão 5	78
Gráfico 9 – Questão 6	78
Gráfico 10 – Questão 7	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dissertações e Produtos Educacionais produzidos no ProfEPT (Descritores utilizados: mulher/mulheres – Período: 2017-2022)	41
Quadro 2 – Grupos de mulheres participantes, universo da pesquisa e critérios de inclusão e exclusão	47
Quadro 3 – Estrutura do roteiro de entrevista com mulheres do grupo 1 e 2	48
Quadro 4 – Critérios para a avaliação do produto educacional	49
Quadro 5 – Categorias do roteiro estruturado das entrevistas	53
Quadro 6 – Síntese das categorias de análise das entrevistas realizadas com as participantes	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
- CRN – Conselho Regional de Nutricionistas
- DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
- EduCAPES – Portal de Objetos Educacionais Abertos
- EJA – Educação de Jovens e Adultos
- EPT – Educação Profissional e Tecnológica
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
- IFRS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
- IFSul – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- FIC – Formação Inicial e Continuada
- LDBEN – Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MEC – Ministério da Educação e Cultura
- MIEIB – Movimento de Interfóruns de Educação Infantil no Brasil
- NAFFs – Núcleo de Ações Afirmativas
- NEPGS – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade
- ONGs – Organizações Não Governamentais
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PCDs – Educação para Pessoas com Deficiências
- PICS – Práticas Integrativas e Complementares em Saúde
- PMM – Programa Mulheres Mil
- PNADC – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
- ProfEPT – Programa de pós-Graduação em Educação Profissional em Educação Profissional e Tecnológica
- PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
- SINAN – Sistema de Informação de Agravos de Notificação
- SNAs – Serviços Nacionais de Aprendizagem
- TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 REFERENCIAL TEÓRICO	22
1.1 ESTUDOS SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E GÊNERO	22
1.2 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA E SUAS ARTICULAÇÕES COM O CAMPO DE ESTUDOS SOBRE MULHERES E MUNDO DO TRABALHO	35
1.3 MAPEAMENTO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS VOLTADAS A MULHERES TRABALHADORAS, DESENVOLVIDAS NO PROFEPT	41
2 METODOLOGIA	46
3 ANÁLISE DOS DADOS – RESULTADOS E DISCUSSÕES	54
3.1 SÍNTESE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM MULHERES DO COLETIVO MÃOS QUE CRIAM	54
3.2 SISTEMATIZAÇÃO DAS OFICINAS REALIZADAS NO DECORRER DA PESQUISA	62
3.2.1 Relato da primeira oficina	62
3.2.2 Relato da segunda oficina	64
3.2.3 Relato da terceira oficina	65
3.2.4 Relato da quarta oficina	66
4 PRODUTO EDUCACIONAL	68
4.1 AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	71
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICES	87
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	92
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA	94
APÊNDICE C – FORMULÁRIO ESTRUTURADO – <i>GOOGLE FORMS</i>	96
APÊNDICE D – CONVITE PARA AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	98
APÊNDICE E – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO IFRS	100
APÊNDICE F – PRODUTO EDUCACIONAL	105

INTRODUÇÃO

Esta dissertação foi desenvolvida na área de concentração Ensino – Educação Profissional e Tecnológica – EPT, especificamente na linha de pesquisa Práticas Educativas em EPT, dentro do Macroprojeto 2 – Inclusão e Diversidade em Espaços Formais e Não Formais de Ensino na EPT.

Historicamente, o gênero tem pautado padrões de comportamentos, numa lógica excludente e hierarquizada, vivenciada pelas mulheres em todas as esferas sociais, incluindo educação e mundo do trabalho. No cotidiano, muitas foram as agruras vividas, de seguir cuidando e se descuidando de quem se era, ou de quem se pretendia tornar-se, nesse imenso abismo que ainda estamos tentando transpor. Esse, de fato, é um lugar que também me pertence enquanto pesquisadora proponente deste estudo, pois vivenciei no cotidiano o quanto as desigualdades de gênero nos afetam enquanto mulheres. Digo isso a partir de minhas vivências enquanto mulher negra, oriunda de comunidade em situação de vulnerabilidade econômica e social, trabalhadora em saúde e mãe, e que vivenciou violências de gênero, em particular, ao longo da trajetória pessoal.

Ao refazer caminhos, percebi que os registros cravados em minha subjetividade pela falta de oportunidades continuaram presentes. As dificuldades em acessar a formação acadêmica desde o término do Ensino Médio, em 1988, no curso de Magistério, e do primeiro vestibular prestado em 1990, para Orientação Educacional, que só teve sua conclusão em 2011, explicitaram o quanto esses entraves retardaram a possibilidade de ascensão de qualquer pessoa, e mais ainda quando se trata de mulheres. Foram exatos 21 anos para, enfim, chegar à graduação no curso de Pedagogia. Essa formação me possibilitou, via seleção para bolsista no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRS – *Campus* Viamão, conhecer alguns programas governamentais, entre os quais, o Programa Mulheres Mil – PMM (Brasil, 2011). O referido programa foi instituído pela Portaria nº 1.015/2011, de 21 de julho de 2011, integrando o Plano Brasil Sem Miséria do Governo Federal e visando à formação profissional e tecnológica articulada com a elevação da escolaridade de mulheres em situação de vulnerabilidade social.

O PMM constituiu uma das ações do Plano Brasil Sem Miséria com diretrizes principais, como possibilitar o acesso à educação, contribuir para a redução de desigualdades sociais e econômicas de mulheres, promover a inclusão social, defender a igualdade de gênero e combater a violência contra a mulher. Foi ofertado por instituições de EPT, podendo

estabelecer parcerias com instituições de ensino regular e sendo, prioritariamente, realizado por instituições públicas dos sistemas de ensino federais, estaduais e municipais.

O programa implementado à época pretendia possibilitar que mulheres moradoras de comunidades com baixo Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, sem pleno acesso aos serviços públicos básicos, ou integrantes dos Territórios da Cidadania, tivessem acesso a uma formação educacional, profissional e tecnológica, que visasse elevação de escolaridade, emancipação e acesso ao mundo do trabalho. No decorrer do programa, o IFRS – *Campus Viamão* ofertou o curso de Cuidador/a Infantil, no período de 2014 a 2015, no qual tive a oportunidade de atuar como professora formadora. Entre os resultados dessa oferta, destacou-se a criação do Coletivo de Mulheres Mãos que Criam, formado por mulheres trabalhadoras artesãs. Desde então, integrei esse coletivo que realizou diferentes ações, tais como, cursos, oficinas, encontros, entre outros, visando proporcionar às mulheres espaços para a formação continuada, constituindo-se como uma proposta de educação profissional não formal.

A partir da experiência educativa compartilhada com as mulheres participantes do PMM, oferecido pelo IFRS – *Campus Viamão*, fiquei ainda mais convicta quanto ao potencial da EPT para fomentar o engajamento coletivo e promover a emancipação das mulheres, especialmente no contexto pesquisado. Tomei como referência o grupo de mulheres trabalhadoras que integram o Coletivo de Mulheres Artesãs Mãos que Criam, situado no município de Viamão, que conta com pouco mais de 250 mil habitantes, sendo que 52% dessa população são pessoas que se identificam como mulheres. Em 2014, o IFRS – *Campus Viamão* ofertou cursos de Formação Inicial e Continuada – FIC, para atender às demandas da comunidade local. O município de Viamão possui uma vasta extensão territorial, com densidade populacional de 171,3 habitantes por quilômetro quadrado, concentrada em alguns núcleos de povoamento, especialmente no centro e nos distritos de Vianópolis e Santa Isabel.

Para atender às demandas locais da comunidade de Viamão, entre 2014 e 2015, foram ofertados cursos de FIC em Manutenção Predial, Cuidador/a de Pessoas Idosas e Cuidador/a Infantil. No caso do curso de manutenção predial, a oferta foi realizada pelo PMM, destinado às mulheres em situação de vulnerabilidade social, com baixa escolarização e que buscavam qualificação profissional e reinserção no mundo do trabalho. Os cursos de cuidador/a de pessoas idosas e cuidador/a infantil foram ofertados através do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC, com acesso universal, mas majoritariamente preenchidos por mulheres. É importante destacar que os pré-requisitos de escolaridade

variavam conforme o curso escolhido, desde Ensino Fundamental incompleto até Nível Superior completo, e cada curso teve duração média de quatro a cinco meses, com certificação ao final.

Apesar da relevância dessa iniciativa, a população feminina do município ainda carece de outras ações que fomentem a oferta e a participação das mulheres em cursos de educação profissional. Em termos de políticas públicas educacionais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei Federal nº 9.394/96, prevê que a FIC ou qualificação profissional inclua cursos de livre oferta, abertos à comunidade, com matrículas condicionadas à capacidade de aproveitamento da formação, não necessariamente ao nível de escolaridade (Brasil, 1996). Esses cursos não possuem carga horária preestabelecida e podem apresentar características diversificadas em termos de preparação para o exercício profissional de algumas ocupações básicas ou relacionadas ao exercício pessoal de atividades geradoras de trabalho e renda. Quando organizados dentro de um itinerário formativo, possuem regulamentação quanto à carga horária, estabelecida com duração mínima de 160 horas.

Em 2014, o IFRS – *Campus* Viamão iniciou a formação de mulheres através do PRONATEC, criado pelo Governo Federal, em 2011, com a finalidade de ampliar a oferta de cursos de EPT. Entre esses cursos, foi ofertado o de cuidador/a infantil, considerado à época uma solução viável para a formação continuada em EPT. No entanto, na atualidade, foi prudente repensar a oferta desse curso, considerando as lutas dos movimentos de educadores e do Movimento de Interfóruns de Educação Infantil no Brasil – MIEIB, que defendem a presença de docentes com habilitação mínima na Educação Infantil, para evitar a precarização e garantir direitos trabalhistas, como o piso nacional para professores da Educação Básica.

A escolha da temática da pesquisa foi inspirada pela minha própria trajetória pessoal e profissional, atuando em espaços formais e não formais da EPT. Enquanto mulher, preta, mãe, pesquisadora, professora e trabalhadora da área da saúde, busquei, neste estudo, contribuir para a ampliação de conhecimentos que promovam práticas educativas voltadas à promoção da equidade de gênero, a partir da escuta de mulheres num espaço de educação não escolar, do qual integro e que consiste num coletivo de mulheres trabalhadoras.

A partir da experiência como supervisora dos cursos FIC ofertados no IFRS – *Campus* Viamão e da participação no Coletivo de Mulheres Artesãs Mãos que Criam, desafiei-me a cursar o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, ofertado em rede pelo IFRS – *Campus* Porto Alegre. O estudo foi vinculado à linha de pesquisa de

Práticas de Ensino, no Macroprojeto 2 – Inclusão e Diversidade, que abarca temáticas relacionadas ao mundo do trabalho em espaços não formais de EPT.

Ao optar pela pesquisa no contexto do Coletivo de Mulheres Artesãs Mãos que Criam, compartilhei da definição de educação não formal como “toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população”, conforme preconizado nos estudos realizados por Gadotti (2005, p. 2). Nessa mesma linha de pensamento, a pesquisadora Gohn (1999) apud Gadotti (2005) enfatiza que a educação não formal designa um processo de formação para a cidadania, capacitação para o trabalho, organização comunitária e aprendizagem dos conteúdos escolares em ambientes diferenciados. Por isso, ela também é, muitas vezes, associada à educação popular e à educação comunitária. A educação não formal se estendeu de forma impressionante nas últimas décadas, em todo o mundo, como “educação ao longo de toda a vida” (conceito difundido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO), englobando toda sorte de aprendizagens para a vida, para a arte de bem viver e conviver.

De acordo com esse entendimento, toda educação pode ser considerada, de certa forma, como educação formal, no sentido de ser intencional. No entanto, o cenário pode variar. O ambiente escolar é caracterizado pela formalidade, regularidade e sequencialidade. Por outro lado, o espaço da cidade, usado aqui para ilustrar a educação não formal, é marcado pela falta de continuidade, eventualidade e informalidade. A educação não formal também se refere a atividades educacionais organizadas e sistemáticas, porém realizadas fora do sistema formal. Existem diversos espaços para a educação não formal, além das próprias escolas que podem oferecê-la. Podemos citar as Organizações Não Governamentais – ONGs, as igrejas, os sindicatos, os partidos políticos, a mídia, as associações de bairro, entre outros. Na educação não formal, tanto o espaço quanto o tempo são categorias igualmente importantes. O tempo de aprendizagem na educação não formal é flexível, levando em consideração as diferenças e habilidades de cada indivíduo. Uma das características marcantes da educação não formal é sua flexibilidade em relação ao tempo e à criação e recriação de diversos espaços de aprendizagem. Trata-se de um conceito amplo, que está intimamente ligado ao conceito de cultura. Por essa razão, a educação não formal está fortemente relacionada à aprendizagem política dos direitos individuais como cidadãos e à participação em atividades em grupo, tanto para adultos quanto para crianças.

Quanto à metodologia, o estudo foi de caráter qualitativo e incluiu a realização de pesquisa bibliográfica e documental, articulando com a escuta das mulheres do coletivo, mediante realização de entrevistas e aplicação de questionários estruturados, além de realização de oficinas temáticas, a partir de demandas apontadas pelas participantes. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP do IFRS¹, prevendo o cumprimento das normativas vigentes, incluindo o preenchimento de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A) pelas participantes do estudo, cuja adesão foi voluntária.

A pesquisa teve como problema: *Como propiciar subsídios teórico e metodológicos para a promoção de práticas educativas voltadas à equidade de gênero na Educação Profissional a partir da escuta de mulheres pertencentes a um coletivo de artesãs da Região Metropolitana de Porto Alegre e egressas de um curso de Formação Inicial Continuada (FIC) oferecido pelo IFRS.*

O objetivo geral deste estudo foi compreender as potencialidades e dificuldades enfrentadas de mulheres trabalhadoras egressas de um curso de formação continuada na EPT, ouvindo suas experiências e produzindo subsídios teóricos e metodológicos para aprimorar as práticas de ensino em espaços não escolares, com um foco especial na promoção da equidade de gênero.

Quanto aos objetivos específicos, a proposta ampliar os estudos sobre educação e trabalho na perspectiva da promoção da equidade de gênero; realizar o mapeamento de pesquisas desenvolvidas com mulheres em espaços não formais no âmbito do Mestrado Profissional em EPT; mapear os conhecimentos prévios sobre trabalho e relações de gênero, mediante a escuta de mulheres artesãs que participam de um espaço não escolar de educação profissional, investigando as aprendizagens e os desafios compartilhados no âmbito da educação e do mundo do trabalho; e, elaborar um produto educacional (APÊNDICE E), resultante de oficinas pedagógicas voltadas à promoção da equidade de gênero na educação profissional, especialmente em espaços não formais, tendo como inspiração o Coletivo de Mulheres, foco deste estudo.

Por fim, cabe destacar que os dados produzidos foram sistematizados e articulados com os referenciais teóricos, resultando na elaboração de um produto educacional (APÊNDICE E), no formato de um Guia de Oficinas. Tal produto é direcionado a cursos de FIC ofertados no contexto da EPT, e sua construção foi pautada pelas demandas apontadas

¹ Plataforma Brasil – Parecer Consubstanciado CEP nº 5924854, expedido em 03/03/2023.

pelas mulheres participantes do estudo. Os dados produzidos visam inspirar outras iniciativas voltadas à promoção da equidade de gênero e à emancipação das mulheres em espaços não formais da EPT e no mundo do trabalho.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

No decorrer deste capítulo, apresentamos os aportes teóricos que balizaram este estudo, os quais foram construídos a partir dos estudos realizados no decorrer do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, em especial, a partir das bases conceituais que fundamentam a proposta do Programa. Para tanto, faremos uma breve apresentação dos conceitos de trabalho, educação, gênero em interlocução com os estudos sobre a educação de jovens e adultos trabalhadores/as.

1.1 ESTUDOS SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E GÊNERO

Saviani (2007) afirma que o trabalho e a educação são atividades especificamente humanas e, para existir, os sujeitos se veem obrigados a produzir sua própria vida. Ao contrário dos outros animais, que se adaptam à natureza, os homens têm de adaptar a natureza a si, agindo sobre ela e transformando-a, ajustando-a às suas necessidades, e isso é o conceito de trabalho. Para o autor, a essência do sujeito é o trabalho enquanto processo histórico e educativo de constituição individual e coletiva (Saviani, 2007). Contudo, a trajetória da educação brasileira foi marcada pelo caráter elitista e excludente, em especial, para as mulheres, com recorte de classe social e raça. Historicamente, tem sido negado, para a maioria das mulheres, e, majoritariamente, para as mulheres pobres, negras, pardas e indígenas, acesso aos direitos fundamentais, como educação e trabalho, entre outros previstos na legislação, inclusive elencados no Art. 5º, na atual Constituição Federal:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição (Brasil, 1988).

Cabe ressaltar que, desde os tempos remotos da trajetória da humanidade, o gênero pauta o lugar atribuído a homens e mulheres na sociedade, incluindo atravessamentos de raça/etnia e classe social. É histórico o lugar de cuidado que as mulheres ocupam no mundo, mães, cuidadoras do lar, trabalhadoras domésticas, profissionais da educação, profissionais da saúde, entre outras atividades destinadas ao cuidado. Também, é inegável afirmar que só através de lutas, sofrimentos e enfrentamentos as mulheres estão timidamente conquistando espaço na sociedade. Para exemplificar o exposto, reporto-me ao excerto da música “Triste,

Louca ou Má”², produzida pela banda denominada Francisco, *el Hombre*, e amplamente divulgada no ano de 2013, cuja letra convida todos/as a ampliarmos os estudos e debates sobre a importância de estratégias voltadas para a promoção da equidade de gênero.

*“Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar
Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar.”*
(Canção de Francisco, *el Hombre*)

A música nos convoca à reflexão, reforçando o quanto o preconceito e as violências contra mulheres são construções históricas e sociais que se repetem e se atualizam, mantendo o caráter excludente e hierarquizado. Enquanto mulheres, não raras vezes, temos sido rotuladas como bruxas, loucas, feiticeiras, prostitutas – essas designações permeadas de injúria, preconceito e violências, que tentam desqualificar e/ou desumanizar, vêm sendo reiteradas ao longo da trajetória da humanidade. Romper com tais práticas excludentes e violentas implica reconhecermos o quanto estas se consolidam enquanto ferramentas de opressão usadas pelo patriarcado no afã de nos desumanizar. Implica reconhecermos que, historicamente, tem sido negado às mulheres e, em especial, pobres, pretas, pardas e indígenas, o acesso a direitos fundamentais, como educação e trabalho, entre outros previstos na legislação, inclusive elencados no Art. 5º, na atual Constituição Federal (Brasil, 1988). Ao problematizarmos tais questões, partimos do entendimento do conceito de gênero na perspectiva de Scott, a qual define como:

² Trecho da Música “Triste, louca ou má”, da banda Francisco, *el Hombre*, cujo nome é inspirado em um personagem do livro “Cem Anos de Solidão”. Foi formada em 2013 por dois irmãos mexicanos que se naturalizaram brasileiros: Sebastián e Mateo Piracés-Ugarte. Atualmente, a formação também conta com o guitarrista Andrei Martinez Kozyreff, e com a vocalista e percussionista Juliana Strassacapa. Disponível em: <https://sapatista.com.br/a-historia-da-musica-triste-louca-ou-ma/><https://sapatista.com.br/a-historia-da-musica-triste-louca-ou-ma/>. Acesso em: out. 2022.

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional (Scott, 1995, p. 86).

Em suas análises, Scott (1995) argumenta que as mudanças na organização das relações sociais estão sempre associadas a mudanças nas representações do poder, as quais não seguem um padrão unidirecional. Essa definição revela a centralidade do gênero na formação e compreensão das relações sociais e de poder. Para a autora, o gênero não é simplesmente uma característica isolada, mas uma construção social que molda e é moldada pelas dinâmicas de poder. A complexidade dessas relações implica que a análise das transformações sociais deve considerar a forma como o gênero estrutura e é estruturado pelas representações de poder, refletindo um processo contínuo e multifacetado.

No atual cenário brasileiro, desde março de 2020, presenciamos o acirramento das desigualdades sociais, em decorrência dos desdobramentos da pandemia da COVID-19, que assolou o país e o mundo. Ao analisar os impactos da pandemia, o pesquisador Santos chama a atenção para o caráter pedagógico da pandemia, no que denomina como pedagogia do vírus e, especificamente, às mulheres:

As mulheres são consideradas «as cuidadoras do mundo», dominam na prestação de cuidados dentro e fora das famílias. Dominam em profissões como enfermagem ou assistência social, que estarão na linha da frente da prestação de cuidados a doentes e idosos dentro e fora das instituições. Não se podem defender com uma quarentena para poderem garantir a quarentena de outros. São elas também que continuam a ter a seu cargo, exclusiva ou maioritariamente, o cuidado das famílias. Poderia imaginar-se que, havendo mais braços em casa durante a quarentena, as tarefas poderiam ser mais distribuídas. Suspeito que assim não será em face do machismo que impera e quiçá se reforça em momentos de crise e de confinamento familiar. Com as crianças e outros familiares em casa durante 24 horas, o stress será maior e certamente recairá mais nas mulheres. O aumento do número de divórcios em algumas cidades chinesas durante a quarentena pode ser um indicador do que acabo de dizer. Por outro lado, é sabido que a violência contra as mulheres tende a aumentar em tempos de guerra e de crise – e tem vindo a aumentar agora. Uma boa parte dessa violência ocorre no espaço doméstico. O confinamento das famílias em espaços exíguos e sem saída pode oferecer mais oportunidades para o exercício da violência contra as mulheres. O jornal francês *Le Figaro* noticiava em 26 de março, com base em informações do Ministério do Interior, que as violências conjugais tinham aumentado 36% em Paris na semana anterior (Santos, 2020, p. 15).

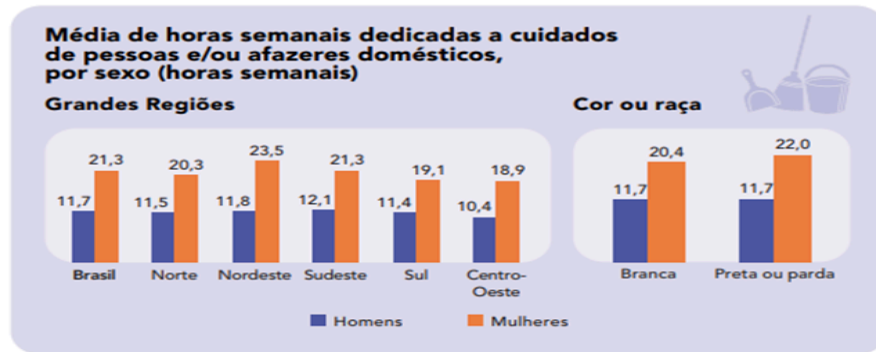
Em suas análises, o autor pontua o quanto o gênero é estruturante da sociedade, ou seja, caracteriza uma dualidade que acaba relegando às mulheres a desvalorização e a

precarização do trabalho, o que foi agravado durante a pandemia. Para exemplificar o exposto, ressalto que uma das estratégias adotadas para conter a disseminação do vírus foi o distanciamento social, com o cancelamento das aulas e trabalho remoto. Contudo, é importante reconhecer que nem todos tiveram o mesmo privilégio e a frase tão popularizada à época, a saber, "fique em casa", foi privilégio de determinados grupos sociais economicamente favorecidos. Entre esses grupos, chamou-se atenção para a situação das mulheres, em especial as mulheres pobres, negras e moradoras de comunidades, que desempenham atividades, como trabalho doméstico e cuidadoras de crianças e pessoas (idosos, doentes, etc.), entre outras.

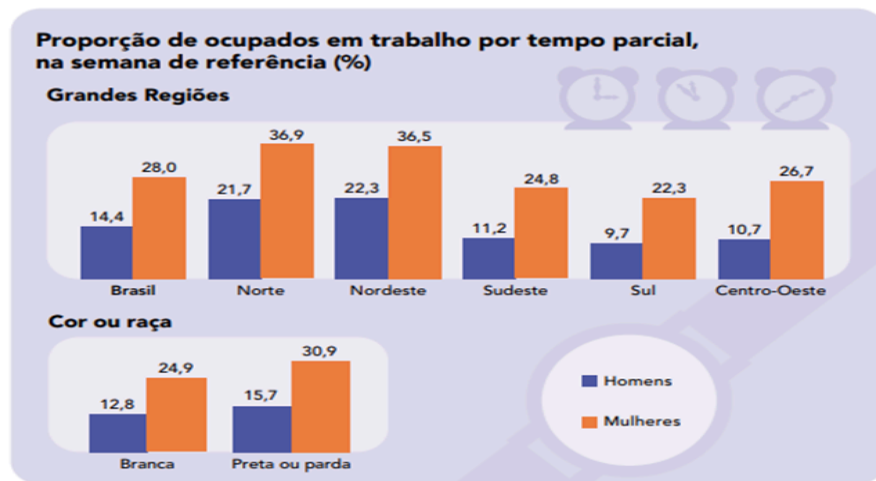
Nesse contexto, um caso que chocou o país foi a morte trágica do menino Miguel Otávio Santana da Silva, de 5 anos, vítima da queda do 9º andar de um prédio, situado em um bairro localizado na região central da cidade de Recife, em Pernambuco. O acidente ocorreu em 02 de junho de 2020 e, no momento, a criança estava no local de trabalho de sua mãe, empregada doméstica, que, a pedido da patroa, havia saído para a área externa para levar um cachorro para passear. Nesse ínterim, ocorreu a morte trágica da criança e intensificou o debate em torno da luta histórica das mulheres trabalhadoras por direitos fundamentais. Ao mesmo tempo, demonstrou o quanto a interseccionalidade de gênero, raça e classe social caracteriza o mundo do trabalho no contexto da sociedade capitalista. Citamos, por exemplo, o fato de que historicamente é delegado às mulheres o trabalho atrelado ao cuidar, incluindo cozinhar, lavar, limpar casa, faxina, cuidado de pessoas, etc.

No caso específico das trabalhadoras domésticas, majoritariamente são mulheres pretas e de camadas mais pobres da população, além de obterem as menores remunerações, conforme apontam os dados mapeados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024).

Gráfico 1 – Média de horas semanais dedicadas a cuidados e pessoas e/ou afazeres domésticos.



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022.
Nota: Dados consolidados de quintas visitas.



Fonte: IBGE (2024).

Os dados acima revelam o quanto as relações de gênero são pautadas por relações de poder, bem como por atravessamentos de classe, raça/etnia, classe social, entre outros. Tal abordagem nos remete a ampliarmos os estudos sobre o conceito de interseccionalidade e, neste caso, buscamos subsídios nas reflexões pautadas por Collins e Bilge, as quais partem do seguinte entendimento:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins; Bilge, 2020, p. 16).

A interseccionalidade, conforme teorizada por Collins e Bilge (2020), é uma ferramenta analítica essencial para compreender como diferentes categorias sociais – gênero,

raça, classe e sexualidade – interagem e moldam experiências complexas e únicas. Essa abordagem permite investigar como múltiplas formas de opressão, racismo, sexismo e classismo, sobrepõem-se, criando realidades específicas para diferentes grupos, especialmente mulheres (Collins; Bilge, 2020). Ao desafiar narrativas simplistas e homogêneas, a interseccionalidade revela a complexidade das identidades femininas e o impacto destas nas experiências de violência e opressão.

No Brasil, o conceito de interseccionalidade é frequentemente compreendido de maneira limitada, como uma mera soma de opressões. No entanto, a tradução de obras, como a de Collins e Bilge, permite expandir o debate, fortalecendo as lutas por justiça social e combatendo a superficialidade na aplicação do conceito. O alcance global da interseccionalidade é notável; por exemplo, na Índia do século XIX, Savitribai Phule adotou uma perspectiva interseccional em suas lutas por igualdade social, abordando múltiplos eixos de desigualdade, como casta, gênero, religião e classe (Collins; Bilge, 2020). Além de seu valor teórico, a interseccionalidade possui aplicações práticas significativas. Em universidades norte-americanas, é utilizada para criar ambientes mais inclusivos e justos. No campo do ativismo, orienta ações que abordam, de maneira abrangente, questões sociais, como justiça reprodutiva e direitos das mulheres negras (Collins; Bilge, 2020). Em síntese, a interseccionalidade, conforme proposto por Collins e Bilge (2020), é uma abordagem teórico-crítica que proporciona uma compreensão aprofundada das desigualdades sociais. Ao utilizá-la como ferramenta analítica e prática, é possível desenvolver estratégias mais eficazes para promover a justiça social e a emancipação de grupos marginalizados (Collins; Bilge, 2020).

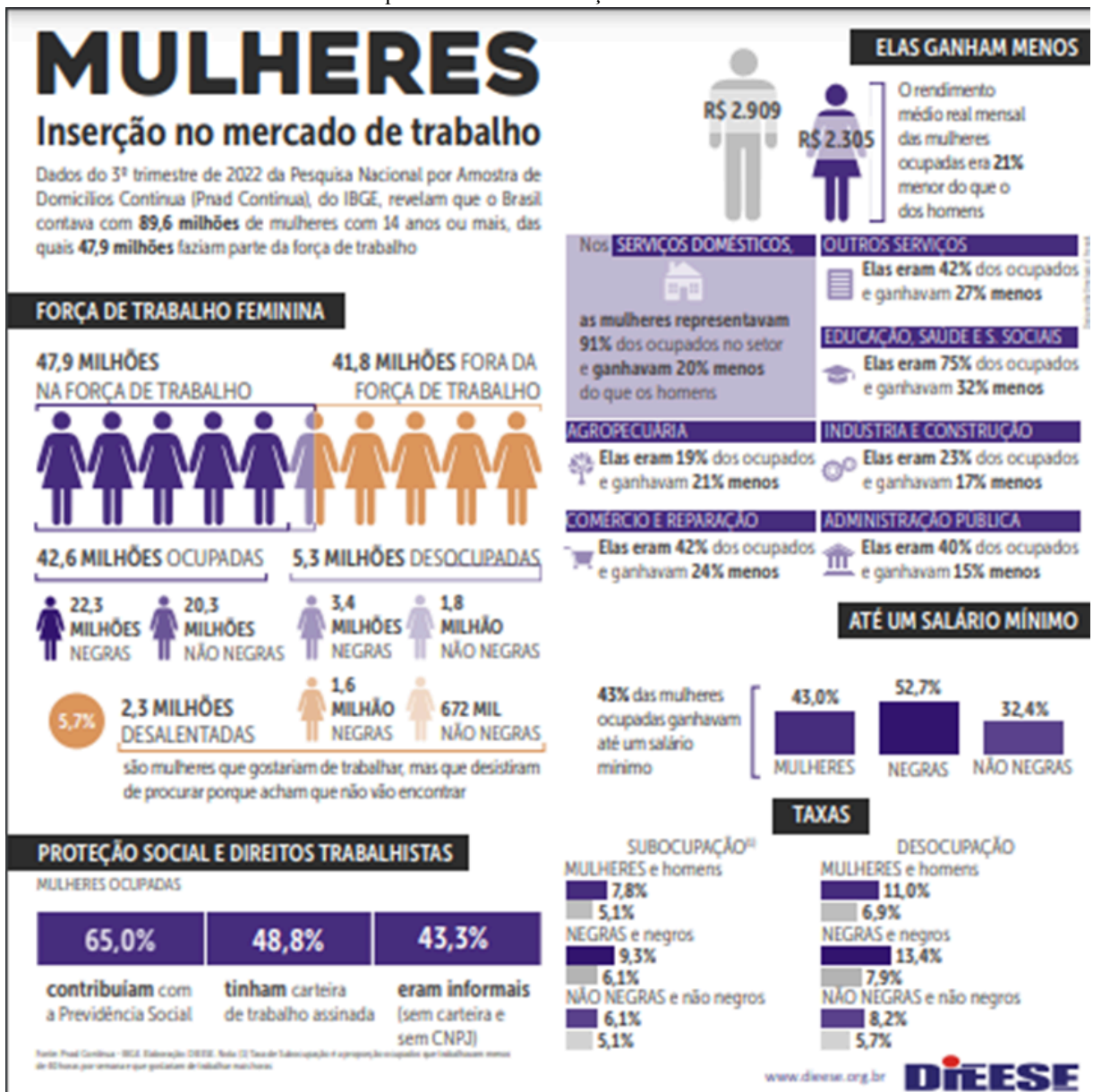
Nessa linha de pensamento, as autoras pontuam que o conceito de interseccionalidade vai além da mera soma de múltiplas opressões. Ele representa uma práxis crítica que revela como as relações de poder são complexas e dinâmicas. Ressaltam, ainda, que a interseccionalidade consiste como um método de pesquisa, uma ferramenta de análise e uma vertente do feminismo, proporcionando *insights* sobre questões globais, como a ascensão do populismo de extrema-direita e a justiça reprodutiva.

Ao abordar o conceito de interseccionalidade, as autoras ressaltam que o mesmo surgiu como uma resposta às abordagens tradicionais que analisavam as categorias sociais de forma isolada. Ressaltam que, na década de 1980, Kimberlé Crenshaw destacou que as experiências de opressão das mulheres negras não eram completamente compreendidas apenas pelo feminismo ou pelos movimentos dos direitos civis, pois ambos negligenciaram a

intersecção de raça e gênero. Assim, a interseccionalidade emergiu como uma abordagem essencial para examinar como diferentes formas de opressão se sobrepõem e se reforçam mutuamente (Collins; Bilge, 2020).

A análise dos conceitos de gênero e interseccionalidade, acima apresentados, revela como as relações sociais são pautadas pelas dinâmicas de poder. Nessa seara de estudos, Scott (1995) contribui para pontuarmos o quanto o gênero atua como uma força organizadora nas relações sociais e de poder. Com relação ao conceito de interseccionalidade, as pesquisas de Collins e Bilge (2020) possibilitam ampliarmos essa compreensão, ao destacarem como múltiplas dimensões de identidade interagem para criar experiências variadas de opressão e privilégio. Juntas, essas abordagens oferecem uma visão mais abrangente e detalhada das complexidades das relações sociais e das experiências individuais em contextos de desigualdade. Para exemplificarmos o exposto, citamos os dados do relatório "Mulheres 2024" do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE (DIEESE, 2024).

Gráfico 2 – Pesquisa mulheres – inserção no mercado de trabalho.



Fonte: DIEESE (2023).

Além disso, o relatório também revela disparidades significativas em termos de remuneração. Mulheres negras, em média, ganham menos do que mulheres não negras³, refletindo a persistente desigualdade salarial baseada na interseccionalidade de raça e gênero. Essas desigualdades são agravadas por barreiras adicionais enfrentadas por mulheres negras no mundo do trabalho, como informalidade e falta de oportunidades para capacitação e ascensão profissional.

³ A definição das categorias “mulheres negras e não negras” segue a denominação citada no referido relatório.

Para exemplificar a relevância da interseccionalidade para a problematização das desigualdades de gênero, citamos os dados disponibilizados na Nota Técnica, produzida pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (IPEA, 2016). Tal estudo revela que 39,6% das mulheres negras estão inseridas em relações precárias de trabalho, seguidas pelos homens negros (31,6%), mulheres brancas (26,9%) e homens brancos (20,6%). Ainda, segundo a pesquisa, mulheres negras eram o maior contingente de pessoas desempregadas no trabalho doméstico. Já a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNADC, realizada pelo IBGE (IBGE, 2021), aponta que o número de mulheres no Brasil é superior ao de homens. A população brasileira é composta por 48,9% de homens e 51,1% de mulheres. Deste quantitativo, a partir dos 30 anos, o percentual de mulheres é maior que o de homens (Corsini, 2022). São essas Jupyras, Franciscas, Márcias, Helenas, entre outras, que há séculos vêm carregando o peso da desigualdade, da violência, da escravização de seus corpos, quer sob o jugo do trabalho pesado, quer sob a violação de seus direitos básicos. Mulheres, às quais, segundo a ideação da sociedade patriarcal (não necessariamente capitalista), é atribuído o papel restrito do trabalho vinculado ao cuidado, no caso, casa, filhos, educação, etc. A análise dos dados contribui para exemplificar a relevância e a atualidade do conceito de interseccionalidade, ou seja, as violências de gênero e desigualdades no mundo do trabalho são experienciadas de maneiras diversas e, muitas vezes, mais intensas por certos grupos de mulheres.

No cenário brasileiro, entre as iniciativas de articulação das mulheres na luta por políticas públicas que garantam os direitos fundamentais, citamos a realização do Festival Latinidades⁴, ocorrido no ano de 2008, em Brasília. Tal evento exemplifica como a interseccionalidade pode ser aplicada para celebrar e promover mudanças sociais. Criado para coincidir com o Dia da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha, o festival se tornou o maior evento de mulheres negras da América Latina, oferecendo um espaço para discutir as complexidades das identidades interseccionais e os desafios enfrentados pelas mulheres negras.

O Latinidades não é um festival comum. Várias décadas de ativismo de mulheres negras no Brasil criaram o espaço político, social e artístico para esse evento dedicado às questões e necessidades das mulheres negras no Brasil especificamente, mas também das afro-latinas e afro-caribenhas de forma geral. Em 1975, no início

⁴ Disponível em: <https://latinidades.com.br/>. Acesso em: abr. 2024.

da Década das Mulheres promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), as mulheres negras apresentaram o Manifesto das Mulheres Negras no Congresso das Mulheres Brasileiras. O manifesto chamou atenção para como a vida das mulheres negras no trabalho, na família e na economia era moldada por gênero, raça e sexualidade. Durante essa década, as feministas brancas permaneceram indiferentes ou incapazes de abordar as preocupações das mulheres negras. Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e muitas outras ativistas feministas negras continuaram a lutar pelas questões relativas às mulheres negras. Essa luta é ainda mais notável quando se sabe que ocorreu sob o regime militar no Brasil (1964-1985) e precedeu o entendimento contemporâneo da interseccionalidade (Collins; Bilge, 2020, p. 39).

As autoras ressaltam a importância do festival, que trouxe visibilidade e se constituiu em um espaço de lutas em prol de políticas públicas voltadas ao atendimento de direitos fundamentais às mulheres negras, e no enfrentamento de todas as formas de violências e discriminação. Nesse sentido, ao analisarem a edição de 2014, do Festival Latinidades, salientam que o evento tem se constituído num marco na longa luta, para que raça, gênero, classe, nação e sexualidade sejam reconhecidos como aspectos multidimensionais construtivos da vida das afro-brasileiras. Segundo as autoras:

O Festival Latinidades foi um marco na longa luta para que raça, gênero, classe, nação e sexualidade fossem reconhecidos como aspectos multidimensionais construtivos da vida das afro-brasileiras. Foi, ao mesmo tempo, uma celebração e um compromisso de continuação da luta. No entanto, como sugere a morte prematura de Marielle Franco (1979-2018), a construção de um movimento de mulheres afro-brasileiras não é fácil, tampouco chegou ao fim (Collins; Bilge, 2020, p. 44).

Na sequência das análises, ao abordarem o movimento das mulheres negras no Brasil, Collins e Bilge (2020) chamam a atenção para o fato de que a interseccionalidade não só revela como as estruturas de opressão são interligadas, mas, também, desafia a ideia de uma "experiência feminina universal". Mulheres brancas de classe média, por exemplo, podem enfrentar formas de violência distintas das enfrentadas por mulheres negras de baixa renda. Essas diferenças refletem as complexas dinâmicas de poder que moldam as respostas institucionais e sociais à violência, enfatizando a necessidade de uma abordagem interseccional para expor e combater desigualdades estruturais (Collins; Bilge, 2020). Ao aplicar o conceito de interseccionalidade para analisarmos o Gráfico 3, de violência doméstica e sexual, provenientes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação – SINAN, observamos que as taxas de violência doméstica e sexual não são distribuídas uniformemente entre todas as mulheres. Mulheres negras, indígenas, pessoas lésbicas, gays, bissexuais,

travestis, transexuais, queer, intersexo, assexuais, (LGBTQIA+)⁵, ou com deficiências, por exemplo, enfrentam desafios adicionais, devido à combinação de discriminação racial, homofóbica, capacitista e de gênero. Essa perspectiva interseccional é essencial para entender por que, por exemplo, mulheres negras são desproporcionalmente afetadas pela violência de parceiros íntimos.

Gráfico 3 – Registros de violência doméstica e sexual – Mapa Nacional da Violência de Gênero.



Fonte: Brasil (2024).

Em relação aos dados de violências contra mulheres no Brasil, Collins e Bilge (2020) sublinham que o assassinato de Marielle Franco, uma mulher negra, bissexual e ativista, destaca a importância da interseccionalidade. Eleita para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em 2016, Franco se destacou por sua coragem em denunciar a violência policial e defender os direitos das mulheres negras, jovens e LGBTQIA+. Sua morte violenta simboliza

⁵ Nomenclatura utilizada nas atuais políticas de Direitos Humanos e Cidadania.

a resistência democrática e a luta por justiça social. Collins e Bilge (2020, p. 44-45) ressaltam que "a construção de um movimento de mulheres afro-brasileiras não é fácil, tampouco chegou ao fim", enfatizando a persistência na luta contra múltiplas formas de opressão. Em suma, para realização desta pesquisa, partimos do entendimento de interseccionalidade preconizado pelas autoras acima citadas, ou seja, não é simplesmente um método de fazer pesquisa, também é uma ferramenta de empoderamento das pessoas. Ao abordar a interseccionalidade enquanto práxis, as autoras salientam que,

A interseccionalidade como práxis crítica requer o uso do conhecimento adquirido por meio da prática para orientar ações subsequentes na vida cotidiana. A solução de problemas está no cerne da práxis da interseccionalidade, e os tipos de problemas sociais gerados pelos sistemas interseccionais de poder prestam-se ao conhecimento desenvolvido pela práxis. A práxis entende que o pensar e o fazer, ou a teoria e a ação, estão intimamente ligados e moldam um ao outro (Collins; Bilge, 2020, p. 64).

Contudo, ampliar o debate sobre as desigualdades de gênero, a partir do contexto brasileiro e afro-latino-americano, reporta-nos aos estudos realizados por Gonzalez (2020), que nos apresenta uma crítica contundente ao feminismo hegemônico, destacando a invisibilidade das mulheres negras e indígenas dentro dos movimentos feministas tradicionais. Gonzalez (2020) propõe uma revisão dos conceitos de feminismo, destacando a necessidade de uma abordagem que considere não apenas o gênero, mas, também, a raça e a classe como fatores indissociáveis na luta pela igualdade. De acordo com seus estudos, o movimento feminista foi amplamente guiado por mulheres brancas de classe média, cujas experiências e perspectivas não necessariamente representam as realidades vividas por mulheres afro-latino-americanas e ameríndias. A autora enfatiza que o feminismo dominante frequentemente desconsidera ou minimiza as especificidades das lutas dessas mulheres, especialmente em contextos em que a opressão racial e a exploração econômica são prevalentes. Nesse sentido, Gonzalez (2020) argumenta que as mulheres negras e indígenas têm sido obrigadas a lutar em duas frentes: tanto contra a opressão patriarcal quanto contra o racismo, o que configura uma dupla militância que nem sempre é reconhecida ou valorizada dentro do movimento feminista tradicional.

Os estudos sobre interseccionalidade, como os de Collins e Bilge (2020), complementam a crítica de Gonzalez (2020) ao feminismo hegemônico, ao argumentar que as opressões de raça, classe e gênero são interligadas e moldam as experiências das mulheres, de maneira complexa. Para Collins e Bilge (2020), a interseccionalidade é uma ferramenta

analítica que permite compreender como diferentes formas de desigualdade se sobrepõem e se influenciam mutuamente. Gonzalez (2020), ao evidenciar a luta das mulheres negras e indígenas em múltiplas frentes de opressão, contribui para a compreensão interseccional da realidade social, mostrando que a luta por justiça de gênero não pode ser dissociada das questões raciais e econômicas.

Gonzalez (2020) sublinha que a consciência da opressão racial precede a percepção da opressão de gênero, para muitas mulheres negras e indígenas. A experiência histórica da escravidão e o racismo estrutural têm um impacto profundo e contínuo sobre as vidas dessas mulheres, moldando suas lutas e resistências, de maneira distinta. Essa visão é consonante com a perspectiva de Collins e Bilge (2020), que argumentam que a interseccionalidade deve considerar as experiências históricas e culturais específicas de grupos marginalizados, reconhecendo que as estruturas de poder operam de maneira distinta sobre diferentes corpos. Além disso, Gonzalez (2020) critica a reprodução de práticas de exclusão e dominação racistas dentro do próprio movimento feminista. Ela observa que, apesar das mulheres afro-latino-americanas estarem envolvidas em atividades populares de organização e resistência, suas contribuições e presenças são frequentemente invisibilizadas ou desracializadas, especialmente nos espaços de decisão. Essa crítica se alinha com a análise de Collins e Bilge (2020), que destacam como movimentos sociais, incluindo o feminismo, podem reproduzir hierarquias internas de poder que refletem as desigualdades mais amplas da sociedade. Para ambas as autoras, um movimento feminista inclusivo deve adotar uma lente interseccional que reconheça as múltiplas formas de opressão que as mulheres enfrentam, e se comprometa com a justiça social em todos os níveis.

Na visão de Gonzalez (2020), um feminismo inclusivo e transformador deve ser capaz de abraçar as múltiplas identidades e experiências das mulheres, reconhecendo que raça, classe e gênero são interseccionais e moldam a realidade de forma complexa. Essa proposta de um feminismo afro-latino-americano se alinha à interseccionalidade, ao enfatizar a importância de compreender as experiências das mulheres negras e indígenas como centrais para o movimento feminista mais amplo. Ao fazer isso, Gonzalez (2020) não só enriquece o movimento feminista, mas, também, amplia seu alcance e impacto, tornando-o mais relevante e eficaz na busca pela justiça social. Assim, a crítica de Gonzalez (2002) ao feminismo hegemônico e sua proposta de um feminismo afro-latino-americano dialogam de maneira produtiva com os estudos interseccionais de Collins e Bilge (2020). Ambas as perspectivas defendem a necessidade de reconhecer as diferentes dimensões da opressão e de adotar uma

abordagem inclusiva que considere a complexidade das experiências das mulheres. Esse diálogo entre Gonzalez (2020) e a interseccionalidade reforça a importância de um feminismo que seja representativo e comprometido com a justiça social em sua totalidade.

Inspirada a partir de tais estudos e articulando com minha trajetória como mulher negra, docente e trabalhadora da área da saúde, parto do entendimento de que não basta ser mulher para desfrutar de todos os direitos disponíveis, pois nem todas as mulheres pertencem a grupos homogêneos, compartilhando igualmente das oportunidades sociais, especialmente no que diz respeito à educação. Logo, ressalto a relevância de políticas públicas nas mais diversas áreas, em especial, na EPT, entre as quais cito o PMM. Tal programa oferta cursos de FIC, os quais vão além da oferta de formação técnica e profissional, alinhando-se com a perspectiva interseccional ao atender mulheres em situação de vulnerabilidade e reconhecer as diversas formas de opressão que elas enfrentam.

Na próxima seção, apresentarei uma breve retrospectiva dos estudos sobre mulheres e mundo do trabalho, em particular, no contexto da EPT, tomando como referência a experiência enquanto docente e integrante de um Coletivo de Mulheres egressas de um curso FIC, ofertado no PMM, pelo *Campus Viamão* do IFRS.

1.2 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA E SUAS ARTICULAÇÕES COM O CAMPO DE ESTUDOS SOBRE MULHERES E MUNDO DO TRABALHO

No campo específico da educação profissional, é fundamental reconhecer as desigualdades enfrentadas pelas mulheres e a necessidade de abordar as múltiplas opressões vivenciadas, incluindo no mundo do trabalho. Para a pesquisadora Federici (2012), é preciso problematizar a exploração do trabalho das mulheres, o qual na sociedade capitalista está historicamente vinculado ao trabalho doméstico e ao cuidado, ambos frequentemente desvalorizados e invisibilizados (Federici, 2012). Diante desses desafios, é necessário adotar abordagens feministas plurais e sensíveis à interseccionalidade de gênero, na educação profissional. Isso implica políticas e práticas que considerem as diferentes experiências e necessidades das mulheres, promovendo a equidade de oportunidades, o reconhecimento do trabalho feminino e o combate às discriminações estruturais.

A fim de contribuir para a ampliação dos debates, no decorrer deste estudo, apresentamos uma breve revisão de literatura sobre mulheres na educação profissional. Partimos do entendimento de que é fundamental nos apropriarmos de tais estudos, para

compreender a complexidade das opressões enfrentadas pelas mulheres e buscar soluções inclusivas e transformadoras. Além disso, entendemos que tais referências teóricas apontam subsídios teóricos e práticos essenciais para promovermos uma educação profissional mais igualitária, valorizando e empoderando as mulheres em todos os aspectos de suas vidas.

Ao incursionar nos estudos sobre mulheres e mundo do trabalho, reportamos aos textos produzidos por hooks (2018), que destaca que o feminismo não deve ser visto como uma luta exclusiva de mulheres brancas de classe média, mas sim como um movimento que deve abranger todas as mulheres, independentemente de raça, classe social ou orientação sexual. Segundo a autora, o feminismo é um movimento plural que busca a igualdade de direitos e oportunidades para todas as pessoas, independentemente de gênero, raça, classe social ou orientação sexual. Em suas reflexões, a autora adverte para o fato de que dentro do movimento feminista existem diferentes correntes e abordagens que buscam combater as desigualdades de gênero. Entre elas, cita o feminismo liberal, uma dessas correntes, que defende a igualdade de oportunidades e a garantia dos mesmos direitos para homens e mulheres. Tal abordagem contribui para “ampliar a participação das mulheres na economia capitalista, bem como assegurar a igualdade política” (hooks, 2018, p. 42).

Já o feminismo radical acredita que a raiz da desigualdade entre homens e mulheres está no patriarcado e na dominação masculina. Para essa corrente, a luta feminista deve ser uma “luta contra o poder e a dominação masculina em todas as esferas da vida” (hooks, 2018, p. 49). Conforme destacado por hooks (2018, p. 73), essa abordagem “reconhece a importância da raça, bem como o gênero, na luta contra a opressão”. Há, ainda, o feminismo lésbico, que tem como objetivo lutar contra a opressão e a invisibilidade das mulheres lésbicas na sociedade. Segundo a autora, essa corrente busca “proporcionar às mulheres lésbicas a capacidade de afirmar a existência de sua sexualidade e da importância dela em suas vidas” (hooks, 2018, p. 84). Outra corrente importante é o feminismo queer, que busca desconstruir as normas de gênero e ampliar a visibilidade e o respeito às diversidades de identidade de gênero e orientação sexual. De acordo com hooks (2018), o feminismo queer busca rejeitar a norma de gênero binária, que restringe as possibilidades para a expressão da sexualidade e do desejo.

No que se refere à luta das mulheres trabalhadoras, os estudos realizados por Cisne (2015) apresentam subsídios importantes para o debate em torno da relação entre classe social, luta de classes, formação da consciência e opressão de gênero, no contexto brasileiro. Segundo Cisne (2015), a opressão de gênero está diretamente ligada à exploração de classe no

sistema capitalista. A análise dessa relação é essencial para a compreensão da opressão de gênero e da construção da consciência feminista. Além disso, a autora ressalta a importância da luta de classes na transformação social e na construção da consciência feminista. A formação da consciência feminista envolve a compreensão das relações sociais de gênero, a identificação da opressão e a construção de uma perspectiva crítica em relação ao sistema (Cisne, 2015). A reflexão crítica sobre as relações sociais e a própria condição de opressão das mulheres é fundamental nesse processo. Outro ponto abordado pela autora é a análise das formas de resistência das mulheres trabalhadoras (Cisne, 2015). Essa análise é importante para a compreensão da luta de classes e para a construção da consciência feminista. É preciso reconhecer e valorizar a luta das mulheres trabalhadoras, que, muitas vezes, são invisibilizadas na história oficial.

Outro ponto a ser destacado é de que ao optar por investigar tal temática num espaço não formal de EPT, no caso um coletivo de mulheres “trabalhadoras”, buscamos produzir subsídios teóricos e metodológicos que fomentem e inspirem o desenvolvimento de práticas educativas oriundas das demandas das participantes e que possibilitem novas perspectivas, bem como a reflexão crítica sobre as relações de poder e opressão que permeiam a sociedade. A inclusão de perspectivas interseccionais que consideram as múltiplas formas de opressão e marginalização que afetam as mulheres é essencial para garantir uma formação mais inclusiva e igualitária. Além disso, a inclusão de práticas educativas que abordem os feminismos plurais e os mulherismos em espaços não formais da EPT pode contribuir para a formação de trabalhadoras engajadas e críticas, capazes de reconhecer as desigualdades de gênero presentes no mundo do trabalho e de lutar por mudanças efetivas. Portanto, é fundamental que as instituições de EPT se comprometam com a inclusão de perspectivas feministas em seus programas e práticas educativas, garantindo uma formação mais inclusiva, igualitária e crítica.

Segundo dados do Ministério da Igualdade Racial (Brasil, 2023), as mulheres negras representam apenas 4,7% dos estudantes matriculados em cursos técnicos no Brasil. Isso evidencia a necessidade de espaços que possam acolher e formar trabalhadoras negras em áreas tecnológicas e profissionais, contribuindo para a redução das desigualdades de gênero e raça. Dito isso, no decorrer deste estudo, partimos do entendimento da relevância dos espaços coletivos para o fortalecimento do movimento feminista e para a formação de trabalhadoras em contextos não escolares da EPT.

Segundo a antropóloga Gonzalez (2018, p. 45): “as mulheres negras precisam se unir para combater as opressões que as acometem em todas as esferas da vida.” Portanto, os

espaços coletivos são uma forma de empoderamento das mulheres e de construção de alternativas para a transformação social. Como defende hooks (2018, p. 39), “o feminismo é uma luta coletiva, que deve incluir mulheres de diferentes raças, classes e orientações sexuais.” Tais espaços se configuram enquanto resistência e enfrentamento às opressões e discriminações sofridas pelas mulheres, em especial, no mundo do trabalho. Nesse sentido, a criação de coletivos de mulheres trabalhadoras é fundamental para a promoção da equidade de gênero e da diversidade nos espaços de formação profissional e tecnológica.

Para aprofundar o debate sobre o feminismo negro no Brasil, é essencial considerarmos as reflexões apontadas nas obras de Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, as quais revelam as intersecções complexas entre racismo, sexismo e classe social. Carneiro (2011) argumenta que o movimento feminista brasileiro, historicamente, secundarizou a temática da mulher negra, tratando-a como uma questão menor dentro da luta geral das mulheres. Essa abordagem desconsidera a realidade de que, em um país onde as afrodescendentes compõem aproximadamente metade da população feminina, as desigualdades de raça e gênero se entrelaçam de maneira a criar desvantagens específicas para as mulheres negras. Essa marginalização dentro do próprio movimento feminista é ainda mais evidente no mundo de trabalho, onde as mulheres negras enfrentam barreiras adicionais, não apenas no acesso e na promoção, mas, também, na ocupação de cargos qualificados. A autora destaca que critérios subjetivos como "boa aparência" frequentemente são usados como eufemismos para justificar a preferência por mulheres brancas, muitas vezes loiras, perpetuando um ciclo de exclusão e subordinação (Carneiro, 2011). Essa situação evidencia a necessidade de um movimento feminista que reconheça e enfrente a interseccionalidade de opressões, compreendendo que as experiências de mulheres negras não podem ser reduzidas às mesmas categorias que as de mulheres brancas. Na continuidade de suas análises, a autora utiliza a expressão “matriarcado da miséria”, a qual foi cunhada pelo poeta negro e nordestino Arnaldo Xavier:

A expressão “matriarcado da miséria” foi cunhada pelo poeta negro e nordestino Arnaldo Xavier para mostrar como as mulheres negras brasileiras tiveram sua experiência histórica marcada pela exclusão, pela discriminação e pela rejeição social, e revelar, a despeito dessas condições, o seu papel de resistência e liderança em suas comunidades miseráveis em todo o país (Carneiro, 2011, p. 120).

Em suas análises, Carneiro (2011) ilustra como as mulheres negras, apesar de uma história marcada pela exclusão e discriminação, têm desempenhado papéis fundamentais de resistência e liderança em suas comunidades. A autora utiliza esse termo para evidenciar que,

mesmo em condições de extrema pobreza, essas mulheres têm sido pilares de suas comunidades, enfrentando e resistindo às múltiplas formas de opressão que as afetam. Essa noção é alinhada com os estudos de Lélia Gonzalez, que também destacam a centralidade das mulheres negras na luta contra o racismo e o sexismo. Gonzalez (2020) argumenta que, embora as mulheres negras sejam marginalizadas, tanto social quanto economicamente, elas são protagonistas na resistência e transformação social, não apenas como vítimas, mas como agentes ativas de mudança.

Ao articular essas ideias de Gonzalez (2020) e Carneiro (2011), julgamos pertinente pontuar que a luta diante do "matriarcado da miséria" é uma forma de resistência que desafia as estruturas patriarcais e racistas. Tais lutas implicam que medidas concretas no âmbito das políticas públicas, quer seja no âmbito da educação e no mundo do trabalho. Cabe destacar que Gonzalez (2020) enfatiza a importância do feminismo negro como uma luta que não só busca igualdade de gênero, mas, também, uma reestruturação radical das relações sociais, onde o racismo e o sexismo são confrontados simultaneamente. Para González (2020), a experiência das mulheres negras na diáspora latino-americana, reflete uma resistência contínua, que se materializa tanto na luta política quanto na preservação cultural.

Diante do exposto, partimos do entendimento de que a análise de Carneiro (2011) complementa os estudos de Gonzalez (2020), ao destacar que o feminismo negro deve ser interseccional, abordando não apenas as questões de gênero, mas, também, as especificidades raciais e de classe que moldam as experiências das mulheres negras. Ao fazer isso, Carneiro (2011) chama a atenção para a necessidade de um reconhecimento político e social mais amplo das desigualdades raciais no mercado de trabalho, similar ao que foi alcançado no campo educacional com as políticas de cotas raciais para afrodescendentes, nas universidades (Carneiro, 2011). Assim, a integração das perspectivas de Carneiro (2011) e Gonzalez (2020) ilumina a importância de uma abordagem interseccional no feminismo negro, que reconheça e combata as múltiplas camadas de opressão que as mulheres negras enfrentam. Essa abordagem não só visa à igualdade, mas à equidade, buscando corrigir as injustiças históricas e estruturais que perpetuam a exclusão e a marginalização das mulheres negras na sociedade brasileira.

No artigo "A Classe Operária Tem Dois Sexos", Hirata e Kergoat (1994) desenvolvem uma crítica contundente à invisibilidade das mulheres nas análises tradicionais da classe operária, argumentando que elas costumam considerar a classe como uma entidade homogênea e predominantemente masculina. As autoras apontam que, ao ignorar a dimensão

de gênero, essas análises deixam de capturar as complexas interseções entre relações de classe e de sexo, resultando em uma compreensão limitada das dinâmicas sociais e econômicas (Hirata; Kergoat, 1994). Essa crítica é expandida no trabalho mais recente de Hirata (2018), intitulado "Gênero, Patriarcado, Trabalho e Classe", onde ela aprofunda a discussão sobre como as interseções entre gênero, patriarcado, trabalho e classe estruturam a economia e a sociedade, de maneira a perpetuar desigualdades. Hirata (2018) argumenta que o patriarcado e a divisão sexual do trabalho não operam apenas na esfera doméstica, mas estão profundamente enraizados nas estruturas de classe e trabalho, no capitalismo contemporâneo.

Segundo Hirata (2018), o patriarcado reforça as hierarquias de classe, ao determinar que as mulheres assumam certos tipos de trabalho, frequentemente mal remunerados e desvalorizados, contribuindo para a manutenção de um sistema econômico desigual. A autora destaca que, no contexto do neoliberalismo, a precarização do trabalho tem afetado de maneira desproporcional as mulheres, especialmente as de classes populares, que enfrentam uma dupla exploração: no mercado de trabalho e na esfera doméstica. O conceito de "sexagem", discutido por Hirata (2018), refere-se ao processo social pelo qual as mulheres são designadas para determinados trabalhos, baseados em seu gênero, reforçando tanto o patriarcado quanto as hierarquias de classe. Essa divisão sexual do trabalho é essencial para o funcionamento do capitalismo, pois garante uma reserva de mão de obra barata e flexível que pode ser explorada conforme as necessidades do mercado (Hirata, 2018).

Essa perspectiva complementa e aprofunda as discussões apresentadas por Hirata e Kergoat (1994) sobre a necessidade de uma abordagem interseccional para entender a classe operária e as relações de gênero. As autoras ressaltam que a classe operária não pode ser compreendida sem considerar as diferenças de gênero, uma vez que as experiências de homens e mulheres são moldadas por relações de poder que atravessam tanto o local de trabalho quanto a vida doméstica. As dinâmicas de gênero, portanto, são centrais para entender as práticas e representações da classe operária, pois influenciam as condições de trabalho, a consciência de classe e as formas de resistência (Hirata; Kergoat, 1994).

Hirata (2018) também discute como as políticas neoliberais exacerbam as desigualdades de gênero e classe, promovendo cortes em serviços públicos e aumentando a carga de trabalho não remunerado que recai sobre as mulheres. Essa situação reforça a dependência econômica das mulheres e perpetua ciclos de pobreza e exclusão social. Além disso, a autora argumenta que o trabalho de cuidado, essencial para a reprodução social,

continua a ser invisibilizado e desvalorizado no sistema capitalista, contribuindo para a perpetuação das desigualdades de gênero e classe (Hirata, 2018).

A ampliação do debate sobre o papel do gênero e do patriarcado nas relações de classe e trabalho é essencial para uma compreensão mais abrangente das desigualdades sociais contemporâneas. Hirata (2018) propõe que, para alcançar uma verdadeira emancipação social, é necessário desafiar tanto o patriarcado quanto as estruturas capitalistas que sustentam a exploração e a desigualdade. A integração dessas perspectivas oferece uma visão mais complexa das dinâmicas de poder, mostrando que gênero e classe são dimensões interligadas, que estruturam profundamente a sociedade. Dessa forma, as discussões de Hirata (2018) e Hirata e Kergoat (1994) fornecem uma base teórica robusta para entender como as dinâmicas de gênero e classe se entrelaçam e como elas podem ser transformadas para promover uma sociedade mais justa e equitativa. As autoras destacam a importância de políticas e práticas que reconheçam e enfrentem essas intersecções de opressão, buscando a justiça social e a igualdade de gênero.

A realizar essa breve incursão, enfocando mulheres, na próxima seção apresentamos o mapeamento sobre como tal temática tem sido pautada no contexto do Programa de pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, ao qual a presente pesquisa está vinculada.

1.3. MAPEAMENTO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS VOLTADAS A MULHERES TRABALHADORAS, DESENVOLVIDAS NO PROFEPT

Ao percorrer a busca por dissertações e produtos educacionais para o aprofundamento da pesquisa, foram encontradas, no Observatório do ProfEPT, 16 pesquisas.

Quadro 1 – Dissertações e Produtos Educacionais produzidos no ProfEPT
(Descritores utilizados: mulher/mulheres – Período: 2017-2022).

ANO	INSTITUIÇÃO ASSOCIADA	TÍTULO	AUTOR/A	PRODUTO EDUCACIONAL
2019	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco	Narrativas de Mulheres-engenheiras sobre formação profissional e mundo do trabalho: reflexões e contribuições para o curso de Engenharia de um Instituto Federal	Denise Valeria Oliveira Nunes	Documentário
2019	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe	Estudo de Relações de Gênero na Educação Profissional: desconstruindo estereótipos para promover a equidade	Ieda Fraga Santos	Aplicativo
2019	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina	Frida Kahlo e as mulheres privadas de liberdade	Juliana Pansera Espindola	Curso de Formação Continuada
2019	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande Do Sul	A emergência das mulheres na ação comunitária: narrativas, feminismos e direitos humanos	Thais Teixeira Da Silva	Cartilha/ Minicurso
2020	Instituto Federal Sul-Rio-Grandense	Mulheres na EJA/EPT (Proeja): uma aproximação a partir das histórias de vida	Aline Severo Da Silva	Podcast
2020	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina	Mulheres Sim: análise da inclusão e emancipação na voz das egressas do IFSC - São Miguel do Oeste	Adriana Regina Vettorazzi Schmitt	Site
2020	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará	Práticas Interdisciplinares entre a história e a geografia na EPT: uma discussão sobre as mulheres negras e o trabalho no Ensino Médio Integrado	Brenda Cardoso de Oliveira	Sequência Didática
2020	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – Campus São Vicente Do Sul	Um olhar sobre a inclusão das mulheres no curso Técnico Integrado em Agropecuária do Instituto Federal Farroupilha – Campus São Vicente do Sul	Gisele Mello Balsamo	Vídeo
2020	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Riograndense – Campus Sapucaia do Sul	Relações de Gênero na Educação Profissional Tecnológica: mapeamento das Violências sofridas por mulheres no Campus Sapucaia do Sul do IFSUL	Gislaine Gabriele Saueressig	Vídeo
2020	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe	Abya Yala Em Jogo: uma visão decolonial da história de mulheres de Abya Yala no ensino de língua espanhola	Gabrielle Tavares Pereira	Jogo

2020	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano	A participação das mulheres na gestão do IF – Goiano Campus Urutai: uma perspectiva Histórica (1953-2019)	Mariana Lucas Mendes	Manual/ Texto De Apoio
2021	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte	O empoderamento feminino no Campo: a trajetória das mulheres camponesas na agrovila Paulo Freire no Município De Mossoró – RN	Giselia Batista de Oliveira	Documentário
2021	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná	Mulheres presentes: a trajetória da mulher na docência nas áreas de Exatas, da Terra e Engenharias no IFPR – <i>Campus Curitiba</i>	Elisete Lopes Cassiano	Livro Digital
2021	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná	Conceitos naturalizantes da Violência contra mulheres na Música: um olhar necessário à formação integral na EPT	Luciana da Silva Rodrigues	Livro Digital
2021	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo	Mulheres na Ciência e Tecnologia: a “visibilidade” do Trabalho feminino como estímulo à percepção e perspectivas os estudantes da Educação Profissional e Tecnológica	Isabel Cristina da Silva	Vídeo
2022	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro	Obstáculos para mulheres no mundo do trabalho: um olhar do Feminismo Marxista e da Educação Profissional e Tecnológica	Susana Victor da Costa	Vídeo

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024).

Com base na leitura dos resumos das pesquisas acima elencadas, constatamos que a abordagem da temática trabalho, mulheres e educação profissional, é bastante incipiente no ProfEPT. Salientamos, ainda, que também não localizamos nenhuma dissertação ou algum produto educacional que tenha como foco as trajetórias e as demandas de mulheres egressas de cursos de FIC na rede federal de EPT. Logo, ao problematizarmos o empoderamento feminino a partir da escuta de mulheres que integram o Coletivo de Mulheres Mãos que Criam, o qual é oriundo do PMM, oferecido pelo IFRS – *Campus Viamão*, reportamos aos estudos de Cisne (2015), que pontua o quanto as desigualdades de gênero são naturalizadas e (re)produzidas no contexto da sociedade capitalista, mas, também, as possibilidades de resistência contra tais processos hegemônicos. Em suas análises, adverte para a relevância desses espaços enquanto estratégia de luta das mulheres em busca de equidade e emancipação.

A relevância do feminismo ganha maior visibilidade quando compreendemos que as mulheres são, segundo Mézáros (2002), 70% dos pobres do mundo. São também as maiores vítimas da precarização do trabalho e das políticas públicas. São elas que enfrentam as filas de madrugada nos hospitais públicos para levarem seus(suas) filhos(as), bem como em busca de vagas nas escolas; são muitas delas que não chegam à previdência, seja por serem as que mais se encontram na informalidade, nos empregos mais precarizados sem direitos trabalhistas assegurados, ou até mesmo por não terem sequer as suas documentações, especialmente as rurais; são elas que estão no cotidiano da assistência social buscando a garantia mínima das condições de sobrevivência da sua família. Acreditamos que a identificação de focos de resistência e de sujeitos políticos coletivos contrários ao capitalismo, ao racismo e ao patriarcado, é um fecundo meio para percebermos a existência de aliados políticos que oxigenam nossa luta pela emancipação humana (Cisne, 2015, p. 18).

Quanto à relação entre tais debates com o mundo do trabalho, a autora enfatiza:

A análise da condição da mulher no mundo do trabalho não é uma questão de ordem linguística ou meramente gramatical. Ou seja, não se trata, apenas, de ressaltar que além de trabalhadores, existem trabalhadoras na composição da classe. Trata-se de analisar como as mulheres sofrem uma exploração particular, ainda mais intensa do que a dos homens da classe trabalhadora e que isso atende diretamente aos interesses dominantes. Da mesma forma, podemos utilizar essa reflexão para a questão étnico-racial. O racismo é também um dos elementos fundamentais para desvelarmos os mecanismos de dominação e exploração de classe. Essa percepção da heterogeneidade da classe nos possibilita engendrar táticas que podem se traduzir “em práticas reivindicatórias diferenciadas e autônomas, desfazendo a centralização e a hierarquização que tornam invisíveis as formas de resistência de uma parte da classe operária” (Souza-Lobo, 2011, p. 79). Até mesmo porque “as formas de submissão e revolta” são “atravessadas sempre pelas relações de gênero e pela divisão sexual do trabalho” (Souza-Lobo, 2011, p. 98), o que torna essas dimensões indispensáveis para a elaboração de estratégias coletivas de enfrentamento (Cisne, 2015, p. 25).

Conforme o acima exposto, é preciso ampliar os estudos mediante uma análise aprofundada da condição das mulheres no mundo do trabalho, reconhecendo a exploração intensa e particular que enfrentam. Nesse contexto, como citado anteriormente, surgiu a proposta desta pesquisa, a qual foi desenvolvida no âmbito do ProfEPT, na linha de Práticas Educativas em EPT. Tal estudo foi pautado pela escuta atenta das mulheres trabalhadoras, buscando compreender suas experiências, suas demandas e seus desafios no âmbito da educação profissional. Partimos do entendimento de que o acesso a direitos fundamentais, entre os quais, a EPT, constitui numa importante ferramenta para o empoderamento. Ao mesmo tempo, consiste numa oportunidade de emancipação das mulheres, contribuindo para a sua autonomia e a sua valorização, em particular, no âmbito do mundo do trabalho. Dessa forma, o estudo buscou ampliar o conhecimento no campo da EPT, colocando em foco a equidade de gênero e a valorização das mulheres trabalhadoras.

Articulando os referenciais teóricos com a análise reflexiva a partir da escuta atenta e das mulheres participantes desta pesquisa, sistematizamos os dados produzidos mediante a elaboração de um produto educacional com subsídios teóricos e práticos voltados ao aprimoramento de práticas educativas que promovam a inclusão e a justiça social, impulsionando a transformação do mundo do trabalho em um espaço mais igualitário e emancipatório.

2 METODOLOGIA

A presente investigação está vinculada à linha de pesquisa de Práticas Educativas em EPT, do ProfEPT, ofertado em rede pelo IFRS – *Campus* Porto Alegre, a qual compreende estudos sustentados no trabalho como princípio educativo e na pesquisa como princípio pedagógico, em espaços formais e não formais. Conforme definido no Regulamento do referido Programa de Pós-Graduação, tal linha de pesquisa congrega projetos que abordam questões relacionadas à Educação de Jovens e Adultos – EJA, à Educação Indígena, à Educação e Relações Étnico-raciais, à Educação Quilombola, à Educação do Campo, às Questões de Gênero e à Educação para Pessoas com Deficiências – PCDs e sua relação com as diversas práticas do mundo do trabalho (IFRS, 2019).

Nesse enfoque, o Coletivo de Mulheres Mãos que Criam. O coletivo teve origem em meados de 2014 e 2015, a partir da participação no Curso de FIC de Cuidador Infantil, oferecido pelo IFRS – *Campus* Viamão, entre os anos de 2014 e 2015. Na ocasião, a pesquisadora atuou como docente em tal espaço e desde então possui contato com o coletivo que desenvolve outras ações em parceria com o IFRS – *Campus* Viamão.

Quanto aos percursos metodológicos da pesquisa, buscamos embasamento nos estudos de Gerhardt e Silveira (2009) e, quanto à abordagem, a presente investigação se caracteriza como uma pesquisa qualitativa. Com relação à natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, uma vez que visou gerar conhecimentos para aplicação prática, em especial, inspirando outras iniciativas de ensino no contexto da EPT. Já com relação aos objetivos, a presente investigação se caracteriza como um estudo de caráter exploratório e qualitativo.

De acordo com Gil (2002), o delineamento da pesquisa buscou expressar, em linhas gerais, o seu desenvolvimento, o que, neste caso, incluiu os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa participante.

No que se refere à pesquisa bibliográfica, o autor ressalta que é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (Gil, 2002, p. 45). Neste caso, a pesquisa bibliográfica incluiu a revisão de literatura, a partir do mapeamento de dissertações disponibilizadas no Observatório do ProfEPT, enfocando os conhecimentos prévios sobre mulheres e mundo do trabalho, equidade de gênero e espaços não formais de EPT. Para tanto, utilizei os descritores: Mulher/eres AND/OR Educação Profissional; Mulher/es AND/OR espaços não formais de Educação Profissional; Educação Profissional AND/OR Equidade de gênero. O período das análises contemplou estudos

desenvolvidos nos últimos cinco anos, considerando o período de vigência do atual Projeto Pedagógico do Curso (IFRS, 2019).

Quanto à pesquisa documental, Gil (2002) menciona que se assemelha muito à pesquisa bibliográfica, contudo, adverte que a diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Segundo o autor, enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental se vale de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados, conforme os objetos da pesquisa. Com base em tais premissas, o presente estudo incluiu o mapeamento das políticas públicas em educação, voltadas especificamente para a promoção da equidade de gênero no âmbito da rede federal de EPT e, em específico, as políticas institucionais do IFRS, voltadas à promoção da equidade de gênero em ações desenvolvidas em espaços formais e não formais.

No que se refere à pesquisa com as egressas, o estudo foi caracterizado pela interação entre pesquisadores/as e membros/as das situações investigadas mediante a realização de rodas de conversas e entrevistas estruturadas realizadas individualmente. Tais entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas articulando com os referenciais teóricos. Além disso, foram feitos registros em diário de campo com anotações e fotografias, sendo que estas últimas foram produzidas mediante o consentimento prévio das participantes. Conforme citado, o estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do IFRS e seguiu todos os protocolos para a pesquisa com seres humanos.

Além da revisão de literatura e mapeamento de conhecimentos prévios, aprendizagens compartilhadas e demandas apontadas por mulheres que participam do Coletivo Mãos que Criam, situado em Viamão – RS. A pesquisa contou com a participação voluntária, por adesão, do seguinte universo de mulheres:

Quadro 2 – Grupos de mulheres participantes, universo da pesquisa e critérios de inclusão e exclusão.

Descrição do grupo	Critérios de inclusão	Critérios de exclusão
<p>Grupo 1</p> <p>Mulheres integrantes da equipe fundadora do coletivo e/ou da gestão atual: previsão de participação de cinco mulheres</p>	<p>a) Sujeitos que se identificam como mulheres e com idade superior a 18 anos;</p> <p>b) Manifestar interesse e/ou disponibilidade de participar do estudo, mediante a assinatura prévia do TCLE;</p> <p>c) Ter vínculo com o Coletivo Mãos que Criam, em especial, ter participado do processo de sua criação, a partir do Curso de FIC, ofertado pelo <i>Campus Viamão</i>, entre 2014 e 2015;</p> <p>d) Atuar e/ou ter atuado como integrante da equipe de gestão do Coletivo de Mulheres Mãos que Criam.</p>	<p>a) Sujeitos que se identificam como mulheres e com idade inferior a 18 anos;</p> <p>b) Manifestar que não possui interesse e/ou disponibilidade para participar do estudo.</p>

<p>Grupo 2</p> <p>Mulheres artesãs integrantes do Coletivo Mãos que Criam. Universo de participantes: previsão de participação de um total de 10 mulheres integram e/ou integraram a equipe gestora do Coletivo Mãos que Criam, nos últimos seis meses.</p>	<p>a) Sujeitos que se identificam como mulheres e com idade superior a 18 anos; b) Manifestar interesse e/ou disponibilidade de participar do estudo, mediante a assinatura prévia do TCLE; c) Ter vínculo com o coletivo e, preferencialmente, ter participado do Curso de FIC, ofertado pelo <i>Campus</i> Viamão, entre 2014 e 2015; d) Atuar e/ou ter atuado como integrante do Coletivo de Mulheres Mãos que Criam, no mínimo, durante os últimos seis meses.</p>	<p>a) Sujeitos que se identificam como mulheres e com idade inferior a 18 anos; b) Manifestar que não possui interesse e/ou disponibilidade para participar do estudo.</p>
<p>Grupo 3</p> <p>Integrantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade – NEPGS dos <i>Campi</i> do IFRS – Viamão e Porto Alegre – 15 participantes</p>	<p>a) Possuir idade superior a 18 anos; b) Manifestar interesse e/ou disponibilidade de participar do estudo, mediante a assinatura prévia do TCLE; c) Ter vínculo com o NEPGS do IFRS – <i>Campus</i> Viamão ou Porto Alegre.</p>	<p>a) Possuir idade inferior a 18 anos; b) Manifestar que não possui interesse e/ou disponibilidade para participar do estudo.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024).

As mulheres que integram os grupos 1 e 2, anteriormente descritos, foram convidadas a participarem voluntariamente deste estudo, por meio de entrevista estruturada (APÊNDICE B), realizada individualmente, mediante contato inicial com a pesquisadora e assinatura prévia do TCLE (APÊNDICE A). Na sequência, os dados produzidos foram sistematizados em categorias, tomando como referência os estudos realizados por Bardin (2016), cujas análises subsidiaram a elaboração de propostas de oficinas temáticas a serem desenvolvidas em parceria com o Coletivo de Mulheres. O Quadro 3 apresenta o roteiro de entrevista realizado com as mulheres que integram os Grupos 1 e 2.

Quadro 3 – Estrutura do roteiro de entrevista com mulheres do grupo 1 e 2.

Categoria prévia para fins de análise	Questões
Trajetória pessoal	Fale um pouco sobre quem é você (idade, gênero, raça/etnia e escolaridade, atividade que realiza, etc.).
Dificuldades e desafios enfrentados no contexto escolar e no mundo do trabalho	<p>Você enfrenta ou já enfrentou dificuldades para frequentar a escola? Em caso afirmativo, quais foram?</p> <p>Se você tivesse oportunidade de continuar estudando, que curso(s) você gostaria de frequentar?</p> <p>Você exerce alguma atividade remunerada? Em caso afirmativo, descreva brevemente?</p>
Motivações e atividades no Coletivo	Conte um pouco sobre suas motivações e há quanto tempo você integra

de Mulheres	<p>o Coletivo de Mulheres Mãos que Criam.</p> <p>Descreva que atividades você realiza e/ou gosta de participar no Coletivo Mãos que Criam.</p> <p>Na sua opinião, qual o papel do Coletivo de Mulheres, em especial, na promoção da equidade de gênero, tanto na educação quanto no mundo do trabalho?</p>
--------------------	--

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024).

Os roteiros para as oficinas temáticas foram planejados a partir da escuta das mulheres (aplicação de entrevista estruturado) e de diálogos com a atual gestão do coletivo, para fins de consolidação da proposta, num encontro presencial, em julho de 2023. Após o encontro com as atuais lideranças, a pesquisadora sistematizou as demandas apontadas, mediante a elaboração de roteiros para a realização de quatro oficinas temáticas, realizadas com o Coletivo de Mulheres, incluindo atividades diversas, como círculo da cultura, dinâmicas com música, etc.

Os dados produzidos foram sistematizados por meio da elaboração de um produto educacional (APÊNDICE D), no formato de um guia, o qual está sendo disponibilizado, de forma pública e gratuita, no Portal de Objetos Educacionais Abertos – EduCAPES e no Observatório do ProfEPT. Tal produto foi submetido à avaliação dos integrantes do NEPGS, do *Campus* Porto Alegre/IFRS, do Núcleo de Ações Afirmativas – NAFFs, do *Campus* Viamão/IFRS e, também, das egressas de curso de FIC, que integram o Coletivo Mãos que Criam. Para tanto, o instrumento utilizado foi um questionário estruturado, acessado pelos/as participantes voluntários/as, via *Google Forms* (APÊNDICE C). A escolha das questões que integram o questionário estruturado para fins de avaliação do produto educacional (APÊNDICE E) buscou contemplar os critérios apontados por Leite (2020), conforme Quadro 4.

Quadro 4 – Critérios para a avaliação do produto educacional.

Questões para avaliação do produto educacional	
(A) Estética e organização do material educativo	Promove o diálogo entre o texto verbal e o visual? Apresenta um texto atrativo e de fácil compreensão? Promove uma leitura dinâmica com informações técnicas, na mesma proporção que é didático? O embasamento teórico do material está em consonância com a forma escolhida para se comunicar com o leitor? Cuidado com a escrita do texto respeitando a diversidade?
(B) Capítulos do material educativo	Apresenta capítulos interligados e coerentes? Explicita na apresentação do Material Educativo a origem, os objetivos e o público alvo do material educativo? A introdução explica o referencial teórico a ser utilizado, a concepção que embasa o material educativo e os capítulos que o compõem?
(C) Estilo de escrita apresentado no material educativo	Apresenta conceitos e argumentos claros? Apresenta escrita acessível, evitando palavras desnecessárias e difíceis de entender? Explica todos os termos técnicos e expressões científicas? Estrutura as ideias facilitando o entendimento do assunto tratado? O texto escrito é atrativo e estimula a aprendizagem do leitor? As atividades propostas contribuirão com a Educação Científica do professor e, conseqüentemente, a ampliação de suas práticas pedagógicas? O material educativo colabora com o debate sobre as repercussões, relações e aplicações do conhecimento científico na sociedade? Utiliza diferentes linguagens, contemplando a diversidade linguística (figuras, artigos científicos, quadrinhos, etc.)?
(D) Conteúdo apresentado no material educativo	A forma de apresentar os referenciais teóricos utilizados é clara e de fácil entendimento? O texto promove a leitura dinâmica, com informações técnicas, na mesma proporção com o que é didático?
(E) Propostas didáticas apresentadas no material educativo	As perguntas feitas são possíveis de serem respondidas? As perguntas suscitam reflexões? As atividades propostas contribuirão com a Educação Científica dos alunos? Está evidenciada nas questões a relações entre forma (elementos que compõem a linguagem, como balões, legendas, onomatopeias, etc.) e conteúdo (o assunto apresentado pelo artista), nos quadrinhos? As atividades problematizam o conteúdo apresentado no material educativo? As atividades colaboram com o debate sobre as repercussões, relações e aplicações do conhecimento científico na sociedade? As atividades utilizam diferentes linguagens, contemplando a diversidade linguística (figuras, infográficos, textos científicos, textos jornalísticos, histórias em quadrinhos, charges, cartuns, etc.)? Atividades são atrativas e estimulam a curiosidade e a aprendizagem do/a leitor/a? O/a leitor/a precisa ter algum conhecimento prévio para compreender o assunto abordado? Podem ser adaptadas para serem utilizadas por alunos/as do Ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos?
(F) Críticidade apresentada no material educativo -	Contempla atividades em que as atitudes e o posicionamento político e social são trabalhados? Propõe reflexão sobre a realidade do/a leitor/a, levando-o/a a questionar o modelo de sociedade vigente? Colabora com o debate sobre as repercussões, relações e aplicações do conhecimento científico na sociedade? Reforça a ideologia dominante da sociedade atual? Pode ser usado em processos de formação de professores/as? O material textual aborda aspectos históricos, políticos, culturais, sociais e ambientais?

Fonte: Leite (2020).

No que se refere à ética na pesquisa, convém destacar que o projeto foi aprovado pelo CEP do IFRS e seguiu todos os protocolos para a participação das mulheres, cuja adesão foi voluntária, mediante preenchimento prévio do TCLE (APÊNDICE A) (conforme Parecer Consubstanciado CEP/IFRS nº 67376123.2.0000.8024, datado de 03/03/2023).

A pesquisa foi realizada com as egressas do Curso de FIC em EPT, oferecido pelo IFRS – *Campus* Viamão, no período de 2014 e 2015. Tais cursos, previstos no Art. 42 da

LDBEN (Brasil, 1996), consistem na oferta de FIC ou qualificação profissional, por meio de cursos de livre oferta, abertos à comunidade, com matrículas condicionadas à capacidade de aproveitamento da formação, e não necessariamente ao nível de escolaridade. Esses cursos não possuem carga horária preestabelecida e podem apresentar características diversificadas em termos de preparação para o exercício profissional de algumas ocupações básicas do mundo do trabalho ou relacionadas ao exercício pessoal de atividades geradoras de trabalho e renda. Quando organizados pelo sistema educacional dentro de um itinerário formativo, com o intuito de possibilitar continuidade de estudos, os cursos de FIC ou qualificação profissional possuem regulamentação quanto à carga horária, estabelecendo uma duração mínima de 160 horas, conforme o § 1º do Art. 3º do Decreto nº 5.154/2004 (Brasil, 2004), alterado pelo Decreto nº 8.268/2014 (Brasil, 2014).

O perfil profissional de conclusão dos cursos de FIC ou qualificação profissional deve corresponder a perfis necessários ao exercício de uma ou mais ocupações com identidade reconhecida pelo mundo do trabalho. Eles devem garantir a profissionalização em determinada área e, ao mesmo tempo, o contínuo e articulado aproveitamento de estudos nos diferentes níveis da educação nacional. É relevante destacar que a FIC ou qualificação profissional, assim denominada na LDBEN, também possui a denominação de “qualificação profissional, inclusive formação inicial e continuada de trabalhadores”, conforme determinado no Decreto nº 5.154/2004, alterado pelo Decreto nº 8.268/2014 (Brasil, 2014).

Podem oferecer cursos de FIC ou qualificação profissional as instituições que compõem as redes federal, estaduais, distrital e municipais de EPT; os Serviços Nacionais de Aprendizagem – SNAs; as instituições privadas de EPT; e as escolas habilitadas para oferta de cursos no PRONATEC. Além dessas instituições, os cursos livres podem ser oferecidos por empresas, associações de classe, sindicatos, igrejas, entre outros.

Como salientado anteriormente, a presente investigação foi realizada com egressas do curso FIC/EPT, que integram o Coletivo Mãos que Criam. Esse coletivo surgiu em 2014, quando o IFRS – *Campus* Viamão ofertou cursos de FIC que dialogavam com os arranjos locais, considerando as características do município de Viamão, localizado na região metropolitana da capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Na época, Viamão, sendo o sétimo município mais populoso da região e o maior em extensão territorial da Região Metropolitana de Porto Alegre, possuía uma população majoritariamente feminina, na faixa etária de 20 a 29 anos. O cuidado, tradicionalmente associado às mulheres, foi evidenciado na demanda por cursos como Cuidador de Idosos e Cuidador Infantil. Foram

ofertadas 30 vagas por turma, com exigência mínima de escolaridade, o Ensino Fundamental concluído. As aulas ocorreram em quatro encontros semanais presenciais, distribuídos em módulos que abrangiam desde Orientação Profissional e Cidadã até às especificidades do cuidado exigidas pelos cursos. Além das aulas, atividades extras, como visitas técnicas, ampliaram os vínculos entre as participantes, cujas afinidades e amizades continuaram após a conclusão do curso.

Ao final, as turmas estavam altamente integradas e ávidas por mais oportunidades. Algumas seguiram o itinerário formativo, buscando qualificação técnica; outras, mesmo diante de limitações, conseguiram acessar a graduação. Parte do grupo, optou por se fortalecer coletivamente, reunindo seus saberes prévios, como habilidades manuais para pintura, crochê, tricô, cozinhar e fazer hortas solidárias. Dessa necessidade de se manterem atuantes, surgiu, numa tarde fria e chuvosa de agosto de 2015, o coletivo de Mulheres Artesãs Mãos que Criam: um espaço informal para empoderamento, acolhimento e troca de saberes. Em 2020, com a pandemia da COVID-19, o número de integrantes do coletivo, que inicialmente contava com oito componentes e tinha uma circulação de 40 mulheres, multiplicou-se. Esse crescimento se deu, em grande parte, pelo acolhimento oferecido diante do aumento da violência doméstica, das vulnerabilidades e da falta de alimentos e trabalho.

Entre as fundadoras do coletivo, destacam-se Luciana Andrades Raldi e Durbe Marli, que foram incansáveis na mobilização comunitária para a arrecadação de alimentos, roupas, materiais de higiene pessoal e doméstica. Fizeram parcerias com outros coletivos para encaminhamento de mulheres para atendimento psicológico e cuidados de saúde. Organizaram, junto às feiras ecológicas, a exposição de seus produtos e buscaram qualificação individual e coletiva junto ao Sindicato Rural e ao IFRS – *Campus Viamão*. Essas iniciativas visam instrumentalizar as participantes, ampliando seu ingresso no mundo do trabalho de forma consciente e sustentável.

O Coletivo Mãos que Criam, através de suas ações e de sua existência, convoca-nos a olhar para nós mesmas com amorosidade, respeitando nossa individualidade e a potência de nossa coletividade. Em 2022 e 2023, o coletivo foi parceiro na realização de oficinas pedagógicas voltadas ao empoderamento de mulheres, resultando na elaboração do presente produto educacional (APÊNDICE D). Na próxima seção, apresentaremos o roteiro de tais oficinas, elaboradas a partir da pesquisa e participação efetiva das mulheres artesãs.

3 ANÁLISE DOS DADOS – RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 SÍNTESE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM MULHERES DO COLETIVO MÃOS QUE CRIAM

Entre as premissas para a elaboração da pesquisa, partiu-se do entendimento de que, desde tempos remotos, o gênero pauta o lugar atribuído a homens e mulheres na sociedade, incluindo atravessamentos de raça/etnia e classe social. Historicamente, o lugar de cuidado é ocupado por mulheres, como mães, cuidadoras do lar, trabalhadoras domésticas, profissionais da educação e da saúde, entre outras atividades. Portanto, é imprescindível falar de empoderamento feminino, compreendendo a importância de agendas, como a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas – ONU (ONU, 2015), cujo quinto objetivo, além de fomentar a igualdade de gênero, prevê ações educativas voltadas ao empoderamento de todas as meninas e mulheres, tanto no âmbito da educação quanto no mundo do trabalho. Contudo, partimos do entendimento de que empoderar mulheres implica implementar os objetivos previstos na agenda para o desenvolvimento sustentável, em particular, visando ao combate a todas as formas de desigualdade, visto que mulheres e meninas são frequentemente as mais afetadas por essas disparidades.

O primeiro contato com o coletivo ocorreu na segunda quinzena de setembro de 2023 e, na ocasião, apresentamos a proposta da pesquisa e solicitamos a assinatura do TCLE (APÊNDICE A), conforme os protocolos éticos do IFRS (Parecer Consubstanciado nº 5.924.854 de 03/03/2023). Após a adesão voluntária das participantes, iniciamos o mapeamento de conhecimentos prévios e demandas e, para tanto, utilizamos o roteiro para a realização de entrevistas estruturadas com as participantes (APÊNDICE B), cujas questões foram organizadas, a partir das seguintes categorias: trajetória pessoal, dificuldades enfrentadas no contexto escolar e no mundo do trabalho, motivações e atividades no Coletivo de Mulheres (QUADRO 5).

Quadro 5 – Categorias do roteiro estruturado das entrevistas.

Categoria prévia para fins de análise	Questões
Trajetória pessoal	Fale um pouco sobre quem é você (idade, gênero, raça/etnia e escolaridade, atividade que realiza, etc.).
Dificuldades e desafios enfrentados no contexto escolar e no mundo do trabalho	<p>Você enfrenta ou já enfrentou dificuldades para frequentar a escola? Em caso afirmativo, quais foram?</p> <p>Se você tivesse oportunidade de continuar estudando, que curs (s) você gostaria de frequentar?</p> <p>Você exerce alguma atividade remunerada? Em caso afirmativo, descreva brevemente.</p>
Motivações e atividades no Coletivo de Mulheres	<p>Conte um pouco sobre suas motivações e há quanto tempo você integra o Coletivo de Mulheres Mãos que Criam.</p> <p>Descreva que atividades você realiza e/ou gosta de participar no Coletivo Mãos que Criam.</p> <p>Na sua opinião, qual o papel do Coletivo de Mulheres, em especial, na promoção da equidade de gênero. tanto na educação quanto no mundo do trabalho?</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024).

As histórias das mulheres do Coletivo Mãos que Criam, que participaram deste estudo, são tecidas com fios de luta, resiliência e uma busca incessante por dignidade e melhores condições de vida. Cada uma, com sua trajetória única, carrega consigo marcas profundas de desigualdade e superação. Juntas, encontraram no coletivo e no curso de cuidador do IFRS uma nova oportunidade de crescimento pessoal e profissional. A seguir, com base nos relatos das participantes, faremos uma breve apresentação de cada uma.

Tais dados foram produzidos a partir de realização de entrevista estruturada, realizada mediante a adesão voluntária das mulheres e o preenchimento prévio de TCLE (APÊNDICE A). Para garantirmos o anonimato e preservar a identidade de cada uma das mulheres, optamos por utilizar o codinome de flores, para nomeá-las. Cabe destacar que as flores representam muito mais do que apenas um enfeite bonito para as casas, eventos especiais, buquês, elas possuem diferentes significados associados a elas. Identificar, em especial, nossas participantes com nome de flor diz muito sobre a relação consciente que elas possuem com o meio ambiente, com as escolhas sustentáveis que utilizam em seu cotidiano, além da força e da delicadeza em ser uma mulher.

Magnólia: mulher preta, viúva, uma das fundadoras do Coletivo Mãos que Criam. Aos 75 anos relembra que sua trajetória profissional iniciou quando ela tinha menos de 8 anos, onde passou a cuidar do filho de uma vizinha, que trabalhava como costureira. Aos poucos, outras atividades domésticas, como lavar a louça, foram

introduzidas à vida da pequena Magnólia, ela relata que para lavar a louça precisava subir em um banquinho. E que muitas vezes ajudava a lavar as garrafas, raspando rótulos, dentro de um tanque, para que servissem de recipientes para armazenar bebidas, que eram comercializadas na cidade. Aos 11 anos, já era oficialmente uma babá, cuidando de uma criança. Aos 12 anos, já cuidava de duas crianças e de todas as lidas domésticas. Sua mãe foi quem lhe ensinou o ofício de uma profissional doméstica e dona de casa. Infelizmente, seus pais não tinham condições de lhe dar estudos, ela frequentou a escola até o terceiro ano primário, devido à precariedade financeira e pela dificuldade de acesso. Um episódio marcante da época de escola foi que sua professora lhe dava palmadas para que não escrevesse com a mão esquerda, muitas vezes copiava rápido enquanto a professora estava de costas para a turma, para não ser punida. Hoje, ela faz todas as atividades domésticas com a mão esquerda, mas o pouco que escreve é com a mão direita. Sua vida foi marcada por muito trabalho, e muitos sonhos frustrados, pois recorda que seu sonho era ter sido modista, sempre gostou da costura. Mas não conseguiu realizar esse sonho. Ao participar efetivamente do grupo Mãos que Criam, Magnólia se sente inspirada e motivada a aprender tanto atividades voltadas à culinária como os trabalhos artesanais, o que atualmente lhe auxilia a complementar a renda, pois recebe apenas a aposentadoria de um salário mínimo. O Coletivo de Mulheres Mãos que Criam assume importante papel no fortalecimento das participantes, ao estar sempre promovendo oficinas de artesanato, empoderamento feminino, acolhimento e outras atividades voltadas ao cuidado integral de todas as suas participantes e convidadas (excertos da entrevista realizada com a participante).

Dália: *“Tenho 69 anos, feminino, raça negra, natural de Porto Alegre, mas família do Alegrete. Trabalho como organizadora e limpeza de apartamentos, os quais são locados por Airbnb. Sou voluntária na igreja que frequento.”* Ressalta que, primeiro, precisa estar com sua espiritualidade em dia, para só depois ter forças para seguir. Sua história também foi marcada por atravessamentos: o casamento cedo, os filhos biológicos e os do coração, a falta de compreensão do companheiro, que a privou de seguir os estudos. Divórcio, muito trabalho, a realização como professora alfabetizadora de jovens e adultos em programa do município de Porto Alegre. A busca constante por aperfeiçoamento, que lhe renderam diversas formações, curso básico de inglês, espanhol, pintura em tecido, crochê, bordado em folhas de árvores, cursos de formação inicial e continuada de cuidador infantil, agroecologia, e tantos outros que fazem de Dália uma referência a muitas outras mulheres dentro e fora do Coletivo Mãos que Criam. Uma das poucas frustrações que alimenta é não ter conseguido terminar a graduação em Serviço Social. Mas mesmo sem o diploma, usa muito dos conhecimentos adquiridos na Universidade para auxiliar um número expressivo de mulheres. Acolhedora, falante, curiosa não percebe na idade um impeditivo para fazer aquilo que precisa ser feito. Usa sua experiência de vida para empoderar outras mulheres convidadas (excertos da entrevista realizada com a participante).

Sálvia: mulher preta, 71 anos, residente em Viamão, participante do Coletivo Mãos que Criam. Doméstica por profissão. Não teve condições de estudar, porque sua família era muito pobre, logo em tenra idade começou a trabalhar e ajudar sua mãe. Relata que ia para escola para comer, mas encontrava muitas dificuldades de acesso. Lembra com tristeza que tinha apenas um vestidinho, e quando aquele era lavado, ela ficava sem ter uma roupa para ir ao colégio: essas e outras dificuldades lhe afastaram da escola no quarto ano primário. Além disso, era seguidamente castigada pela professora, que lhe fazia colocar a face na parede, ou com joelhos no milho, porque faziam arte na escola. Hoje, tem consciência que sofreu *bullying* na escola, porque era tratada com piadas e gracinhas por estar sempre com a mesma roupa. Pensa que se tivesse estudado um pouco mais, não teria sido tão explorada. Compreende que a cor de sua pele foi um limitador para seguir os estudos, muito cedo percebeu que alguns corpos (negros, femininos) são tratados com extrema desigualdade. Ao longo desses últimos seis anos, como integrante do Coletivo Mãos

que Criad, refere ter aprendido muitas coisas diferentes, que gosta de ajudar e que se sente fortalecida junto das outras mulheres do grupo. Lá, elas podem cantar, sorrir, serem ouvidas e ainda podem comercializar os itens que produzem, o que lhe ajuda a incrementar a renda. Entende que o Coletivo Mãos que Criad auxilia todas as mulheres integrantes do grupo na geração de renda. Dália se preocupa com meio ambiente e sugere mais cursos voltados à reciclagem de materiais, pois incentivam as mulheres a protegerem a natureza (excertos da entrevista realizada com a participante).

Girassol: mulher negra de 42 anos, casada, integra o Coletivo Mãos que Criad há pouco mais de um ano. É Técnica em Radiologia, trabalhadora em saúde em uma instituição privada no município de Porto Alegre. No coletivo, produz peças em tecelagem, tricô e crochê, todos os seus produtos são comercializados em feiras solidárias nos municípios de Viamão e Porto Alegre. Girassol luta junto às integrantes do coletivo para que as artesãs possam ter mais visibilidade, lugares apropriados para exposição de seus produtos (excertos da entrevista realizada com a participante).

Sininho: mulher, 62 anos, juntou-se ao Coletivo Mãos que Criad em janeiro de 2023, quando, ao sair de São Paulo, firmou residência na cidade de Viamão. Sininho se orgulha ao contar que graças às suas pinturas em tecidos e ao crochê, criou seus filhos, e com muita luta conseguiu se formar no curso superior em Serviço Social. Os obstáculos que encontrou na faculdade estavam relacionados ao etarismo, mesmo assim se manteve firme. A artesã compreende que para o coletivo seguir sendo referência às integrantes, é necessário investir em aperfeiçoamento, matéria-prima de qualidade e oficinas permanentes (excertos da entrevista realizada com a participante).

Rosa: mulher branca, 52 anos, mãe, avó, viúva, dona de casa, moradora no bairro Santa Isabel, integrante ativa do Coletivo Mãos que Criad. Por ter encontrado muitas dificuldades financeiras em sua primeira infância e adolescência, só pode cursar até o 6º ano do Ensino Fundamental. Além disso, foi mãe muito jovem e seu esposo, na época, não a deixava estudar. Ela confia que seu sonho era ter cursado Serviço Social ou Terapia Ocupacional, para poder ajudar muitas pessoas. Encontrou no coletivo o acolhimento e a força que precisava para aprender coletivamente, aperfeiçoar-se, e confessa ser uma mulher muito feliz por fazer parte de um grupo em que uma se preocupa com a outra (excertos da entrevista realizada com a participante).

Margarida: mulher de 63 anos, define-se como raça mista, judaica, espanhola e africana. Fez vários cursos, desde pequena fez viagens internacionais e nacionais, foi apresentada a diferentes culturas. Na fase adulta, chegou a concluir três cursos superiores, entre eles, Serviço Social, Terapia Ocupacional e Psicologia. Artista plástica, confecciona bebês *reborns*, pintura em telas, tecidos e porcelana. Atuou, por muitos anos, como professora em projetos de reciclagem e hortas em assentamentos. Estar no coletivo, para Margarida, é uma maneira de compartilhar conhecimentos com as demais. Relata que a troca de experiências não só fortalece as mulheres, mas é capaz de produzir transformações essenciais em suas vidas (excertos da entrevista realizada com a participante).

Crisântemo: mulher de 44 anos, que se identifica como parda, é casada e possui filhos em idade adulta. Relata que abandonou a faculdade de Serviço Social na metade do curso. Atualmente, estuda no curso de Prótese Dentária, no qual passou a se identificar enquanto profissional. Paralelo a esse curso, também frequentou o curso de FIC de Agroecologia no IFRS – *Campus* Viamão. Integra o Coletivo que Criad, onde exerce a função de secretária. Crisântemo é cheia de vida, está sempre disposta a acolher, auxilia as mulheres do coletivo e, também, da comunidade onde mora. Acredita que todos devemos nos comprometer em ajudar o outro, e que nós

mulheres temos uma função importantíssima na transformação uma nas vidas das outras (excertos da entrevista realizada com a participante).

Tulipa: mulher de 26 anos, identifica-se como negra, possui Ensino Médio completo. Nutre o sonho de fazer a faculdade de Pedagogia. Casada, mãe e, por não ter onde deixar sua filha pequena, não consegue trabalhar. Faz parte do coletivo há mais de dois anos, juntou-se ao grupo motivada pelo desejo de melhorar suas condições financeiras e ter renda suficiente para ajudar nas despesas de casa. Tulipa sabe da importância do grupo no empoderamento de mulheres e pretende aproveitar todas as oportunidades para se qualificar em todas as oficinas e cursos promovidos pelo coletivo (excertos da entrevista realizada com a participante).

Flor de Lótus: mulher de 46 anos, que se identifica como negra, casada, mãe de uma filha, residente em Viamão. Possui formação em Educação do Campo, Ciências da Natureza. Atualmente ingressou no mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – área Educação e Ciências. Mesmo com esse percurso acadêmico, relembra que encontrou muitas dificuldades para chegar até aqui, a exemplo disso, cita que ainda hoje, mesmo com formação e sendo bolsista do programa, sua renda principal é obtida através do trabalho doméstico, fazendo faxinas duas vezes na semana. Flor de Lótus menciona que antes dos 10 anos de idade já cuidava de uma menina de 4 anos, além de reparar a criança enquanto desempenhava atividades domésticas. No sexto ano, por dificuldades financeiras e estar trabalhando, não conseguiu continuar os estudos. No ano seguinte recorreu ao EJA para concluir sua formação. Nesse momento, Flor de Lótus faz uma pausa e se emociona: *“É triste pensar que por falta de recursos financeiros, apoio, acesso tantas de nós ficam para trás”*. Ao passar pela perda precoce de sua irmã, reciclou sua maneira de bordar, fazendo com que sua arte fosse também informativa. Sua luta, determinação e necessidade por estar sempre aprendendo faz com que Flor de Lótus siga encorajando outras mulheres a estudarem, a se fortalecerem dentro de seus direitos, a cuidarem de sua saúde física e mental (excertos da entrevista realizada com a participante).

Os relatos das participantes ilustram a diversidade de perfis e experiências. A partir da escuta inicial das mulheres participantes, evidencia-se a necessidade de que as políticas públicas e práticas educacionais na EPT devem ser continuamente aprimoradas, para criar ambientes educacionais mais inclusivos e flexíveis. Isso inclui oferecer suporte financeiro, assistência para cuidados familiares, flexibilidade de horários e programas de assistência estudantil para mulheres que exercem atividades de cuidado (família, filhos, etc.). Como exemplo, as participantes relataram a importância da oferta de cursos, tais como de FIC, ofertados no PMM, ressaltando que tais iniciativas, na EPT, são essenciais para garantir que as mulheres possam superar as barreiras que enfrentam e alcançar seus objetivos educacionais e profissionais. A seguir, apresentaremos uma síntese das respostas das entrevistas (QUADRO 6).

Quadro 6 – Síntese das categorias de análise das entrevistas realizadas com as participantes.

Participante	Idade	Identidade	História de Vida e Trabalho	Trajatória escolar	Desafios Enfrentados	Sonhos e Aspirações	Experiência no Coletivo Mãos que Criam	Impacto do Coletivo	Expectativas e Experiência no Curso FIC/IFRS)
Dália	69 anos	Mulher preta, mãe, avó, uma das fundadoras do coletivo	Trabalha desde bem cedo sempre com atividades domésticas e voluntárias na igreja.	Por ter casado muito cedo, foi impedida de seguir os estudos somente após o divórcio retomou seu itinerário formativo.	desigualdade sociais, privação dos estudos, longa jornada de trabalho	Sempre quis ensinar, trabalhou como alfabetizadora. Mas não conseguiu concluir o curso de Serviço Social.	Um espaço de muitas aprendizagens o Mãos que Criam transformou a vida dela	Um lugar de trocas, escuta, que faz toda diferença em suas vidas	Espera poder seguir se aperfeiçoando, alcançando novas oportunidades
Magnólia	75 anos	Mulher preta, viúva, uma das fundadoras do coletivo.	Iniciou trabalho aos 8 anos, babá aos 11, doméstica aos 12.	Frequentou até o 3º ano primário.	Desigualdade social, punição na escola por ser canhota.	Sonhava em ser modista, frustrada por não ter realizado.	Se sente inspirada e motivada, participa de atividades culinárias e artesanais.	Completa a renda, sente-se acolhida e empoderada.	Espera que o curso ofereça novas oportunidades de trabalho e que possa utilizar suas habilidades adquiridas ao longo da vida para ajudar os outros.
Sálvia	71 anos	Mulher preta, residente em Viamão, doméstica.	Trabalhou desde tenra idade, ajudando a mãe.	Frequentou até o 4º ano primário.	Pobreza, <i>bullying</i> na escola, falta de roupas.	Gostaria de ter estudado mais, sente que foi explorada	Aprendeu novas habilidades, sente-se fortalecida.	Incrementa renda, sente-se fortalecida pelo grupo.	Vê o curso de cuidador como uma chance de aumentar sua renda e de aplicar suas habilidades em um novo campo de trabalho.
Girassol	42 anos	Mulher negra, Técnica em	Trabalha em instituição privada,	Formação Técnica em Radiologia.	Desafios de visibilidade	Luta por mais visibilidade	Participa há mais de um ano, vende	Auxilia na visibilidade e	Espera que o curso possa complementar

		Radiologia.	produz peças de artesanato.		de para as artesãs.	de para as artesãs.	peças em feiras solidárias.	comercialização dos produtos.	sua formação técnica, permitindo atuar em áreas de cuidado e saúde, ampliando suas oportunidades profissionais.
Sininho	62 anos	Mulher, mudou-se de São Paulo para Viamão.	Criou filhos com renda do artesanato, formada em Serviço Social.	Curso superior em Serviço Social.	Enfrentou etarismo na faculdade.	Orgulha-se de ter superado obstáculos.	Juntou-se ao coletivo em 2023, trabalha com pintura em tecidos e crochê.	Valoriza o aperfeiçoamento contínuo, vê a troca de experiências como transformadora.	Acredita que o curso de cuidador pode ser um complemento valioso à sua formação em Serviço Social, ampliando suas competências profissionais.
Rosa	52 anos	Mulher branca, mãe e avó.	Dona de casa, dificuldades financeiras desde a infância.	Frequentou até o 6º ano do Ensino Fundamental.	Maternidade precoce, marido não permitiu que estudasse.	Sonhava em ser Assistente Social ou Terapeuta Ocupacional.	Encontra acolhimento e força no coletivo, feliz por fazer parte.	Sente-se acolhida e empoderada, aprendizada o coletivo.	Espera que o curso de cuidador lhe permita trabalhar fora de casa e realizar seu desejo de ajudar outras pessoas, utilizando as habilidades que desenvolveu no coletivo.

Margarida	63 anos	Mulher de raça mista (judaica, espanhola, africana).	Artista plástica, viajada, cursos superiores.	Três cursos superiores	-	Compartilhar conhecimento.	Participa ativamente, valoriza a troca de experiências.	Acredita na capacidade do coletivo de transformar vidas.	Vê o curso como uma oportunidade de ampliar seu conhecimento e de aplicar suas habilidades artísticas e terapêuticas, em um contexto de cuidado com o próximo.
Crisântimo	44 anos	Se identifica como mulher parda, casada com filhos em idade adulta	sonha em concluir o curso serviço social	em conclusão do curso Técnico em Saúde Bucal. Está sempre se reciclando com cursos de aperfeiçoamento.	Sua renda vem do artesanato que produz e participa em feiras	Sonha em terminar a Graduação em Serviço Social	Participa efetivamente do Coletivo Mãos que Cria ocupando a função de secretária.	Compreende que o Coletivo é potente nas transformações que promove em cada participante	Espero que possam acontecer novos cursos fomentando o empoderamento de mulheres.
Tulipa	26 anos	Mulher negra, casada, mãe.	Sonha em cursar Pedagogia, sem condições de trabalhar.	Ensino Médio completo.	Não consegue trabalhar, por falta de creche.	Quer fazer faculdade de Pedagogia.	Participa há mais de dois anos, motivada por melhorar suas condições financeiras.	Valoriza o empoderamento e busca qualificação nas oficinas.	Espera que o curso de cuidador lhe permita entrar no mercado de trabalho, conciliando a nova profissão com seu papel de mãe e os cuidados com a filha.

Flor de Lótus	46 anos	Mulher negra, mãe, esposa,	Mestranda Possui formação em educação do campo pela UFRGS	Idealizadora do Coletivo Mãos que Criam, acredita que é preciso estar sempre em movimento para auxiliar mais mulheres.	Mesmo com formação sua renda principal vem do serviço de faxina que faz duas vezes por semana.	Deseja concluir o mestrado e depois tentar a faculdade de medicina	Fundadora do Coletivo hoje articula as funções de direção do coletivo e artesanato.	Tem certeza que estar envolvida com o Coletivo é a melhor ação que poderia realizar em sua vida.	Deseja que os cursos ofertados no município de Viamão contribua com empoderamento de mulheres e meninas e que através dos mesmos mais mulheres possam criar condições para emancipação.
---------------	---------	----------------------------	---	--	--	--	---	--	---

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024).

Os desejos expressos pelas participantes de continuar ou retomar a trajetória estudantil, com interesses variados, que vão desde panificação até cursos de nível superior e mestrado, evidenciam a diversidade de aspirações e a vontade de aprimoramento contínuo. Essas aspirações reforçam a necessidade de ampliar a oferta de cursos que atendam às demandas específicas das mulheres, facilitando seu acesso e a permanência nos estudos. A criação do Coletivo de Mulheres Mãos que Criam, como resultado do curso de FIC, é um exemplo dos frutos positivos dessas iniciativas. O engajamento das participantes em atividades, como feiras de artesanato, rodas de conversa e oficinas, demonstra o impacto positivo da formação continuada, não apenas na capacitação profissional, mas, também, no fortalecimento das redes de apoio e no desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais.

Assim, a oferta de cursos de FIC na EPT se apresenta como uma estratégia poderosa para o enfrentamento da desigualdade de gênero na educação e no mundo do trabalho. Ao promover o empoderamento feminino e a inclusão social, esses programas contribuem para uma sociedade mais justa e igualitária, onde as mulheres têm a oportunidade de se desenvolver plenamente, tanto pessoal quanto profissionalmente.

Dessa forma, é imperativo que a EPT continue a investir e a expandir essas iniciativas, garantindo que mais mulheres possam ter acesso a oportunidades educacionais e profissionais que transformem suas vidas e suas comunidades. As experiências e os relatos das egressas do IFRS – *Campus Viamão* são testemunhos do impacto positivo e da relevância desses cursos, servindo como um chamado à ação para a implementação de práticas educacionais mais equitativas e inclusivas.

3.2 SISTEMATIZAÇÃO DAS OFICINAS REALIZADAS NO DECORRER DA PESQUISA

Na sequência da pesquisa, foram realizadas quatro oficinas temáticas, no segundo semestre de 2023, intituladas “Práticas Educativas para a Promoção da Equidade de Gênero em Espaços Não Formais da EPT”. Esse estudo envolveu mulheres trabalhadoras egressas dos cursos de FIC de Cuidador Infantil e Agroecologia do IFRS – *Campus Viamão*. Cada oficina foi planejada para ter uma duração de 2h30min e atender a grupos de até 15 mulheres, garantindo uma participação efetiva e a escuta atenta de todas as participantes. Os roteiros foram desenvolvidos com base no diálogo com um grupo de mulheres do *Campus Viamão*, incluindo estudantes do Curso EJA – FIC – Agroecologia e egressas do PRONATEC no Curso de FIC de Cuidador Infantil, bem como integrantes do Coletivo Mãos que Criam. As oficinas foram realizadas, preferencialmente no turno da tarde, incluindo atividades diversas, como oficinas de artesanato, debates, entre outros, além de lanche coletivo preparado pela anfitriã.

O planejamento e a execução das oficinas foram realizados mediante mapeamento de conhecimentos prévios e demandas, a partir de entrevistas realizadas coletivamente com as mulheres do Coletivo de Mulheres Mãos que Criam, que aceitaram participar voluntariamente do estudo. Os primeiros encontros, que contemplaram também as entrevistas, foram realizados na residência de uma das participantes, que voluntariamente cedeu o espaço para acolher, uma vez que o grupo não possui uma sede própria. Já, as oficinas aconteceram todas no Espaço de Arte Viandantes, por ser de fácil acesso para a maioria das participantes.

Cabe destacar que os encontros do coletivo, em geral, são realizados quinzenalmente, de forma itinerante, nas residências das participantes que aceitam acolher o grupo.

3.2.1 Relato da primeira oficina

A primeira oficina iniciou com uma dinâmica de apresentação das participantes. A mediadora reuniu o grupo em círculo e convidou cada uma a realizar uma breve apresentação, mencionando seu nome, idade, motivações para participar e expectativas. Para essa atividade, foi utilizada a técnica do espelho, em que cada participante refletiu sobre si mesma e compartilhou suas reflexões com o grupo. Seguindo essa dinâmica de apresentação, foi realizado um Círculo de Cultura, com o objetivo de compartilhar experiências e sugerir

estratégias para a promoção da equidade de gênero e do empoderamento de mulheres e meninas no contexto da EPT e no mundo do trabalho. Esse momento foi fundamental para criar um ambiente de diálogo aberto e reflexivo, no qual todas as participantes puderam contribuir com suas vivências e perspectivas. Posteriormente, as participantes foram divididas em duplas e convidadas a sistematizar as reflexões produzidas, por meio da criação de uma arte, especificamente um desenho. Essa atividade tinha como objetivo promover a expressão criativa das ideias discutidas, facilitando a compreensão e a internalização dos conceitos abordados. Cada dupla apresentou suas reflexões, sistematizadas através dos desenhos produzidos, dedicando-se ao compartilhamento e à discussão das produções, o que permitiu uma troca rica de *insights* e percepções entre as participantes.

Após as apresentações, o grupo foi dividido em três pequenos subgrupos, que discutiram e responderam a perguntas específicas. As respostas foram trocadas entre os grupos, e cada grupo leu e analisou as respostas do outro, buscando identificar pontos comuns e refletir sobre as diferentes percepções. Para apoiar as atividades, foram utilizados recursos, como textos de apoio impressos e entregues às participantes, folhas A4, canetas hidrográficas, lápis de cor e giz de cera. Esses materiais facilitaram a expressão e a comunicação das ideias durante as atividades.

Os relatos das mulheres participantes da primeira oficina, que integram o Coletivo Mãos que Criam, destacaram a importância da experiência. O Grupo 1 relatou que aprendeu a ter orgulho de quem são, destacando o constante aprendizado e o fortalecimento do grupo. Ressaltaram que podem ocupar qualquer lugar na sociedade e se consideraram experientes e grandes guerreiras. Já, o Grupo 2 enfatizou o quanto aprenderam durante a palestra, apreciando as sábias palavras da professora, que tocaram profundamente as mulheres com sua fala. Expressaram que aprenderam novas palavras e conceitos, e se emocionaram com a experiência. O Grupo 3, por sua vez, destacou a importância da oficina para a promoção do diálogo entre as mulheres, refletindo sobre seu passado e adquirindo novas expectativas.

A atividade avaliativa revelou a importância contínua de discutir questões de gênero, que, apesar de aparentarem ser óbvias, ainda carregam muitas emoções e desejos represados entre muitas mulheres. As rodas de conversa se tornaram um espaço seguro de cuidado e acolhimento, onde as participantes puderam expressar-se livremente e encontrar apoio mútuo. A troca de experiências e reflexões possibilitou uma compreensão mais profunda das vivências individuais e coletivas, promovendo um ambiente de solidariedade e empoderamento mútuo.

3.2.2 Relato da segunda oficina

A segunda oficina, intitulada "Empoderamento de Mulheres Através do Autocuidado: Práticas Integrativas e Complementares em Saúde Individual e Coletiva", teve como objetivo promover o acolhimento das mulheres participantes do curso FIC – Agroecologia, com foco no mapeamento de conhecimentos prévios e na ampliação de estudos sobre Práticas Integrativas e Complementares em Saúde – PICS, particularmente no uso de plantas medicinais, para a promoção da saúde individual e coletiva.

A oficina iniciou com uma dinâmica de sensibilização, na qual a música "Mulher Medicina", de autoria de Rafaela Aquariana, foi apresentada ao grupo. As participantes receberam cópias impressas da letra da música para escutar e discutir em duplas, respondendo à questão: "Qual o entendimento que possuem sobre CUIDAR e o que envolve?" Em seguida, cada dupla montou um painel coletivo sobre os temas MULHERES, EMPODERAMENTO e CUIDAR. Para a confecção do painel, foram distribuídas folhas coloridas (A4), para que as participantes escrevessem suas reflexões sobre CUIDAR, articulando-as com a análise da letra da música. O painel coletivo foi apresentado ao grupo, proporcionando uma visão integrada das reflexões produzidas.

O segundo momento da oficina envolveu a realização de um Círculo de Cultura, inspirado nos métodos de Paulo Freire, para explorar os conhecimentos prévios das participantes sobre práticas de autocuidado e uso de plantas medicinais. A mediadora dispôs cestos, com ramos de alecrim, hortelã, manjerição e outras plantas medicinais, no centro do círculo. As participantes foram orientadas a macerar as folhas com as palmas das mãos, permitindo que um aroma agradável emergisse no ambiente. A partir dessa experiência sensorial, cada participante compartilhou seus conhecimentos sobre as plantas manipuladas e as sensações desencadeadas por elas.

No terceiro momento, a mediadora apresentou o conceito de PICS, com ênfase nas estratégias de autocuidado historicamente e culturalmente atribuídas às mulheres. Foram apresentados dados relacionados à saúde da mulher no Brasil, conforme o Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente do Ministério da Saúde (Brasil, 2023), e o objetivo 5º da ONU Mulheres, que visa assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e aos direitos reprodutivos. Após a apresentação dos dados, as participantes foram convidadas a refletir sobre os cuidados com a saúde ginecológica. Cada

uma recebeu um *flyer* com informações sobre Cuidados com a Saúde Ginecológica, para leitura coletiva, promovendo um debate enriquecedor sobre o tema.

Para o encerramento da oficina, foi sugerida uma dinâmica de grupo na forma de uma mini sessão de reflexologia. Essa prática visou proporcionar uma compreensão mais abrangente das PICS e estimular as participantes a relatarem os benefícios sentidos durante a sessão. Ressignificar a compreensão de saúde, ampliando a visão de que ela não se limita à ausência de doença, mas sim a um modo de viver bem, foi o propósito dessa atividade.

A oficina buscou despertar o interesse das participantes por continuar explorando e aplicando novos conhecimentos sobre PICS, promovendo o autocuidado de forma mais holística e consciente.

3.2.3 Relato da terceira oficina

A terceira oficina foi estruturada com o objetivo de promover o acolhimento e o empoderamento de mulheres trabalhadoras, oferecendo subsídios para a compreensão da interdependência entre bem-estar e saúde física e mental, e destacando a importância das práticas integrativas na promoção da saúde e do empoderamento feminino, no contexto da FIC na EPT.

Iniciou com a realização de um Círculo da Cultura sobre saúde e bem-estar da mulher. Cada participante recebeu uma cópia impressa da letra da música "Triste, louca ou má", de Francisco, *el Hombre*. Após ouvir a música, a mediadora questionou o grupo sobre o entendimento de bem-estar, saúde física e mental. Em seguida, foi promovido um diálogo sobre a letra da música, com o intuito de ampliar o conhecimento das participantes sobre esses temas.

No segundo momento, a mediadora apresentou trechos da Cartilha "Caminhos para a promoção da saúde da mulher", da ONU Mulheres, abordando a temática da saúde física e mental e sua relevância para o empoderamento feminino.

No terceiro momento, as participantes foram convidadas a sistematizar as reflexões e os conhecimentos compartilhados sobre bem-estar e saúde física e mental, utilizando materiais diversos de artesanato, como linhas, agulhas e retalhos de tecidos. Cada participante trabalhou individualmente para expressar, através da criatividade e das habilidades artesanais, o entendimento adquirido.

O quarto momento envolveu a apresentação das artes produzidas pelas participantes,

que foram expostas no centro do círculo, após cada uma apresentá-las ao grupo. Esse momento também incluiu um lanche coletivo, enfatizando que a alimentação simboliza o cuidado, a afetuosidade e o compartilhamento entre as mulheres participantes. A preparação do alimento e o convívio durante o lanche reforçaram a dimensão do cuidar e do afetivo no grupo.

Os recursos didáticos utilizados incluíram *notebook*, caixa de som e materiais para artesanato manual, como agulhas, linhas, tecidos, cola, tesouras e papel. Ao final das atividades, as participantes consolidaram, de maneira direta, simples e objetiva, o conceito do modelo biopsicossocial, com cada uma expondo seu entendimento, frequentemente complementado por outras integrantes do Coletivo Mãos que Criam.

3.2.4 Relato da quarta oficina

A quarta oficina, intitulada "Empoderamento Feminino através do Autocuidado e Alimentação Saudável", foi planejada com o propósito de promover o empoderamento das mulheres participantes de cursos de FIC na EPT, com ênfase no autocuidado, por meio de práticas alimentares saudáveis.

O início da oficina envolveu uma recepção, em que cada participante foi convidada a explorar sensorialmente uma fatia de pão. Ao tocar, cheirar e degustar o pão, as participantes foram introduzidas ao tema das ervas na alimentação, com o objetivo de iniciar um diálogo sobre o impacto positivo de escolhas alimentares conscientes, para a saúde e o autocuidado. Essa experiência sensorial buscou despertar os sentidos e promover uma reflexão inicial sobre a importância das práticas alimentares saudáveis.

No segundo momento, galhos de plantas, numerados de 0 a 5, foram dispostos no centro do círculo formado pelas participantes. Estas puderam manusear, cheirar e degustar pequenos pedaços das plantas, para identificar seus nomes. Utilizando seus conhecimentos prévios, as participantes escreveram o nome de cada erva em pedaços de papel. Essa atividade visou promover o aprendizado sobre as ervas e seus benefícios para a saúde, estimulando o autocuidado através da alimentação. A mediadora, posteriormente, questionou o grupo sobre o uso de cada planta identificada, com o suporte da Cartilha "Plantas Medicinais Nativas de Uso Popular no Rio Grande do Sul", de Tânea Maria Bisognin Garlet, acessível de forma *online*.

O terceiro momento consistiu em um Círculo de Cultura, onde a mediadora apresentou

trechos da Cartilha elaborada pelo Conselho Regional de Nutricionistas – CRN/SP, que foca nas práticas de alimentação saudável e nos seus impactos positivos na saúde das mulheres, em diferentes fases da vida. Foi realizada uma discussão guiada sobre como as escolhas alimentares podem atuar como ferramentas poderosas para promover o autocuidado e o bem-estar.

No quarto momento, as participantes foram divididas em grupos de até cinco pessoas e convidadas a criar um mural coletivo sobre práticas de autocuidado, utilizando materiais artísticos, como papel pardo, canetas hidrocor, papéis coloridos, revistas e cola. Cada grupo apresentou seu mural ao coletivo, compartilhando reflexões sobre autocuidado e empoderamento feminino. Esse exercício não apenas possibilitou a expressão visual dos aprendizados e *insights* sobre a importância da alimentação para a saúde e o autocuidado, mas, também, incentivou a colaboração e o fortalecimento do empoderamento das participantes.

Recursos utilizados incluíram galhos de plantas numerados, materiais artísticos para a criação do mural, cópias impressas da Cartilha do CRN/SP e folhetos com receitas saudáveis. A avaliação final foi realizada, por meio de um *feedback* das participantes, que compartilharam suas impressões sobre a oficina e destacaram o que aprenderam e como se sentiram em relação às atividades. Além disso, foram distribuídos recursos adicionais para apoiar as práticas de autocuidado contínuas.

Durante a oficina, o Coletivo de Mulheres Mãos que Criam contou com a participação especial de Ivonice Guimarães, especialista em panificação sem glúten e gastronomia funcional. Ao final das atividades, as participantes haviam aprendido a preparar um pão saudável de baixo custo, que pode ser utilizado tanto para consumo doméstico, quanto para comercialização em feiras sustentáveis. O compromisso de multiplicar a receita entre outras colegas do grupo foi um resultado significativo, evidenciando o impacto da oficina na promoção do empoderamento e do autocuidado das mulheres. A receita do pão de alecrim produzido pelo grupo foi compartilhada, oferecendo uma experiência sensorial adicional durante a oficina.

Destacamos, assim, que as oficinas possibilitaram momentos de acolhimento, de empatia, de trocas, empoderando as mulheres que ali estavam, e reforçando, na prática, o que a teoria descortina, que as vivências, as experiências e os saberes, quando compartilhados, são transformadores.

4 PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional (APÊNDICE D) resultante desta pesquisa foi intitulado como "Empoderamento de Mulheres em Espaços Não Formais da Educação Profissional e Tecnológica: um Guia Prático". Tal produto visa promover a equidade de gênero em espaços não formais da EPT e resulta de estudo realizado no decorrer do ProfEPT do IFRS – *Campus* Porto Alegre. O guia apresenta um roteiro de oficinas e sugestões para abordar a temática do empoderamento de mulheres trabalhadoras, a partir da escuta de integrantes do Coletivo de Artesãs da região metropolitana de Porto Alegre. O público a quem se destina são educadoras/es, profissionais e/ou pessoas que tenham interesse em atuar em espaços formais e não formais da EPT, especialmente em cursos de FIC.

Figura 2 – Capa do produto educacional. **Figura 3** – Sumário do produto educacional.



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2024). Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2024).

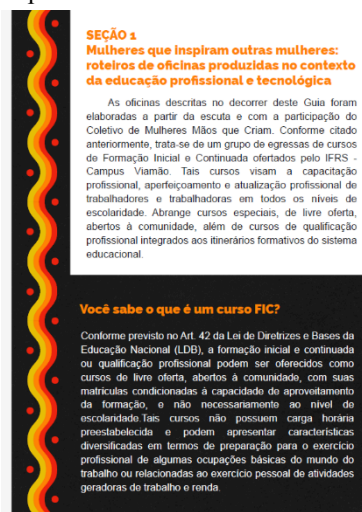
O guia apresenta sugestões de roteiros de oficinas pedagógicas, baseando-se em conceitos defendidos por Paviani e Fontana (2009). Segundo esses autores, a oficina pedagógica é uma metodologia que proporciona a vivência de situações concretas e significativas, fundamentadas no tripé sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos previamente definidos. Uma oficina pedagógica deve atender a duas finalidades principais: a articulação de conceitos e noções com ações concretas vivenciadas pelo participante, e a vivência e execução de tarefas em equipe, promovendo a apropriação ou construção coletiva

de saberes (Paviani; Fontana, 2009). Esse formato permite que as participantes se envolvam ativamente no processo de aprendizagem, fortalecendo a conexão entre teoria e prática.

A escolha das oficinas se deu a partir das necessidades identificadas nas falas das mulheres durante a realização da pesquisa. O foco foi em quatro temas principais, que se mostraram recorrentes: empoderamento, autocuidado, saúde mental e alimentação saudável. Esses temas foram selecionados por sua relevância e impacto direto na vida das participantes, e cada oficina foi cuidadosamente planejada para abordar esses aspectos, de maneira prática e significativa.

As oficinas descritas foram pensadas com a participação ativa do Coletivo Mãos que Criam, composto por egressas dos cursos de FIC oferecidos pelo IFRS – *Campus Viamão*. A introdução do guia destaca as bases teóricas e metodológicas que fundamentam as oficinas pedagógicas. Inspiradas nos princípios dos Círculos da Cultura de Paulo Freire, as oficinas visam promover o diálogo e a participação ativa dos/das participantes, criando um ambiente seguro e acolhedor, onde as mulheres possam compartilhar suas experiências e aprender de forma coletiva. Os Círculos da Cultura, conforme definidos por Freire (1987), são espaços de diálogo horizontal onde todos/as os/as participantes têm voz e podem contribuir para a construção do conhecimento coletivo. Esse método valoriza a experiência de vida de cada participante e promove a conscientização crítica, essencial para o empoderamento e a transformação social.

Figura 4 – Apresentação da proposta de oficinas em Cursos de FIC, enfocando o empoderamento de mulheres no contexto da EPT.



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2024).

O primeiro capítulo, intitulado "Oficinas Pedagógicas: Bases Teóricas e Metodológicas", apresenta os fundamentos teóricos e metodológicos que sustentam as oficinas. A metodologia se baseia nos Círculos da Cultura de Paulo Freire, que promovem o diálogo e a participação ativa, permitindo que as mulheres compartilhem suas experiências e aprendam juntas em um ambiente seguro e acolhedor. Esse capítulo detalha como os princípios freireanos são aplicados nas oficinas para fomentar a conscientização e a ação transformadora das participantes. Freire (1987) enfatiza que a educação deve ser um ato de liberdade, e esse princípio estrutura as oficinas, visando capacitar as mulheres para serem agentes de mudança em suas próprias vidas.

Figura 5 – Sobre o roteiro das oficinas pedagógicas em cursos de FIC/EPT.




Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2024).

A primeira oficina, descrita no segundo capítulo, tem como objetivo definir o conceito de empoderamento feminino e explorar estratégias individuais e coletivas para promovê-lo. A estrutura da oficina inclui dinâmicas de apresentação, círculos de cultura para discussão sobre equidade de gênero e atividades de sistematização de reflexões. As dinâmicas de apresentação são projetadas para promover o autoconhecimento e a empatia entre as participantes. Cada mulher é incentivada a compartilhar suas histórias pessoais, motivações e expectativas, fortalecendo os vínculos e criando um sentimento de comunidade. Durante os Círculos de Cultura, são discutidas questões relacionadas à equidade de gênero e ao empoderamento, permitindo que as participantes reflitam sobre suas próprias experiências e troquem ideias sobre estratégias para enfrentar os desafios diários. Além disso, a oficina utiliza materiais de apoio, como textos teóricos e exemplos práticos, para enriquecer as discussões e proporcionar

uma compreensão mais aprofundada do conceito de empoderamento. Segundo Freire (1996), o diálogo é essencial para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento da consciência crítica, e esse princípio é fundamental para o sucesso das oficinas.

Figura 6 – Roteiro da Oficina 1.



OFICINA 1:

1º. MOMENTO:

Realização de dinâmica de apresentação das participantes:
A/O mediador/a reunirá o grupo em círculo e, na sequência, cada participante será convidada a realizar uma breve apresentação (nome, idade, motivações para participar, expectativas, etc.) Para tanto, a proposta é aplicarmos a técnica do espelho descrita abaixo:

Técnica de Apresentação - Espelho

Em frente a um espelho, uma participante por vez responde a si mesma as seguintes perguntas: Quem sou? O que faço? Onde estou?
Pretende-se com essa atividade fortalecer os vínculos e assegurar que todas estão em um ambiente seguro onde as trocas são fundamentais para o crescimento coletivo. A proposta é que cada uma faça um diálogo consigo mesma, estimulando o autorreconhecimento.
Ao final, é realizada a reflexão sobre a experiência de pensar e falar de si e consigo e os pontos de convergência existentes entre as trajetórias de vida. Esta atividade visa promover a empatia reforçando o sentimento de coletividade entre as participantes.

2º. MOMENTO:

Realização de um Circulo de Cultura com o intuito de compartilhar experiências e sugestões de estratégias para a promoção da equidade de gênero e empoderamento de mulheres e meninas no contexto da EPT e no mundo do trabalho.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2024).

O conceito de empoderamento é central para a promoção da equidade de gênero. O empoderamento de mulheres envolve a aquisição de poder e controle sobre suas próprias vidas, permitindo que elas façam escolhas informadas e participem plenamente na sociedade. Na educação profissional, o empoderamento é crucial, pois proporciona às mulheres as habilidades e os conhecimentos necessários para competir em um mundo do trabalho, muitas vezes, dominado por homens, além de fortalecer sua confiança e autonomia. No contexto da EPT, a formação humana é uma perspectiva central que se preocupa não apenas com a aquisição de competências técnicas, mas, também, com o desenvolvimento integral dos/das indivíduos. Segundo hooks (2015), a educação deve ser uma prática da liberdade, onde os/as educandos/as desenvolvem uma compreensão crítica de suas realidades e se tornam agentes de mudança em suas comunidades. No decorrer da oficina, as mulheres participaram ativamente das atividades propostas e registraram que a oferta de espaços para discussão é primordial para o empoderamento individual e coletivo, razão pela qual enfatizamos a importância de tais ações educativas, em especial, no contexto de espaços não escolares da EPT, como por exemplo, na oferta de cursos de FIC.

Figura 7 – Roteiro da Oficina 1.

Mulheres inspirando outras mulheres:

Relatos de mulheres participantes da oficina e que integram o Coletivo Mãos que Criam

Grupo 1: "A gente aprendeu que temos que ter orgulho do que somos. Estamos sempre buscando aprender, fortalecer o grupo. Podemos ocupar qualquer lugar na sociedade. Hoje somos experientes e grande guerreiras"

Grupo 2: "Gostamos da palestra, aprendemos bastante coisas, foi muito importante para nós. A professora tem sábias palavras, tem o dom de tocar as mulheres com sua fala. Aprendemos novas palavras, novos conceitos e nos emocionamos".

Grupo 3: "Muito bom estar em uma roda de mulheres, gostamos muito da experiência, muito a levar para a vida, queremos participar mais. Foi bom fazer uma reflexão sobre meu passado. Bom para aprender, ter novas expectativas. Achei muito útil e quero participar mais. No fechamento dessa atividade avaliativa pode se observar o quanto ainda é preciso falar daquilo que é óbvio, existem muitas emoções e desejos represados em uma quantidade imensa de mulheres, e as rodas de conversas tomam-se um espaço seguro de cuidado e acolhimento.



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2024).

A segunda oficina, abordada no terceiro capítulo, enfoca o autocuidado como uma estratégia de empoderamento. O tema central é o cuidado com a saúde ginecológica, utilizando PICS. As participantes são incentivadas a compartilhar conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais e outras práticas de autocuidado. A oficina inclui dinâmicas de sensibilização, círculos de cultura e atividades práticas, como a elaboração de painéis coletivos que refletem o entendimento das participantes sobre o tema. A introdução da oficina envolve a apresentação da música "Mulher Medicina", de Rafaela Aquariana, que serve como um ponto de partida para a discussão sobre o cuidado com a saúde e a importância do autocuidado. As participantes são convidadas a refletir sobre a letra da música e a compartilhar suas próprias experiências e os conhecimentos sobre práticas de autocuidado. As atividades práticas incluem a manipulação de plantas medicinais, a criação de painéis coletivos e a realização de dinâmicas de grupo que promovem a conscientização sobre a saúde ginecológica e o autocuidado. A oficina, também, oferece informações sobre a utilização de ervas específicas e suas propriedades medicinais, proporcionando um conhecimento prático que pode ser aplicado no dia a dia das participantes. De acordo com Gonzalez (2020), a compreensão holística da saúde é fundamental para o bem-estar, e a oficina promove essa abordagem ao integrar conhecimentos tradicionais e modernos sobre o cuidado com a saúde.

Figuras 8 e 9 – Roteiro da Oficina 2.

Empoderamento de mulheres através do autocuidado - práticas integrativas e complementares em saúde individual e coletivo.

Objetivo: Promover o acolhimento das mulheres participantes do curso FIC - Agroecologia mediante o mapeamento de conhecimentos prévios e ampliação de estudos sobre práticas integrativas e complementares em saúde (PICs), em particular, relacionadas ao uso de plantas medicinais na promoção da saúde individual e/ou coletivo.

1º MOMENTO:

· Dinâmica de sensibilização do grupo com a apresentação da música mediante apresentação de música: Mulher Medicina da autoria de Rafaela Aquariana

Mulher Medicina


Rezadeira cura com o poder do seu querer
Curandeira reza, seu canto se manifesta
Pensamento em elevação, conectada com seu coração
Mulher Medicina
Mulher coragem, patas de loba
Ervas vem curar
Sangue da terra na minha cabeça
Chamo as caboclas do mar pra me firmar
Que eu nunca me esqueça de amar
Que eu nunca me esqueça de ME amar
Mulher Medicina
Mulher coragem, patas de loba
Dentro de você tem um canto ancestral
Que ecoa pelos tempos sem começo nem final
Essa história não acaba aqui
Vamos ressurgir!

Vamos ressurgir!
Mulher Medicina
Mulher coragem, patas de loba
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=3HluBG_Q8Vk

· Distribuir para as mulheres cópias impressas da letra da música para que a escutem e discutam em duplas e respondam a seguinte questão: Qual o entendimento que possuem sobre CUIDAR e o que envolve?

· Na sequência, cada dupla apresenta as reflexões com a montagem de um painel coletivo sobre MULHERES, EMPODERAMENTO e CUIDAR. Para a montagem do painel, distribuir folhas coloridas (A4) para que em duplas, escrevam o entendimento produzido sobre CUIDAR articulando com a análise da letra da música.

· Apresentação do painel coletivo.
Exemplo de painel produzido em oficina realizada com o Coletivo de Mulheres Mãos que Criam.




Fonte: Acerto - Autora

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2024).

A terceira oficina, descrita no quarto capítulo, aborda a saúde mental das mulheres, através de uma abordagem multidisciplinar, que compreende as dimensões biopsicossocial do indivíduo. As atividades incluem discussões sobre bem-estar, saúde física e mental, utilizando músicas e textos como base para as reflexões. As participantes são convidadas a expressar suas ideias e seus sentimentos, através de atividades artísticas e lúdicas, promovendo a compreensão profunda das interrelações entre saúde mental e empoderamento. A oficina começa com a apresentação da música "Triste, Louca ou Má", da banda Francisco, *el Hombre*, que aborda questões relacionadas ao bem-estar e à saúde mental das mulheres. A letra da música é utilizada como base para um Círculo de Cultura, onde as participantes discutem suas próprias experiências e reflexões sobre saúde mental e bem-estar. As atividades artísticas incluem a criação de artesanato e a elaboração de murais coletivos, que refletem as reflexões das participantes, sobre o tema. A oficina, também, inclui a apresentação de trechos da Cartilha Caminhos para a Promoção da Saúde da Mulher (ONU Mulheres), que fornece informações adicionais sobre a saúde física e mental das mulheres. Além disso, são abordadas técnicas de meditação e práticas de relaxamento, que as participantes podem incorporar em suas rotinas, para melhorar seu bem-estar emocional e mental. Segundo Minayo (2008), a saúde mental deve ser abordada de forma integrada e multidisciplinar, e essa oficina segue essa orientação, ao combinar diferentes abordagens e práticas para promover o bem-estar das mulheres.


Figuras 10 e 11 – Roteiro da Oficina 3.

<p>OBJETIVO:</p> <p>Promover o acolhimento e o empoderamento de mulheres trabalhadoras, oferecendo subsídios para a compreensão da interdependência entre bem-estar e saúde física e mental, destacando a importância das práticas integrativas na promoção da saúde e do empoderamento feminino, no contexto da formação inicial e continuada na educação profissional e tecnológica.</p> <p>PRIMEIRO MOMENTO:</p> <p>Realização de Círculo da Cultura sobre saúde e bem estar da mulher</p> <p>Cada participante receberá uma cópia impressa da letra da música: "Triste, louca ou má..." da autoria de Artista Francisco, el Hombre.</p> <p>Letra da música:</p> <p>Triste, louca ou má Será qualificada Ela quem recusar Seguir receita tal A receita cultural Do marido, da família Cuida, cuida da rotina Só mesmo, rejeita Bem conhecida receita Quem não sem dores Aceita que tudo deve mudar Que um homem não te define Sua casa não te define Sua carne não te define</p>	<p>Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=iKmYTHgBNoE</p> <p>. Após escutarem a música, a mediadora fará o seguinte questionamento ao grupo: Qual o entendimento que possuem sobre bem estar, saúde física e mental?</p> <p>. Na sequência, será realizado o círculo da cultura visando promover o diálogo sobre a letra da música promovendo a ampliação dos conhecimentos das participantes sobre bem estar, saúde física e mental.</p> <p>SEGUNDO MOMENTO:</p> <p>. A mediadora apresentará para as participantes trechos da Carliha Caminhos para a promoção da saúde da mulher (ONU - Mulheres) apresentando a temática da saúde física e mental, em especial, para o empoderamento de mulheres.</p>  <p>Fonte: https://brasil.ion.inteltesisfiles/m-zb01496f6e5documents/carliha_sua%20sa%20f%20f%20e_mulher_sua%20cc%20f%20e_mental_pt_v3.pdf</p>
---	--

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2024).

A quarta oficina, descrita no quinto capítulo, é conduzida por Ivonice Guimarães, especialista em panificação sem glúten e fermentação natural, e foca na alimentação saudável como parte do autocuidado e empoderamento feminino. A oficina inclui atividades sensoriais, identificação de ervas e confecção de um painel coletivo sobre práticas de autocuidado. As participantes exploram a conexão entre alimentação saudável e bem-estar, e compartilham suas reflexões e os aprendizados através de atividades colaborativas que reforçam a importância do autocuidado. A oficina começa com uma experiência sensorial, onde as participantes são convidadas a explorar diferentes ervas através do toque, cheiro e sabor. Em seguida, a mediadora apresenta informações sobre as propriedades medicinais das ervas e como elas podem ser utilizadas na alimentação diária, para promover a saúde e o bem-estar. As atividades práticas incluem a criação de receitas saudáveis, a confecção de painéis coletivos e a realização de dinâmicas de grupo, que incentivam a troca de conhecimentos, e experiências sobre alimentação saudável e autocuidado. A oficina, também, destaca a importância da alimentação saudável e sustentável, proporcionando às participantes conhecimentos sobre escolher alimentos que beneficiem tanto sua saúde, quanto o meio ambiente.

Figuras 12 e 13 – Roteiro da Oficina 4.



Oficina: Empoderamento Feminino através do Autocuidado e Alimentação Saudável

Objetivo: Promover o empoderamento de mulheres em cursos de formação inicial e continuada na educação profissional e tecnológica, enfatizando o autocuidado através de práticas de alimentação saudável.

1º. MOMENTO: Recepção e Introdução:

Em círculo, cada participante receberá uma fatia de pão e será convidada a explorar sensorialmente, identificando sua textura, aroma e aparência visual. Cada participante será encorajada a cheirar o pão para sentir seu aroma herbáceo característico, tocar a superfície para experimentar sua textura e, finalmente, degustar um pequeno pedaço para vivenciar o sabor único proporcionado pelo ingrediente secreto (por exemplo, pode ser utilizado o pão com alecrim). Essa experiência sensorial visa não apenas despertar os sentidos das participantes, mas também introduzir o tema das ervas na alimentação e seu impacto positivo para a saúde, iniciando assim um diálogo sobre a importância do autocuidado através de escolhas alimentares conscientes.

2º MOMENTO: Identificação das Ervas

Os galhos de plantas, numerados de 0 a 5, serão colocados no centro do círculo formado pelas participantes. Cada participante poderá manusear os galhos, cheirar, tocar e até mesmo degustar um pequeno pedaço para identificar o nome da planta correspondente. Utilizando seus conhecimentos prévios, escreverão o nome de cada erva em pedaços de papel. Esta atividade promove o aprendizado sobre as ervas e seus benefícios para a saúde, incentivando o autocuidado através da alimentação. Na sequência, a mediadora questionará o grupo sobre o nome

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2024).

Por fim, ressalto que as oficinas pedagógicas descritas no guia são ferramentas valiosas para capacitar mulheres, fortalecendo sua autoestima e sua identidade. A metodologia utilizada promove a participação ativa e a escuta sensível, criando um ambiente propício para o empoderamento e a aprendizagem coletiva. Esse guia serve como um recurso essencial para educadoras/es e profissionais que buscam implementar práticas educativas inclusivas e sustentáveis, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. As práticas educativas propostas não só visam empoderar as mulheres, mas, também, garantir que elas tenham acesso a oportunidades educacionais e profissionais equitativas, fortalecendo sua capacidade de reivindicar e exercer seus direitos, em todos os aspectos da vida.

Ao proporcionar ferramentas e subsídios teóricos e metodológicos, o guia contribui para a realização do Objetivo 5º da Agenda da ONU Mulheres, que visa "assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e aos direitos reprodutivos", bem como promover a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas (ONU, 2015). Dessa forma, este trabalho representa um passo importante na luta pela equidade de gênero, capacitando mulheres para enfrentar os desafios do mundo de trabalho e da vida pessoal com mais confiança e autonomia. A inclusão de relatos e experiências das participantes das oficinas fortalece ainda mais o guia, mostrando o impacto positivo dessas práticas educativas na vida das mulheres. Ao final de cada oficina, as participantes são incentivadas a refletir sobre suas experiências e a compartilhar seus aprendizados com o grupo, criando uma rede de apoio

mútuo e fortalecimento coletivo. Com esse guia, espera-se inspirar educadoras/es e profissionais a desenvolverem e implementarem práticas educativas que promovam a equidade de gênero e o empoderamento feminino em diversos contextos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

O capítulo final do guia inclui uma coletânea de materiais adicionais, como manuais e *e-books*, disponíveis publicamente e gratuitamente na *internet*. Esses recursos oferecem informações e estratégias para fortalecer a participação e o sucesso das mulheres em ambientes educacionais e profissionais. Além disso, são fornecidas sugestões de músicas, *sites* e leituras que podem ser utilizados para complementar as oficinas e atividades educativas descritas no guia. Esse capítulo também apresenta a história e a trajetória do Coletivo Mãos que Criam, destacando a importância da união e da cooperação entre as mulheres, para enfrentar os desafios e alcançar o empoderamento. O coletivo é um exemplo inspirador de como a união e a colaboração podem transformar vidas e promover a equidade de gênero, proporcionando melhores oportunidades para todas as mulheres envolvidas.

Figuras 14 e 15 – Mulheres inspirando mulheres.

**Seção 3 - Mulheres Inspirando Mulheres:
Trajetórias Inspiradoras e Subsídios sobre
Direitos à Educação e Trabalho**

Nesta seção, apresentamos uma coletânea de materiais que visam fornecer subsídios valiosos para a implementação de oficinas e atividades educacionais direcionadas a mulheres em cursos de formação inicial e continuada no contexto da educação profissional e tecnológica. O foco é promover o empoderamento feminino através de práticas de autocuidado e desenvolvimento pessoal.

Os recursos aqui reunidos foram selecionados com o intuito de apoiar o planejamento e a execução de atividades educativas que abordem temas relacionados ao empoderamento das mulheres, seus direitos à educação e ao trabalho. Estes materiais estão disponíveis publicamente e gratuitamente na internet, abrangendo uma variedade de formatos, como guias, manuais, e-books, sites e filmes. Cada recurso oferece uma perspectiva única sobre as questões enfrentadas pelas mulheres, fornecendo informações e estratégias para fortalecer sua participação e sucesso nos ambientes educacionais e profissionais.

Esta seção almeja não apenas fornecer ferramentas e conhecimentos úteis, mas também contribuir para a realização do Objetivo 5º da Agenda da ONU Mulheres, que visa "assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e aos direitos reprodutivos", bem como promover a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Ao fornecer esses recursos, buscamos apoiar a implementação de práticas educativas que promovam o empoderamento feminino e

3.2 Sugestões de materiais sobre empoderamento disponibilizados de forma pública e gratuita na internet (guias, manuais, ebooks)

Para saber mais sobre empoderamento de mulheres e direitos humanos: veja a Cartilha A emergência das mulheres na ação comunitária narrativas, feminismos e direitos humanos [clikando AQUI](#) ou no QR CODE abaixo:



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2024).

A partir das referências teóricas e práticas discutidas, o guia também incorpora elementos de autoras, como Davis (2019), que em seu trabalho, "Mulheres, Raça e Classe", discute a interseccionalidade e a luta das mulheres negras; hooks (2013), em "Ensinando a Transgredir", que enfatiza a educação como prática da liberdade; e Gonzalez (2020), que aborda a importância da cultura e da identidade na luta pela equidade de gênero. Além disso, os conceitos de sororidade e redes de apoio, conforme discutidos por hooks (2015), em

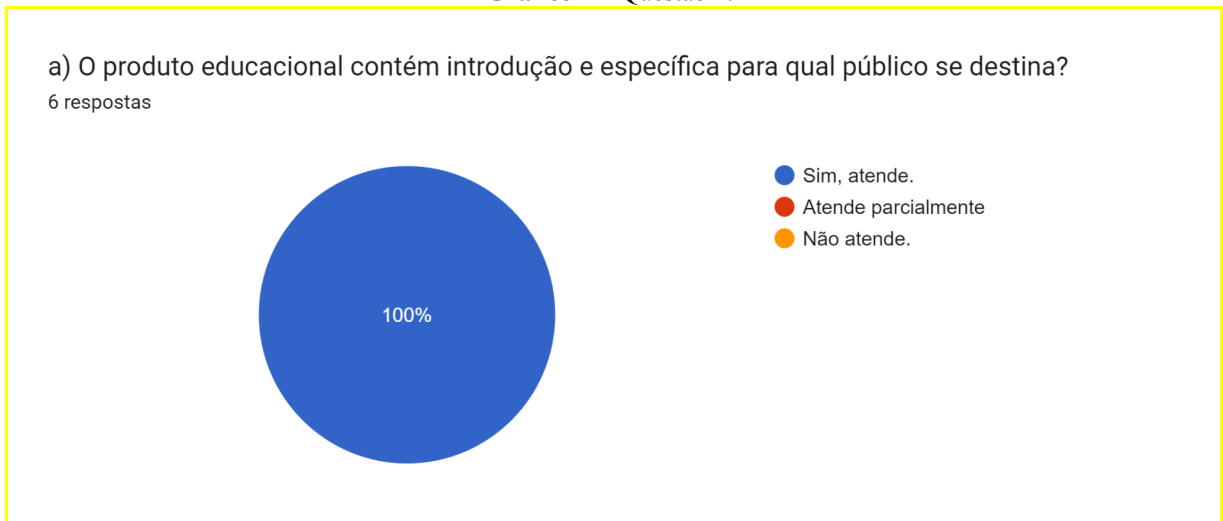
"Feminism is for Everybody: passionate politics", são essenciais para entender a importância da colaboração e do suporte mútuo entre as mulheres, como uma estratégia fundamental para o empoderamento.

Com base em todas essas informações, o guia se configura como uma ferramenta essencial para a promoção da equidade de gênero e o empoderamento feminino em espaços educacionais. Ele oferece um conjunto de práticas educativas que não só fortalecem as mulheres, mas, também, promovem uma educação mais inclusiva e equitativa. Ao adotar as oficinas e estratégias descritas no guia, educadoras/es e profissionais da EPT podem contribuir significativamente para a construção de uma sociedade onde todos/as tenham acesso igualitário a oportunidades e direitos, reforçando o compromisso com a justiça social e a equidade de gênero.

4.1 AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Para a avaliação do produto educacional (APÊNDICE E), contamos com a participação voluntária de integrantes do NEPGS do IFRS – *Campus* Porto Alegre, do NAAFs do IFRS – *Campus* Viamão e egressas do Curso EJA – FIC Cuidador de Idosos, as quais participaram da pesquisa. O processo avaliativo ocorreu no mês de julho de 2023 e constou do envio de questionário estruturado (APÊNDICE C), o qual foi enviado, via *Google Forms*. No total, obtivemos seis respostas, sendo dois integrantes do NEPGS – *Campus* Porto Alegre e quatro mulheres egressas do Curso de FIC, ofertado pelo *Campus* Viamão e integrantes do Coletivo Mãos que Criam. No caso, não obtivemos retorno dos integrantes do NAAF – *Campus* Viamão, tendo sido informado que este passa por um período de reestruturação.

Após o preenchimento do TCLE (APÊNDICE A), a primeira categoria inclui questões relacionadas à apresentação estética e à acessibilidade do produto educacional. Entre as questões, os/as participantes foram questionados/as se o produto educacional contém texto introdutório e especifica o público ao qual se destina.

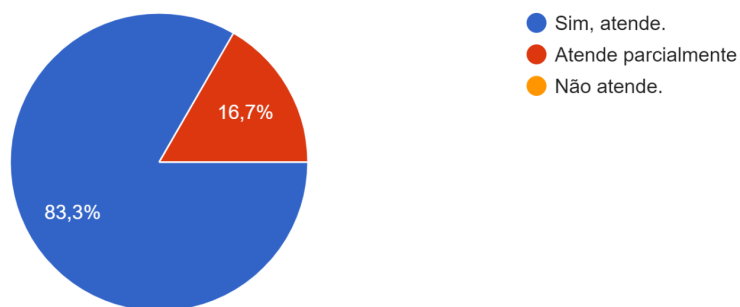
Gráfico 4 – Questão 1.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024).

Na sequência, os/as participantes foram indagados/as se as cores e formas utilizadas no material atraem o/a leitor/a.

Gráfico 5 – Questão 2.

b) Quanto às cores e formas utilizadas, o material apresentado é atrativo ao/a leitor/a?
6 respostas



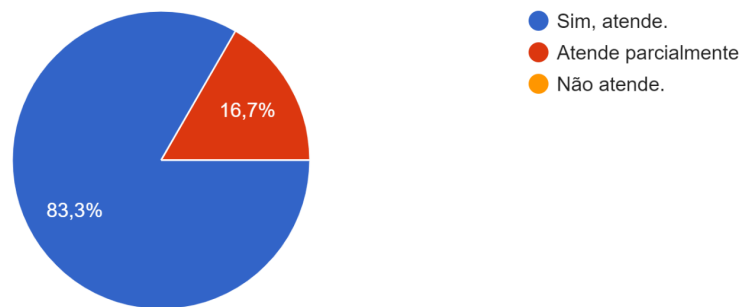
Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024).

Outro tópico avaliado foi a formatação do texto (tipo de letra, cores e formato), em especial, analisando se o guia oferece, minimamente, a acessibilidade para o/a leitor/a.

Gráfico 6 – Questão 3.

c) Quanto a letra (tipo, cores e formato) e formatação do texto possibilita a acessibilidade para o/a leitor/a?

6 respostas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024).

Quanto ao embasamento teórico do material, o/a leitor foi consultado/a se ele está em consonância com a forma escolhida para se comunicar com o público ao qual se destina.

Gráfico 7 – Questão 4.

d) O embasamento teórico do material está em consonância com a forma escolhida para se comunicar com o/a leitor/a?

6 respostas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024).

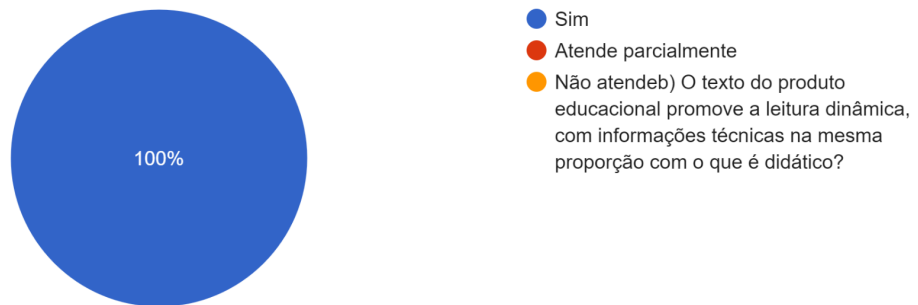
A segunda categoria de avaliação foi referente ao conteúdo disponibilizado no guia, contemplando duas questões. A primeira foi a seguinte: a) O texto apresentado facilita a

compreensão dos conceitos pelo/a leitor/a, apontando subsídios e promovendo o respeito à diversidade (por exemplo, usa a flexão de gênero)?

Gráfico 8 – Questão 5.

a) O texto apresentado facilita a compreensão dos conceitos pelo/a leitor/a apontando subsídios e promovendo o respeito à diversidade (por exemplo, usa a flexão de gênero)?

6 respostas



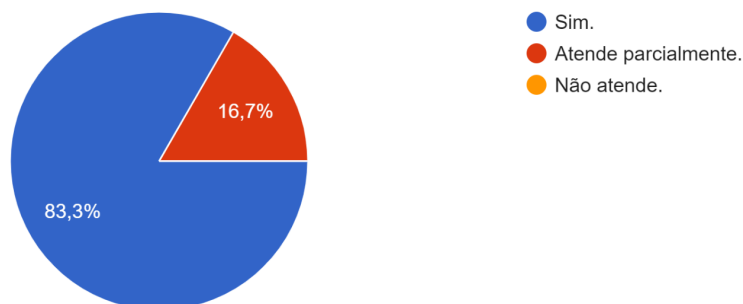
Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024).

Já a segunda questão apresentada foi: b) O texto promove a leitura dinâmica, com informações técnicas na mesma proporção com o que é didático?

Gráfico 9 – Questão 6.

b) O texto promove a leitura dinâmica, com informações técnicas na mesma proporção com o que é didático?

6 respostas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024).

Por fim, a terceira seção do questionário de avaliação apresentou a seguinte questão, referente à relevância e ao impacto social do produto educacional.

Gráfico 10 – Questão 7.

a) O produto educacional tem potencial para contribuir para o debate sobre educação, trabalho e empoderamento feminino, em particular, subsidiando...olares e não escolares de educação profissional.

6 respostas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024).

O questionário disponibilizou um espaço para que o/a avaliador/a pudesse compartilhar críticas e/ou sugestões para o aprimoramento do produto educacional, sendo apresentado o que segue.

Figura 16 – Espaço reservado para críticas e sugestões.

Espaço reservado para críticas e/ou sugestões para o aprimoramento do produto educacional:

2 respostas

Só tenho a agradecer a Bárbara pelo lindo trabalho que foi feito com as mulheres do Mãos Que Criam, todas ficaram simplesmente encantadas.

Na página 18, há uma referência à "Agenda 2023". Fiquei em dúvida se isso está correto ou se houve um erro de digitação, sendo que possivelmente o correto seria "Agenda 2030". Gostaria de confirmar se o termo "acerto pessoal" está correto ou se deveria ser "acervo pessoal".

Além disso, se o material for destinado a pessoas com dificuldades visuais, penso que é necessário avaliar a adequação do formato da fonte utilizada, bem como as cores da letra e do fundo. Cores mais suaves e neutras no fundo, com texto em cores escuras e opacas, são mais fáceis de ler.

O trabalho sobre práticas educativas para a promoção da equidade de gênero em espaços não formais da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é extremamente relevante e necessário. Embora já tenhamos avançado consideravelmente nas questões de gênero e no combate ao racismo, sabemos que ainda há um longo caminho a percorrer para alcançarmos a verdadeira equidade. Estudos como este são fundamentais para promover mudanças significativas. Ser mulher negra em nosso país é um grande desafio, e há muito ainda a ser feito para que possamos evoluir nessa luta.

Apreendi muito com esse trabalho, sou grata pela partilha

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2024).

Entre as sugestões apresentadas, citamos a necessidade de revisão da redação do texto final, visto que haviam equívocos de digitação. Julgamos pertinente, também, adequarmos o formato da fonte bem com as cores, a fim de atendermos, minimamente, a acessibilidade e a inclusão. Tentamos dar conta de tal demanda na versão inicial, mas constatamos que ainda será necessário aprimorarmos na versão final do produto educacional (APÊNDICE D), a qual será disponibilizada, de forma pública e gratuita, no repositório institucional do ProfEPT e no EduCAPES.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da presente pesquisa, retornamos ao ponto de partida. Desde os primórdios, o gênero pauta o lugar atribuído a homens e mulheres na sociedade, incluindo atravessamentos de raça/etnia e classe social. E que historicamente, o lugar de cuidado é ocupado por mulheres, como mães, cuidadoras do lar, trabalhadoras domésticas, profissionais da educação e da saúde, entre outras atividades voltadas ao cuidar. Voltar ao corpo da pesquisa e revisitar cada aspecto, conceito, fundamentação teórica, aproximando das experiências e vivências de cada mulher que participou efetivamente daquela é de uma profundidade sem precedente.

A cada linha traçada uma expectativa, uma exposição, uma intenção eram reveladas. Foi dito e reforçado, ao longo da pesquisa, o quanto as relações de gênero são pautadas pelas desigualdades, iniquidades e violências sofridas pelas mulheres. Mesmo com todos os avanços nos campos da tecnologia, ciência, medicina, educação e outras, nós mulheres ainda vivemos um passo atrás, engrossando uma fileira de analfabetismo, desigualdade de gênero, expressados pelo sexismo, pelo machismo e pela misoginia, executados por uma cultura patriarcal impostas pelos homens sobre as mulheres. As condições adversas, quer sejam no campo profissional, quer sejam em nossa subjetividade, desumanizam-nos frequentemente.

A pesquisa proposta não desejava acentuar as dificuldades pelas quais a maioria de nós passa. Ressaltando que dentro desse escopo ainda precisamos lidar com as desigualdades sofridas pelas mulheres negras, que, no Brasil, enfrentam de maneira mais acentuada que as mulheres não negras. Isso inclui o mundo do trabalho, onde essas mulheres estão mais presentes nas atividades de serviços domésticos, trabalhando, muitas das vezes, sem carteira assinada e sem contribuição para a previdência social, tendo como consequência remunerações mais baixas, o que as deixa em situação de pobreza ou extrema pobreza. Dentro desse recorte, é inevitável perceber que questões de raça e etnia são a realidade de uma parcela gigantesca da população, que, diversas vezes, é designada como minoria.

Pesquisar sobre mulheres periféricas de uma região metropolitana da capital do Rio Grande do Sul foi desafiador. O tema tão amplamente comentado, descrito, registrado em diversos trabalhos e pesquisas, poderia deixar de ser interessante, parecendo mais do mesmo, deixando de ter a relevância, a qual intencionamos propor. Contudo, compreender a força e a transformação social que um Coletivo de Mulheres artesãs é capaz de provocar na

comunidade a qual está inserida, na vida uma das outras, é digno de observação e aproximação teórica.

Portanto, realizar oficinas pedagógicas, com objetivo de serem um recurso pedagógico complementar para que sejam abordados temas que façam ou não parte do componente curricular Orientação Profissional e Cidadania, em muitos cursos de extensão e FIC da rede federal de ensino e outros espaços não formais de educação, tornou-se uma tarefa provocadora. A cada oficina realizada, reafirmamos o compromisso que essa ferramenta pudesse alcançar os objetivos de acolher, trocar, empoderar, fazer sentido, sem que, com isso, nenhuma mulher se sentisse não pertencente ao processo, só aumentava.

Há de se ter uma responsabilidade enorme na abordagem de assuntos que são limítrofes na vida de mulheres, que já carregam tantos fardos, violências, desigualdades sociais, pouca escolarização, autoestima baixa, precarização de trabalhos e salários, dificuldades de acesso até mesmo para cuidados com sua saúde, entre muitos outros fatores que vão invisibilizando-as. Modificar essa perspectiva através do fortalecimento coletivo e colaborativo pontua o que cada uma de nós é capaz de ofertar a outra. Nesse sentido, utilizar os pressupostos de espaços não formais de educação, como ONGs, teatros, espaços plurais, Movimentos Sociais, Coletivos possibilitou que mulheres artesãs do Coletivo Mãos que Criam pudessem usufruir de momentos que realmente fizesse diferença em seu cotidiano.

Ao recorrer à modalidade educativa, capaz de, concretamente, contribuir para que os sujeitos se tornem cidadãos, capacitando-os por meio do conhecimento do mundo e das relações sociais que se estabelecem no cotidiano de suas vidas, a pensarem criticamente sobre si e sobre o mundo, favorecendo a ação ativa, criadora e transformadora da realidade em que se encontram, é estar conectada à educação não formal, compreendendo subjetivamente de cultura, política e outros. A educação não formal acontece de forma organizada, sistematizada, planejada, produzindo laços sociais estabelecidos nas relações de um grupo, desenvolvendo processos identitários, reforçando laços de coleguismos, que é uma importante experiência de solidariedade.

Pode-se pensar na educação não formal como uma educação para cidadania, justiça social, igualdade, democracia, direitos humanos, políticos. Acredita-se que a educação não formal se configura como instrumento educativo potencial para a libertação das pessoas e para a transformação social, porque nela podem ser encontradas possibilidades de viabilizar a luta dos indivíduos por sua humanização, pautando-se na compreensão de que os sujeitos são

agentes de mudanças, capazes de conhecer criticamente o contexto cultural e social que os circunscreve, à medida que se engajam no processo de conquista de sua cidadania.

O Coletivo de Mulheres Artesãs Mãos que Criam nasce dentro de um espaço formal de educação, nas dependências do IFRS – *Campus Viamão*, em meio aos conteúdos ofertados nos cursos de Cuidador Infantil e de Pessoas Idosas, que faziam parte da FIC no PMM. Mulheres que estavam há muito tempo afastadas dos bancos escolares, compreendem, de forma coletiva, que necessitavam se manter unidas para se fortalecerem. No início, as múltiplas necessidades giravam em torno da ansiedade, do sentimento de tristeza, da impotência, atrelados à condição financeira precária.

Durante as longas conversas durante as aulas, pudemos ouvir, acolher e orientar. Assim, surge a ideia da formação de um grupo de mulheres, para que pudessem compartilhar saberes, produzirem, através de seus trabalhos manuais, renda para suas necessidades mais básicas. Ao longo de oito anos de existência do coletivo, muitas modificações foram ocorrendo, mas nunca perderam de vista que o diferencial do grupo era nenhuma mulher ficar para trás.

O Coletivo Mãos que Criam adotou a prática de ser itinerante enquanto não possuísem uma sede que estruturalmente pudesse acolher as participantes e convidadas, de maneira acessível. Para realizar as oficinas desta pesquisa, o coletivo recorreu a parceiros e pudemos nos encontrar em um espaço mágico, onde borbulha cultura, arte, efervescência de ideias, criatividade, o que constitui cada pedacinho do Espaço de Arte Viandantes, que pode ser descrito como um mosaico, colorindo a vida de forma sustentável, construindo momentos de criatividade e trocas. Espaço que estava sob responsabilidade da professora aposentada, Niltamara Gomes, pessoa incansável ligada ao teatro, à arte de tocar pandeiro, à dança, ao voluntariado junto aos povos indígenas, e, também, o Quilombo Anastacia.

Ao longo das oficinas, as participantes, com contribuições, escuta atenta e muitas trocas, reforçaram na prática o que a teoria descortina, os saberes compartilhados, as vivências, as experiências de cada uma somados aos de outras são transformadores. Em vários momentos, é permitido refazer o caminho, fortalecer-se coletivamente, viabilizando condições melhores a todas do grupo.

Portanto, empoderar mulheres é pavimentar um caminho que ainda hoje é desigual a nível socioeconômico, quer sejam nas questões habitacionais, alimentares, profissionais e educacionais para meninas, mulheres e corpos feminizados. A pesquisa reflete, mas, também, compreende que para além do debate político são necessárias ações ligadas ao enfrentamento,

no que se refere à mitigação das desigualdades de gênero. Que essas medidas/ações contribuam para alcançarmos igualdade de gênero, com foco na divisão sexual do trabalho e na organização social, sem, com isso, deixar de lado as dimensões: raça, etnia, classe e a diversidade das mulheres (negras, indígenas, quilombolas, periféricas). Nesse contexto, é possível afirmar que as oficinas, realizadas no contexto desta pesquisa, assumem um compromisso ético e educacional no fomento junto às instituições públicas de ensino, de que sejam criadas novas oportunidades a essas e a tantas outras mulheres que estão à margem.

Atualmente, com a retomada do PMM, que reúne um conjunto de políticas públicas e diretrizes governamentais voltadas para fazer a inclusão educacional, social e produtiva de mulheres em situação de vulnerabilidade, tendo como ponto central a identificação, o reconhecimento e a valorização da diversidade e dos saberes acumulados em cada uma de suas etapas de vida, vislumbramos a possibilidade de mulheres poderem reconstruir suas vidas através da educação permanente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 mar. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 18 maio 2024.

BRASIL. **Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm?origin=instituicao. Acesso em: 18 maio 2023.

BRASIL. **Portaria n.º 1.015, de 21 de julho de 2011**. Institui o Programa Mulheres Mil. Brasília-DF: MEC, 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mulheres-mil>. Acesso em: jan. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 8.268, de 18 de junho de 2014**. Altera o Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004, que regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: https://planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Decreto/D8268.htm Acesso em: 18 out. 2023.

BRASIL. **Informe MIR – Monitoramento e avaliação – nº 2 – Edição Mulheres Negras**. Brasília-DF: Ministério da Igualdade Racial, set. 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102066_informativo.pdf. Acesso em: 18 mar. 2023.

BRASIL. **Mapa da Violência**. Brasília-DF: Senado Federal, 2024. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/institucional/datasenado/mapadaviolencia/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

CORSINI, Iuri. **Brasil tem quase cinco milhões de mulheres a mais que homens, diz IBGE**: população feminina corresponde a 51,1% da população brasileira, de acordo com dados da PNAD. Continua com índices populacionais de 2021. Rio de Janeiro: CNN, 22 jul. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-tem-quase-cinco-milhoes-de-mulheres-a-mais-q>

ue-homens-diz-ibge/#:~:text=A%20Pesquisa%20Nacional%20por%20Amostra,mais%20que%20homens%20no%20pa%C3%ADs. Acesso em: 16 fev. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

DIEESE – DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Mulheres**: inserção no mercado de trabalho. São Paulo, 2023. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.dieese.org.br/infografico/2023/infograficosMulheres2023.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2024.

DIEESE – DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Mulheres no mercado de trabalho**: desafios e desigualdades constantes. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2024/mulheres2024.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não formal**. Sion: Institut international de Droits de l'Enfant, 2005.

GARLET, Tanea Maria Bisognin. **Plantas medicinais nativas de uso popular no Rio Grande do Sul**. Santa Maria, RS: UFSM, 2019. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/346/2019/12/Cartilha-Plantas-Medicinais.pdf>. Acesso em: jul. 2023.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52806/000728684.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 fev. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, n. 2, p. 223-244, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. São Paulo: Zahar, 2020.

HIRATA, Helena. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. **Revista Trabalho Necessário**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 29, p. 14-27, 13 jun. 2018. Disponível em <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4552>. Acesso em: 05 out. 2022.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. A classe operária tem dois sexos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 1, p. 93-100, 1994. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16291>. Acesso em: 06 out. 2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Feminism is for everybody: passionate politics**. New York: Routledge, 2015.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNADC**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas – Informação demográfica e socioeconômica**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 30, 2024. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102066_informativo.pdf. Acesso em: 15 maio 2024.

IFRS – INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL – *CAMPUS VIAMÃO*. **Pasta Documental do Setor de Registros Acadêmicos**. Viamão, 2015.

IFRS – INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Regulamento Geral do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional**. Bento Gonçalves: ProfEPT, 2019. Disponível em: <https://profept.ifes.edu.br/regulamentoprofept/16413-regulamento2018>. Acesso em: 13 set. 2023.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014**. Brasília, 2016. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6524/1/Nota_n24_Mulheres_trabalho.pdf. Acesso em: 16 fev. 2023.

LEITE, Priscila de Souza Chisté. Proposta de validação coletiva de materiais educativos em mestrados profissionais da área de ensino. **Revista de Educación Campo Abierto**, Espanha, v. 38, n. 2, p. 185-198, 2020. Disponível em: <https://mascvuex.unex.es/revistas/index.php/campoabierto/article/view/3516>. doi: 10.17398/0213-9529.38.2.185. Acesso em: 16 fev. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** [S.l.], 2015. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2024.

PAVIANI, Jayme; FONTANA, Roseli. **Oficinas pedagógicas: saberes, inovações e práticas docentes.** Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus.** Coimbra: Almedina, 2020.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: fev. 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE se refere a sua participação na avaliação do produto educacional decorrente da pesquisa intitulada: “Práticas educativas para a promoção da equidade de gênero em espaços não escolares da EPT: aprendizagens e demandas compartilhadas por trabalhadoras artesãs de um Coletivo de Mulheres da região metropolitana de Porto Alegre”. Este projeto está vinculado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, ofertado em rede pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS – *Campus* Porto Alegre, desenvolvido na linha de pesquisa de Práticas de Ensino na Educação Profissional e Tecnológica.

O estudo objetivou compreender as potencialidades e dificuldades enfrentadas por essas mulheres, ouvindo suas experiências e produzindo subsídios teóricos e metodológicos para aprimorar as práticas de ensino na EPT em espaços não escolares, com um foco especial na promoção da equidade de gênero. Buscou responder ao seguinte problema de pesquisa: quais as demandas e os desafios, das mulheres artesãs do Coletivo Mãos que Criam, no que diz respeito à EPT?

O lócus do estudo foi espaço do Coletivo de Mulheres Mãos que Criam, localizado no município de Viamão, tendo sido realizadas entrevistas estruturadas, grupo focal e preenchimento de entrevista estruturada com as participantes do estudo. Tais dados foram sistematizados, mediante a produção de um guia, o qual apresenta o roteiro detalhado de quatro oficinas temáticas conduzidas durante a pesquisa. Tais oficinas foram planejadas, com base no diálogo com o Coletivo de Mulheres, contando com a participação de 10 voluntárias, incluindo egressas do Curso de Educação de Jovens e Adultos – EJA de Formação Inicial e Continuada – FIC – Agroecologia e egressas do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC, do Curso FIC de Cuidador Infantil.

Após a leitura do referido produto educacional, convidamos você a colaborar com a sua avaliação, mediante o preenchimento do questionário estruturado. A adesão é voluntária e condicionada à sua manifestação quanto ao aceite em participar do estudo, por meio do preenchimento do presente TCLE e, posteriormente, caso aceite, à avaliação do referido produto educacional.

=====

Fui alertado/a que este estudo apresenta risco mínimo para mim, isto é, pode mobilizar sentimentos e percepções nas participantes, causando algum desconforto emocional e/ou psicológico. Caso isso ocorra, a pesquisadora encaminhará a participante para o serviço de assistência social e psicológica do *Campus* Porto Alegre, ao qual a pesquisa está vinculada, a fim de receber o acompanhamento e encaminhamentos que, porventura, forem necessários. No caso da impossibilidade ou não resolução da situação, a própria pesquisadora realizará encaminhamento junto a serviço particular que contemple a demanda ocasionada. Além disso, diante de qualquer tipo de questionamento ou dúvida, poderei realizar o contato imediato com um/a dos/as pesquisadores/as responsáveis pelo estudo, que fornecerá os esclarecimentos necessários.

Foi destacado que a minha participação no estudo é de extrema importância, uma vez que se

espera promover maior visibilidade à educação profissional em contextos não escolares, em especial, a partir da escuta das demandas e dos desafios enfrentados por mulheres na luta em prol da equidade de gênero, no âmbito da educação e do mundo do trabalho; promover espaço de empoderamento feminino individual e coletivo; atuar como propulsor de políticas públicas para as mulheres; produzir conhecimento sobre a comunidade em que o IFRS se insere dentro da perspectiva comunitária, divulgando a produção; aprimorar as políticas institucionais voltadas à educação em espaços não escolares, em especial, destinada ao atendimento a mulheres, a partir da sua escuta.

Estou ciente e me foram assegurados os seguintes direitos:

- da liberdade de retirar o consentimento, a qualquer momento, podendo deixar de participar do estudo, sem que isso me traga prejuízo de qualquer ordem;
- da segurança de que não serei identificado/a e que será mantido caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade;
- do compromisso de ter acesso às informações em todas as etapas do estudo, bem como aos resultados, ainda que isso possa afetar meu interesse em continuar participando da pesquisa;
- de que não haverá nenhum tipo de despesa ou ônus financeiro relacionados à participação neste estudo;
- de que tenho direito à compensação material relativa às minhas despesas e de meu acompanhante com relação à transporte e alimentação, caso esses gastos sejam demandados durante a minha participação no estudo;
- de que não está previsto nenhum tipo de procedimento invasivo ou coleta de material biológico;
- de que posso me recusar a responder qualquer pergunta que julgar constrangedora ou inadequada;
- de que serão mantidos todos os preceitos ético-legais durante e após o término da pesquisa, conforme a Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

=====

Eu _____, portador/a do documento de identidade ou CPF _____, aceito participar da pesquisa intitulada: “Práticas educativas para a promoção da equidade de gênero em espaços não escolares da EPT: aprendizagens e demandas compartilhadas por trabalhadoras artesãs de um Coletivo de Mulheres da região metropolitana de Porto Alegre”. Fui informado/a dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada, bem como sobre a metodologia que será adotada, sobre os riscos e benefícios envolvidos. Recebi uma via assinada e rubricada deste TCLE e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Local, ____ de _____ de _____.

Assinatura do/a participante

Assinatura do/a pesquisador/a

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Porto Alegre

Roteiro de entrevista estruturada com as mulheres participantes da pesquisa (grupos 1 e 2).

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Programa: Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica

Linha de Pesquisa: Práticas de Ensino

Título do Projeto de Pesquisa: Práticas educativas para a promoção da equidade de gênero em espaços não escolares da EPT: aprendizagens e demandas compartilhadas por trabalhadoras artesãs de um Coletivo de Mulheres da região metropolitana de Porto Alegre

Pesquisadora responsável: Barbara Cristina Dias De Mello

Orientadora: Prof.^a Dra. Liliane Madruga Prestes

PÚBLICO-ALVO

Grupo 1: Mulheres integrantes da equipe fundadora do coletivo e/ou da gestão atual.
Universo de participantes: 5 mulheres que integram e/ou integraram a equipe gestora do Coletivo Mãos que Criam.

Grupo 2: Mulheres artesãs integrantes do Coletivo Mãos que Criam.

Universo de participantes: 10 mulheres integram e/ou integraram a equipe gestora do Coletivo Mãos que Criam nos últimos seis meses.

ESTRUTURA DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

O presente instrumento será utilizado para a realização de entrevista com roteiro estruturado, a qual poderá ser gravada após o consentimento das participantes, mediante o preenchimento dos respectivos Termos de Consentimento Livres e Esclarecidos – TCLEs (APÊNDICE A). Está prevista a realização de um encontro individual entre a pesquisadora e cada uma das participantes, para a apresentação do projeto e preenchimento do TCLE, previsto para ocorrer no período de maio a junho de 2023. Tal etapa será agendada com a coordenação do coletivo, sendo enviado convite para as integrantes, previamente selecionadas, num total de 10 mulheres, conforme os critérios descritos anteriormente.

A seguir, o esboço das questões a serem contempladas na entrevista, as quais serão organizadas em quatro blocos, a saber:

Bloco 1 – Trajetória pessoal

Fale um pouco sobre quem é você (idade, gênero, raça/etnia e escolaridade, atividade que realiza, etc.).

Bloco 2 – Dificuldades e desafios enfrentados no contexto escolar e no mundo do trabalho

- Você enfrenta ou já enfrentou dificuldades para frequentar a escola? Em caso, afirmativo, quais foram?
- Se você tivesse oportunidade de continuar estudando, que curso(s) você gostaria de frequentar?
- Você exerce alguma atividade remunerada? Em caso afirmativo, descreva brevemente?

Bloco 3 – Motivações e atividades no Coletivo de Mulheres

- Conte um pouco sobre suas motivações e há quanto tempo você integra o Coletivo de Mulheres Mãos que Criam.
- Descreva que atividades você realiza e/ou gosta de participar no Coletivo Mãos que Criam.
- Na sua opinião, qual o papel do Coletivo de Mulheres, em especial, na promoção da equidade de gênero, tanto na educação quanto no mundo do trabalho?

Bloco 4 – Demandas para a formação continuada

- Que atividades e/ou temáticas você gostaria que fossem contempladas nos encontros formativos promovidos pelo Coletivo de Mulheres?

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023).

APÊNDICE C – FORMULÁRIO ESTRUTURADO – *GOOGLE FORMS*

Questionário para fins de avaliação do Produto Educacional decorrente da pesquisa intitulada: “Práticas educativas para a promoção da equidade de gênero em espaços não - escolares da EPT: aprendizagens e demandas compartilhadas por trabalhadoras artesãs de um Coletivo de Mulheres da região metropolitana de Porto Alegre”,

1 mensagem

9 de setembro de 2024 às 08:13

Está com problemas para ver ou enviar este formulário?

PREENCHER NO FORMULÁRIOS GOOGLE

Este é um convite para você preencher o formulário:

Questionário para fins de avaliação do Produto Educacional decorrente da pesquisa intitulada:

“Práticas educativas para a promoção da equidade de gênero em espaços não - escolares da EPT: aprendizagens e demandas compartilhadas por trabalhadoras artesãs de um Coletivo de Mulheres da região metropolitana de Porto Alegre”,

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), do processo de avaliação do produto educacional decorrente da pesquisa intitulada: “Práticas educativas para a promoção da equidade de gênero em espaços não - escolares da EPT: aprendizagens e demandas compartilhadas por trabalhadoras artesãs de um Coletivo de Mulheres da região metropolitana de Porto Alegre”. Este projeto está vinculado ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado em rede, pelo IFRS – Campus Porto Alegre, tendo sido foi submetido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFRS tendo sido aprovado conforme Parecer Consubstanciado CEP/IFRS no. 67376123.2.0000.8024 de 03/03/2023.

E-mail *

Continuar »

APÊNDICE E – CONVITE PARA AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Prezados/as,

Convidamos você a participar da avaliação do produto educacional decorrente da pesquisa intitulada: “Práticas educativas para a promoção da equidade de gênero em espaços não escolares da EPT: aprendizagens e demandas compartilhadas por trabalhadoras artesãs de um Coletivo de Mulheres da região metropolitana de Porto Alegre”. Este projeto está vinculado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, ofertado em rede pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS – *Campus* Porto Alegre, desenvolvido na linha de pesquisa de Práticas de Ensino na Educação Profissional e Tecnológica.

O estudo objetivou compreender as potencialidades e dificuldades enfrentadas por essas mulheres, ouvindo suas experiências e produzindo subsídios teóricos e metodológicos para aprimorar as práticas de ensino na EPT em espaços não escolares, com um foco especial na promoção da equidade de gênero. Busco responder ao seguinte problema de pesquisa: *Como propiciar subsídios teórico e metodológicos para a promoção de práticas educativas voltadas à equidade de gênero na Educação Profissional a partir da escuta de mulheres pertencentes a um coletivo de artesãs da Região Metropolitana de Porto Alegre e egressas de um curso de Formação Inicial Continuada (FIC) oferecido pelo IFRS?*

O lócus do estudo foi espaço do Coletivo de Mulheres Mãos que Criam, localizado no município de Viamão, tendo sido realizadas entrevistas estruturadas, grupo focal e preenchimento de questionário estruturado com as participantes do estudo. Tais dados foram sistematizados, mediante a produção de um guia, o qual apresenta o roteiro detalhado de quatro oficinas temáticas conduzidas durante a pesquisa. Tais oficinas foram planejadas, com base no diálogo com o Coletivo de Mulheres, contando com a participação de 10 voluntárias, incluindo egressas do Curso de Educação de Jovens e Adultos – EJA de Formação Inicial e Continuada – FIC – Agroecologia e egressas do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC, do Curso FIC de Cuidador Infantil.

Após a leitura do referido produto educacional, convidamos você a colaborar com a sua avaliação, mediante o preenchimento do questionário estruturado. A adesão é voluntária e condicionada à sua manifestação quanto ao aceite em participar do estudo, por meio do preenchimento do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e,

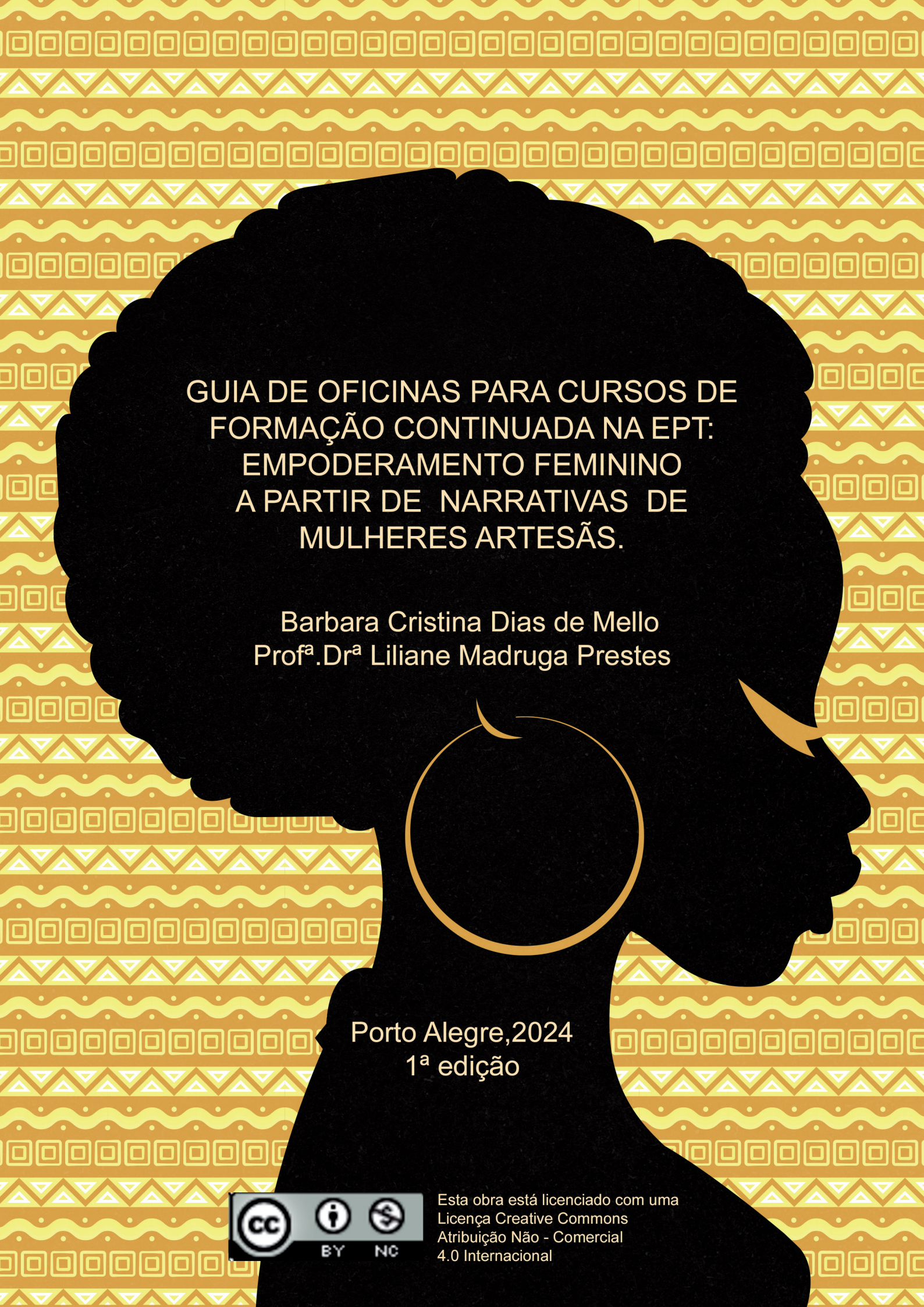
posteriormente, caso aceite, à avaliação do referido produto educacional.

Na oportunidade, solicitamos que compartilhe com seus colegas dos Núcleos de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade – NEPGS e Núcleo de Ações Afirmativas – NAFFs, para que os integrantes de tais coletivas também possam colaborar com este estudo. Se possível, aguardamos retorno até o dia **15/08/2024**.

Desde já agradecemos!

Barbara Cristina Dias de Mello – mestranda do ProfEPT/IFRS

Prof.^a Dra. Liliane Madruga Prestes – docente do IFRS/POA



GUIA DE OFICINAS PARA CURSOS DE
FORMAÇÃO CONTINUADA NA EPT:
EMPODERAMENTO FEMININO
A PARTIR DE NARRATIVAS DE
MULHERES ARTESÃS.

Barbara Cristina Dias de Mello
Prof^a.Dr^a Liliane Madruga Prestes

Porto Alegre, 2024
1^a edição



Esta obra está licenciado com uma
Licença Creative Commons
Atribuição Não - Comercial
4.0 Internacional

PRODUTO EDUCACIONAL

*Guia de Oficinas para cursos de formação inicial e continuada na educação profissional e tecnológica (FIC):
empoderamento feminino a partir das narrativas de mulheres artesãs*

FICHA TÉCNICA

Programa: Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT

Linha de Pesquisa: Práticas educativas na Educação Profissional e Tecnológica

Autor(as): Barbara Cristina Dias de Mello, Dra. Liliane Madruga Prestes

Público ao qual se destina: Estudantes e docentes de Cursos de Formação Inicial e Continuada de Educação Profissional e Tecnológica e público em geral.

Formato: Guia de Oficinas

Meio de divulgação: Digital

Editoração: Me. Raphael Carneiro Vargas

Ano da publicação: 2024

Mello, Barbara Cristina Dias de

Práticas educativas para a promoção da equidade de gênero em espaços não-formais da EPT: demandas e desafios a partir da escuta de mulheres trabalhadoras de um Coletivo de Artesãs da região metropolitana de Porto Alegre/ Barbara Cristina Dias de Mello - Porto Alegre, de 2024.

Orientadora: Dra. Liliane Madruga Prestes.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Rio Grande do Sul Campus Porto Alegre, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, Porto Alegre, 2024. 1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Mulheres. 3. Educação e Trabalho. 4. Equidade de gênero. 5. Educação profissional I. Prestes, Liliane Madruga Prestes

Catalogado por:

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

DO RIO GRANDE DO SUL

Júlio Xandro Heck
Reitor

Lucas Coradini
Pró-reitor de Ensino – PROEN

Eduardo Giroto
Pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Marlova Benedetti
Pró-reitora de Extensão

Tatiana Weber
Pró-reitora de Administração e Orçamento

Amilton de Moura Figueiredo
Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional

IFRS – CAMPUS PORTO ALEGRE

Sérgio Wesner Viana
Diretor Geral

Denirio Itamar Lopes Marques
Diretora de Ensino

Cíntia Mussi Alvim Stocchero
Diretora de Extensão

Silvia de Castro Bertagnolli
Diretora de pesquisa

Aline Grunewald Nichele
Diretora de Desenvolvimento Institucional

Índice

- 05 Apresentação
- SEÇÃO 1
- 07 Mulheres que inspiram outras mulheres: roteiros de oficinas produzidas no contexto da educação profissional e tecnológica
- SEÇÃO 2
- 15 Roteiro de Oficinas Pedagógicas para o empoderamento de mulheres em cursos FIC na EPT
- 16 Seção 2.1 - Oficina Pedagógica 01
Afinal, o que é empoderamento de mulheres e que estratégias individuais e/ou engloba?
- 24 Seção 2.2 - Mulheres inspirando outras mulheres: Relatos de mulheres participantes da oficina e que integram o Coletivo Mãos que Criam
- 25 Seção 2.3 - Oficina Pedagógica 02
Empoderamento de mulheres através do autocuidado - práticas integrativas em saúde individual e coletiva.
- 36 Seção 2.4 - Mulheres inspirando outras mulheres: Fotos e relatos da participação das mulheres do Coletivo Mãos que criam
- 37 Seção 2.5 - Oficina Pedagógica 03
Empoderamento feminino através de uma abordagem multidisciplinar que compreende as dimensões biopsicossocial do indivíduo
- 49 Seção 2.6 Oficina pedagógica 04
Empoderamento Feminino através do Autocuidado e Alimentação Saudável
- 55 Seção 2.7 - Mulheres inspirando outras mulheres: Relato da ação desenvolvida com o Coletivo de Mulheres Mãos que Criam
- 57 Seção 3 - Mulheres Inspirando Mulheres: Trajetórias Inspiradoras e Subsídios sobre Direitos à Educação e Trabalho
- 59 Seção 3.1 - Mulheres que nos inspiram - Durbe
- 63 Seção 3.2 - Sugestões de materiais sobre empoderamento disponibilizados de forma pública e gratuita na internet (guias, manuais, ebooks)
- 64 Seção 3.3 - Playlist de músicas para a realização de dinâmicas nas oficinas
- 65 Seção 3.4 - Sugestão de sites com informações sobre práticas de autocuidado e empoderamento de mulheres em práticas de ensino na Educação Profissional e Tecnológica
- 66 Seção 3.5 - Dicas de leituras sobre empoderamento de mulheres, em especial, em práticas de ensino na Educação Profissional e Tecnológica
- 67 Sobre as autoras



Apresentação



Prezadas/prezados,

Este produto educacional resultou da pesquisa intitulada Práticas educativas para a promoção da equidade de gênero em espaços não - formais da EPT: demandas e desafios a partir da escuta de mulheres trabalhadoras de um Coletivo de Artesãs da região metropolitana de Porto Alegre, realizada no decorrer do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica ofertado pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Porto Alegre, na linha de pesquisa de Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT). O estudo contou com a escuta de mulheres egressas de curso de Formação Inicial e Continuada (FIC) ofertado pelo IFRS - Campus Viamão, incluindo a realização de oficinas pedagógicas com o objetivo de compartilhar conhecimentos produzindo subsídios teóricos e metodológicos para a abordagem de temáticas relacionadas ao empoderamento de mulheres trabalhadoras, em especial, no contexto da EPT.

Como resultado, apresentamos o presente Guia, o qual é destinado a educadores/as e demais pesquisadores/as e outros profissionais que atuam em espaços formais e/ou não formais da Educação Profissional e Tecnológica, em particular, em cursos FIC. Além de sugestões de roteiros para oficinas pedagógicas, apresentamos dicas de materiais e/ou recursos destinados ao

aprimoramento das práticas educativas no contexto da EPT. Destacamos que a inclusão das imagens e relatos presentes neste material foram devidamente autorizados pelas participantes das oficinas, cujo projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa do IFRS¹.

Desejamos que este Guia inspire novas iniciativas que promovam a ampliação de conhecimentos e acesso aos direitos fundamentais bem como o empoderamento de mulheres trabalhadoras, em especial, o direito à educação e promoção da equidade de gênero no mundo do trabalho.



¹ Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Parecer Consubstanciado no. 5.924.854 datado de 03/3/2023.




Mulheres que inspiram outras mulheres: roteiros de oficinas produzidas no contexto da educação profissional e tecnológica

As oficinas descritas no decorrer deste Guia foram elaboradas a partir da escuta e com a participação do Coletivo de Mulheres Mãos que Criam. Conforme citado anteriormente, trata-se de um grupo de egressas de cursos de Formação Inicial e Continuada ofertados pelo IFRS - Campus Viamão. Tais cursos visam a capacitação profissional, aperfeiçoamento e atualização profissional de trabalhadores e trabalhadoras em todos os níveis de escolaridade. Abrange cursos especiais, de livre oferta, abertos à comunidade, além de cursos de qualificação profissional integrados aos itinerários formativos do sistema educacional.

Você sabe o que é um curso FIC?

Conforme previsto no Art. 42 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a formação inicial e continuada ou qualificação profissional podem ser oferecidos como cursos de livre oferta, abertos à comunidade, com suas matrículas condicionadas à capacidade de aproveitamento da formação, e não necessariamente ao nível de escolaridade. Tais cursos não possuem carga horária preestabelecida e podem apresentar características diversificadas em termos de preparação para o exercício profissional de algumas ocupações básicas do mundo do trabalho ou relacionadas ao exercício pessoal de atividades geradoras de trabalho e renda.



Quando organizados pelo sistema educacional dentro de um itinerário formativo com o intuito de possibilitar continuidade de estudos, os cursos de formação inicial e continuada (FIC) ou qualificação profissional possuem regulamentação quanto a carga horária. Está estabelecida a duração mínima de 160 horas, no § 1º do Art. 3º do Decreto nº 5.154/2004, alterado pelo Decreto nº 8.268/2014.

O perfil profissional de conclusão dos cursos de FIC ou qualificação profissional deve corresponder a perfis necessários ao exercício de uma ou mais ocupações com identidade reconhecida pelo mercado de trabalho. Eles devem garantir a profissionalização em determinada área e, ao mesmo tempo, o contínuo e articulado aproveitamento de estudos nos diferentes níveis da educação nacional.

Vale destacar que a formação inicial e continuada (FIC) ou qualificação profissional, assim denominada na LDB, também possui a denominação de “qualificação profissional, inclusive formação inicial e continuada de trabalhadores”, determinada no Decreto nº 5.154/2004, alterado pelo Decreto nº 8.268/2014. Podem oferecer cursos de formação inicial e continuada ou qualificação profissional as instituições que compõem:

- as redes federal, estaduais, distrital e municipais de educação profissional e tecnológica;
- os Serviços Nacionais de Aprendizagem (SNAs);
- instituições privadas de educação profissional e tecnológica;
- escolas habilitadas para oferta de cursos no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec).

Além das instituições relacionadas acima, os cursos livres podem ser oferecidos por empresas, associações de classe, sindicatos, igrejas etc.



Para saber mais sobre a oferta de cursos de Formação Inicial e Continuada na rede federal de Educação Profissional e Tecnológica, acesse o QR CODE abaixo:

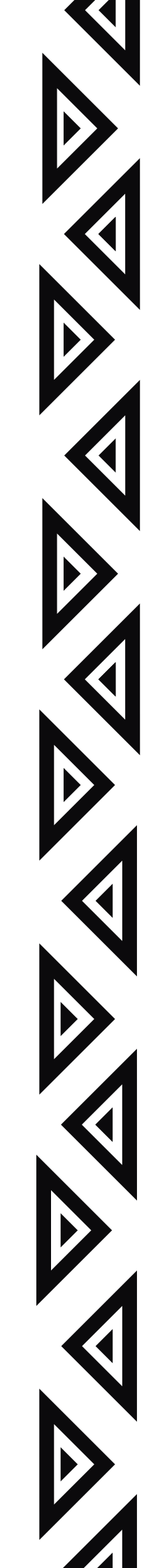


Os roteiros de oficinas descritos no decorrer deste Guia foram produzidos em parceria com as mulheres do Coletivo Mãos que Criam, o qual é formado por egressas do Curso FIC ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia- campus Viamão.



Que tal conhecer um pouco sobre a história dessa parceria entre o IFRS – Campus Viamão e o Coletivo de Mulheres Mãos que Criam?

No ano de 2014, o IFRS – Campus Viamão buscou ofertar cursos de formação inicial e continuada (FIC) que dialogassem com os arranjos locais, tendo em vista as características do município de Viamão, que fica na região metropolitana da capital no estado do Rio Grande do Sul, do qual é o sétimo mais populoso. É o maior município em extensão territorial da Região Metropolitana de Porto Alegre. No que tange a população, à época, o município possuía uma população formada em sua maioria por mulheres, na faixa etária de 20 a 29 anos. Na ocasião, o cuidar atrelado às mulheres foi evidenciado na demanda de cursos de Cuidador de Idosos e Cuidador Infantil. A cada turma foram oferecidas 30 vagas, com exigência mínima de escolaridade, apenas o ensino fundamental concluído. As aulas foram ministradas através da realização de quatro encontros semanais, presenciais, distribuídos em módulos que incluíam desde a Orientação Profissional e Cidadã, as questões mais específicas do cuidar que ambos os cursos exigiam (por exemplo, saúde da criança, do idoso, etc.). Além das aulas, foram realizadas atividades extras como visitas técnicas ampliando os vínculos entre as participantes, cujas afinidades e amizade foram sendo ampliadas e tendo continuidade após a conclusão do curso. Ao final, as duas turmas encontravam-se extremamente entrosadas, e sedentas por mais oportunidades, algumas seguiram o itinerário formativo, buscando qualificação técnica, outras mesmo diante das limitações, conseguiram acessar a graduação. Uma parte do grupo optou por se fortalecer coletivamente e reuniram seus saberes prévios,



muitas tinham habilidades manuais para pintura, crochê, tricô, cozinhar e fazer hortas solidárias. Da necessidade de se manterem atuantes surge numa tarde fria e chuvosa do mês de agosto de 2015, o que conhecemos hoje pelo coletivo de Mulheres Artesãs Mãos que Criam. Um espaço não formal para empoderamento, acolhimento e troca de saberes. No ano de 2020 com a pandemia da Covid 19, as mulheres do Coletivo que haviam iniciado com apenas oito componentes e ao longo dos primeiros anos tinham uma circulação de 40 mulheres viram esse quantitativo multiplicar, muito em face ao acolhimento feito em razão do número crescente da violência doméstica, das vulnerabilidades, da falta de alimentos, escassez de trabalho que executavam informalmente.

Entre as fundadoras do coletivo destacamos a Luciana Andrades Raldi que juntamente com Durbe Marli foram incansáveis no quesito acolhimento, mobilizando a comunidade para arrecadação de alimentos, roupas adultas e infantis, materiais de higiene pessoal e doméstica. Fizeram parceria com outros coletivos para que pudessem encaminhar mulheres para atendimento psicológico, cuidados com a saúde ginecológica, saúde mental. Organizaram junto às feiras ecológicas a possibilidade de exporem seus produtos, buscaram qualificação individual e coletiva junto ao Sindicato Rural e ao Instituto Federal Campus Viamão, onde através de uma agenda de cursos puderam se instrumentalizar ampliando a entrada no mundo do trabalho de forma consciente e sustentável.

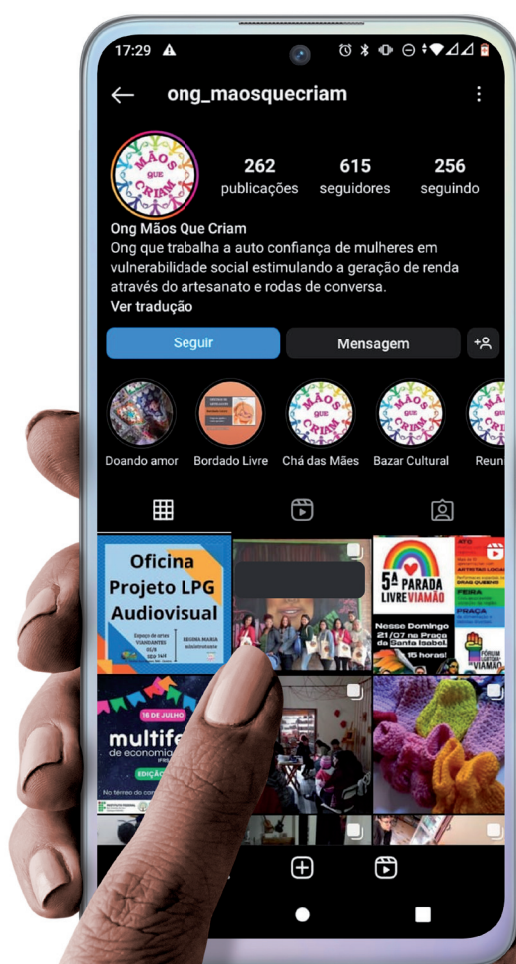
O Coletivo Mãos que Criam através de suas ações e sua existência nos convoca a olhar para nós mesmas com amorosidade respeitando nossa individualidade e a potência de nossa Coletividade.

No decorrer do ano de 2022 e 2023, o Coletivo Mãos que

Criam foi parceiro na realização de oficinas pedagógicas voltadas ao empoderamento de mulheres e que resultaram na elaboração do presente produto educacional. Na próxima seção, apresentaremos o roteiro de tais oficinas elaboradas a partir da pesquisa e participação efetiva das mulheres artesãs.

Para saber mais sobre o Coletivo Mãos que Criam, acesse:

**Clique
aqui**

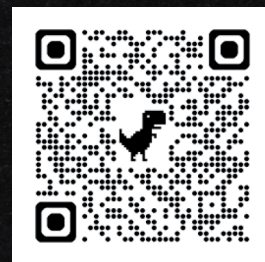


Por que discutir empoderamento feminino no contexto dos cursos de formação inicial e continuada na Educação Profissional e Tecnológica?


Desde os tempos remotos da trajetória da humanidade, o gênero pauta o lugar atribuído a homens e mulheres na sociedade, incluindo atravessamentos de raça/etnia e classe social. É histórico o lugar de cuidado que as mulheres ocupam no mundo, mães, cuidadoras do lar, trabalhadoras domésticas, profissionais da educação, profissionais da saúde, entre outras atividades destinadas ao cuidado. Portanto é imprescindível falar de empoderamento feminino, compreender a importância de agendas como a Agenda 2030 da ONU cujo quinto objetivo para além de fomentar a igualdade de gênero, prevê ações educativas voltadas ao empoderamento de todas as meninas e mulheres, tanto no âmbito da educação quanto no mundo do trabalho.

Para saber mais sobre empoderamento de mulheres conforme a AGENDA 2030 - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU)

É um guia para a comunidade internacional e um plano de ação para colocar o mundo em um caminho mais sustentável e resiliente até 2030. O plano indica 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODS, e 169 metas para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos, dentro dos limites do planeta. Entre estes, destacamos o objetivo 5: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Para saber mais **clique aqui** ou no QR CODE ao lado.




**Aponte sua
câmera aqui**



Empoderar mulheres não se resume a uma agenda para o desenvolvimento sustentável; é uma forma de combater todas as formas de desigualdade, visto que mulheres e meninas são frequentemente as mais afetadas por essas disparidades.

Com base no acima exposto, apresentamos um guia de roteiros de oficinas pedagógicas, especialmente desenvolvidas para cursos FIC na EPT, com base em pesquisas realizadas pelo Coletivo Mãos que Criam, composto por egressas de cursos oferecidos pelo IFRS-Campus Viamão.



Roteiro de Oficinas Pedagógicas para o empoderamento de mulheres em cursos FIC na EPT

As oficinas propostas neste guia foram concebidas como um recurso pedagógico complementar para abordar temas relacionados ao componente curricular "Orientação Profissional e Cidadania" em diversos cursos FIC do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Nosso objetivo é fortalecer o conceito de empoderamento feminino e questões de gênero na educação profissional, através de quatro oficinas voltadas para estratégias de empoderamento feminino, focando na garantia dos direitos fundamentais como educação e trabalho.

Este guia apresenta o roteiro detalhado de quatro oficinas temáticas conduzidas durante a pesquisa "Práticas Educativas para a Promoção da Equidade de Gênero em Espaços Não-Formais da EPT: Demandas e Desafios a partir da Escuta de Mulheres Trabalhadoras de um Coletivo de Artesãs da Região Metropolitana de Porto Alegre", vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT, polo IFRS-Campus Porto Alegre. O estudo envolveu mulheres trabalhadoras egressas dos cursos FIC de Cuidador Infantil e Agroecologia do IFRS-Campus Viamão. Cada oficina teve a duração prevista de 2h30min, com grupos de até 15 mulheres, para garantir a participação efetiva e a escuta atenta de todas as participantes. As oficinas foram planejadas com base no diálogo com um grupo de 10 mulheres ligadas ao Campus Viamão do IFRS, incluindo estudantes do Curso EJA - FIC - Agroecologia e egressas do Pronatec no curso FIC de Cuidador Infantil, além de integrantes do Coletivo Mãos que Criam.

A seguir, apresentamos sugestões de roteiros de oficinas e práticas de ensino que promovem o empoderamento feminino em contextos diversos de educação profissional e tecnológica.

oficina pedagógica 01

Sugestões de roteiros de oficinas pedagógica
para empoderamento de mulheres em cursos de
formação continuada no contexto da EPT

**Afinal, o que é
empoderamento de
mulheres e que
estratégias individuais
e/ou coletivas engloba?**



Previsão 2 horas e 30 minutos



OFICINA 1:

1º. MOMENTO:

Realização de dinâmica de apresentação das participantes: A/O mediador/a reunirá o grupo em círculo e, na sequência, cada participante será convidada a realizar uma breve apresentação (nome, idade, motivações para participar, expectativas, etc.) Para tanto, a proposta é aplicarmos a técnica do espelho descrita abaixo:

Técnica de Apresentação - Espelho

Em frente a um espelho, uma participante por vez responde a si mesma as seguintes perguntas: Quem sou? O que faço? Onde estou?

Pretende-se com essa atividade fortalecer os vínculos e assegurar que todas estão em um ambiente seguro onde as trocas são fundamentais para o crescimento coletivo. A proposta é que cada uma faça um diálogo consigo mesma, estimulando o autorreconhecimento.

Ao final, é realizada a reflexão sobre a experiência de pensar e falar de si e consigo e os pontos de convergência existentes entre as trajetórias de vida. Esta atividade visa promover a empatia reforçando o sentimento de coletividade entre as participantes.

2º. MOMENTO:

Realização de um Círculo de Cultura com o intuito de compartilhar experiências e sugestões de estratégias para a promoção da equidade de gênero e empoderamento de mulheres e meninas no contexto da EPT e no mundo do trabalho.

Você sabe o que são Círculos da Cultura?

Inicialmente, cabe ressaltar que a inspiração nos Círculos da Cultura visa à promoção do diálogo e participação efetiva das mulheres a partir da proposta concebida por Paulo Freire na década de 1960 para grupos compostos por trabalhadores/as populares. Tais grupos se reuniam sob a coordenação de um educador/a, com o objetivo de debater assuntos temáticos, do interesse dos/as próprios/as trabalhadores/as, cabendo ao/à educador/a-coordenador/a tratar a temática trazida pelo grupo.

Para saber mais sobre Círculo da Cultura como instrumento metodológico na Educação Profissional e Tecnológica, leio o artigo da autoria de LEAL (at.al. 2021) **acessando o link** ou o QR CODE abaixo:



Círculos da Cultura e práticas educativas no contexto da EPT:

Para saber mais sobre **Círculos da Cultura**: acesse no QR CODE abaixo:

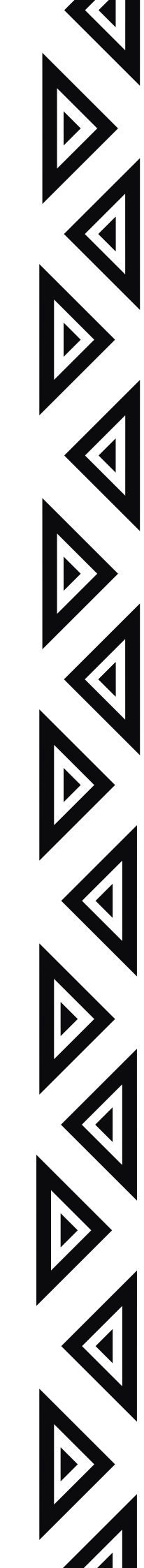


Outras informações sobre a utilização dos Círculos da Cultura e práticas educativas da EPT poderão ser acessadas através do QR CODE abaixo:



Leituras sugeridas:

LEAL, Y. L. de V.; SILVA , S. B. da; AZEVÊDO , C. L. de. Círculo de Cultura freireano: instrumento metodológico para o ensino profissional. Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 20, n. 3, p. 326–343, 2021. DOI: 10.14393/REP-2021-60159. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/60159>. Acesso em: 24 jun. 2024.



Sugerimos que a mediadora apresente às participantes quais são os objetivos específicos que englobam o objetivo 5 da Agenda 2023 da ONU. Para tanto, propomos a entrega de cópia impressa de texto contendo tais objetivos para que, em duplas, as participantes façam a leitura e debate.

TEXTO DE APOIO PARA A LEITURA COLETIVA PELO GRUPO

Objetivo 5: AGENDA 2030 - ONU MULHERES: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas

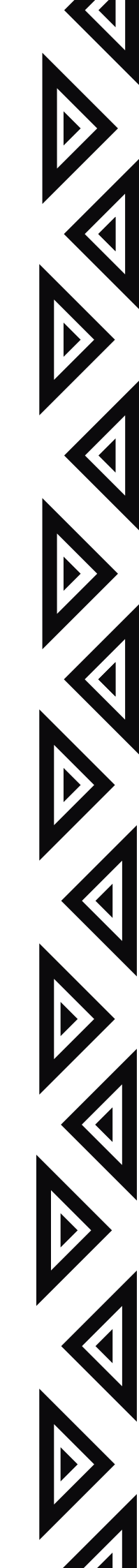
5.1 Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte.

5.2 Eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos.

5.3 Eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças e mutilações genitais femininas.

5.4 Reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais.

5.5 Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública.



5.6 Assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos.

5.a Realizar reformas para dar às mulheres direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso à propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, serviços financeiros, herança e os recursos naturais, de acordo com as leis nacionais.

5.b Aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação, para promover o empoderamento das mulheres.

5.c Adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis.

3º. MOMENTO:

. Em duplas, as participantes serão convidadas a sistematizar as reflexões produzidas mediante a produção de um arte (desenho), o qual será compartilhado com o grupo mediante apresentação das produções realizadas.

4º MOMENTO:

. Cada dupla fará a apresentação de suas reflexões sistematizadas através de desenho.

Para inspirar: registros da participação das mulheres nesta etapa da oficina



Fotos da oficina. FONTE: Acerto - Autora



5º MOMENTO: AVALIAÇÃO

Após o término da exposição, o grupo será subdividido em três pequenos grupos, refletindo sobre as questões propostas e registrando suas impressões.

Ao final da atividade coletiva, as respostas foram trocadas de grupo e cada um lia a resposta do outro buscando pontos comuns em suas respostas e observando de maneira atenta a percepção que cada uma tinha naquele momento.

Recursos e material de apoio.

- . Texto de apoio a ser impresso e entregue às participantes.
- . Folhas de A4
- . Canetas hidrográficas, lápis de cor, giz de cera.

Mulheres inspirando outras mulheres:

Relatos de mulheres participantes da oficina e que integram o Coletivo Mãos que Criam

Grupo 1: “ A gente aprendeu que temos que ter orgulho do que somos. Estamos sempre buscando aprender, fortalecer o grupo. Podemos ocupar qualquer lugar na sociedade. Hoje somos experientes e grande guerreiras”

Grupo 2: “Gostamos da palestra, aprendemos bastante coisas, foi muito importante para nós. A professora tem sábias palavras, tem o dom de tocar as mulheres com sua fala. Aprendemos novas palavras, novos conceitos e nos emocionamos”.

Grupo 3: “Muito bom estar em uma roda de mulheres, gostamos muito da experiência, muito a levar para a vida, queremos participar mais. Foi bom fazer uma reflexão sobre meu passado. Bom para aprender, ter novas expectativas. Achei muito útil e quero participar mais.

No fechamento dessa atividade avaliativa pode se observar o quanto ainda é preciso falar daquilo que é óbvio, existem muitas emoções e desejos represados em uma quantidade imensa de mulheres, e as rodas de conversas tornam-se um espaço seguro de cuidado e acolhimento.



oficina pedagógica 02

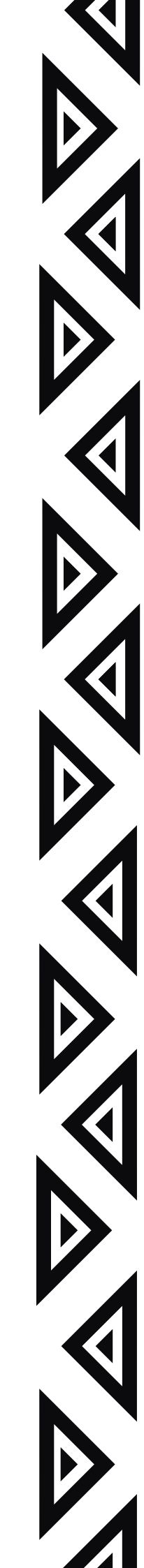
Sugestões de roteiros de oficinas pedagógica para empoderamento de mulheres em cursos de formação continuada no contexto da EPT

Empoderamento de mulheres através do autocuidado - práticas integrativas em saúde individual e coletivo.

“Cuidado com a saúde Ginecológica”



Previsão 2 horas e 30 minutos



Empoderamento de mulheres através do autocuidado - práticas integrativas e complementares em saúde individual e coletivo.

Objetivo: Promover o acolhimento das mulheres participantes do curso FIC - Agroecologia mediante o mapeamento de conhecimentos prévios e ampliação de estudos sobre práticas integrativas e complementares em saúde (PICS), em particular, relacionadas ao uso de plantas medicinais na promoção da saúde individual e/ou coletiva.

1º MOMENTO:

. Dinâmica de sensibilização do grupo com a apresentação da música mediante apresentação de música: Mulher Medicina da autoria de Rafaela Aquariana

Mulher Medicina

Rezadera cura com o poder do seu querer
Curandeira reza, seu canto se manifesta
Pensamento em elevação, conectada com seu coração
Mulher Medicina
Mulher coragem, patas de loba
Ervas vem curar
Sangue da terra na minha cabeça
Chamo as caboclas do mar pra me firmar
Que eu nunca me esqueça de amar
Que eu nunca me esqueça de ME amar
Mulher Medicina
Mulher coragem, patas de loba
Dentro de você tem um canto ancestral
Que ecoa pelos tempos sem começo nem final
Essa história não acaba aqui
Vamos ressurgir!

Vamos ressurgir!

Mulher Medicina

Mulher coragem, patas de loba

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=3HluBG_Q8Vk

. Distribuir para as mulheres cópias impressas da letra da música para que a escutem e discutam em duplas e respondam a seguinte questão: Qual o entendimento que possuem sobre CUIDAR e o que envolve?

. Na sequência, cada dupla apresenta as reflexões com a montagem de um painel coletivo sobre MULHERES, EMPODERAMENTO e CUIDAR. Para a montagem do painel, distribuir folhas coloridas (A4) para que em duplas, escrevam o entendimento produzido sobre CUIDAR articulando com a análise da letra da música.

. Apresentação do painel coletivo.

Exemplo de painel produzido em oficina realizada com o Coletivo de Mulheres Mãos que Criam.





2º MOMENTO:

. Realização de círculo de cultura envolvendo conhecimentos prévios das participantes sobre práticas de autocuidado e uso de plantas medicinais. Inicialmente, as mulheres serão convidadas a compor um círculo (inspirado no Círculo de Cultura de Paulo Freire).

. Na sequência, a mediadora disponibilizará, no centro, cestos contendo ramos de alecrim, hortelã, manjerição e/ou outras plantas variadas que são consideradas de uso medicinal.

. Após todas estarem com os ramos nas mãos é orientado que macere as folhas fazendo uma leve fricção com as palmas das mãos, imediatamente um aroma agradável emerge no ambiente.

. A partir da experiência sensorial vivenciada (cheirar, tocar a planta, etc), cada uma das participantes é convidada a relatar quais conhecimentos possuem sobre a planta manipulada e as sensações desencadeadas pela mesma.

3º MOMENTO:

. Apresentação pelo/mediador/a do conceito de práticas integrativas e complementares em saúde (PICS), em especial, estratégias de autocuidado que histórica e culturalmente têm sido atribuídas às mulheres. O/a mediador/a apresenta o objetivo 5º. ONU Mulheres, a saber: Assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos juntamente com dados relacionados à saúde da mulher no Brasil a partir do Boletim Epidemiológico Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente Ministério da Saúde (BRASIL, 2023). Exemplo de dados a serem compartilhados com o grupo:

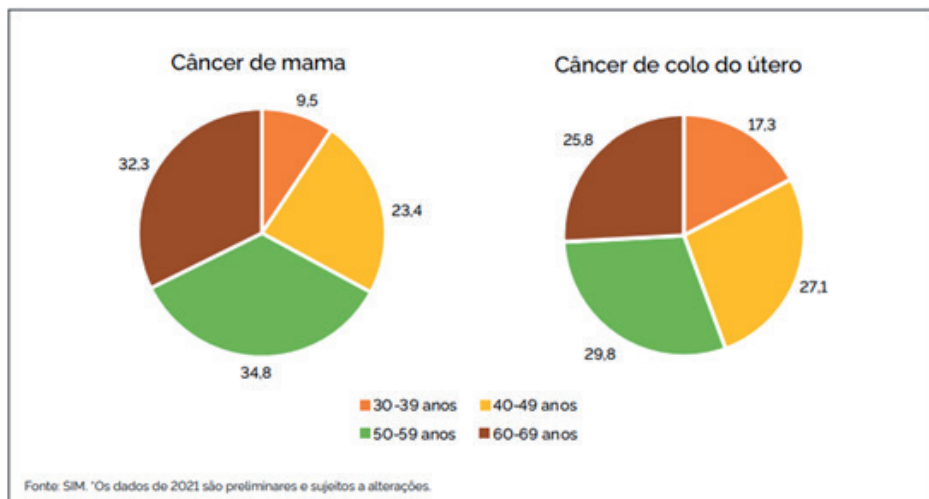


FIGURA 15 Percentual de óbitos prematuros por câncer de mama e colo do útero segundo faixa etária, Brasil 2010-2021*

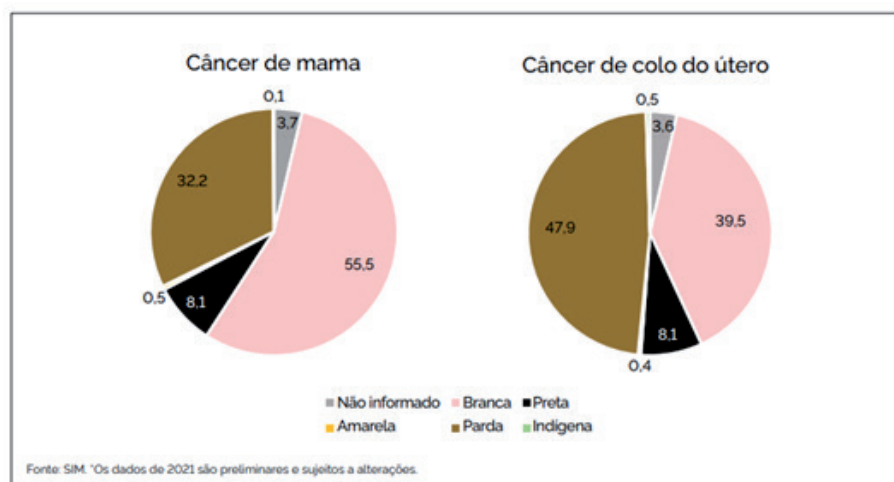


FIGURA 16 Percentual de óbitos prematuros por câncer de mama e colo do útero segundo raça/cor, Brasil 2010-2021*

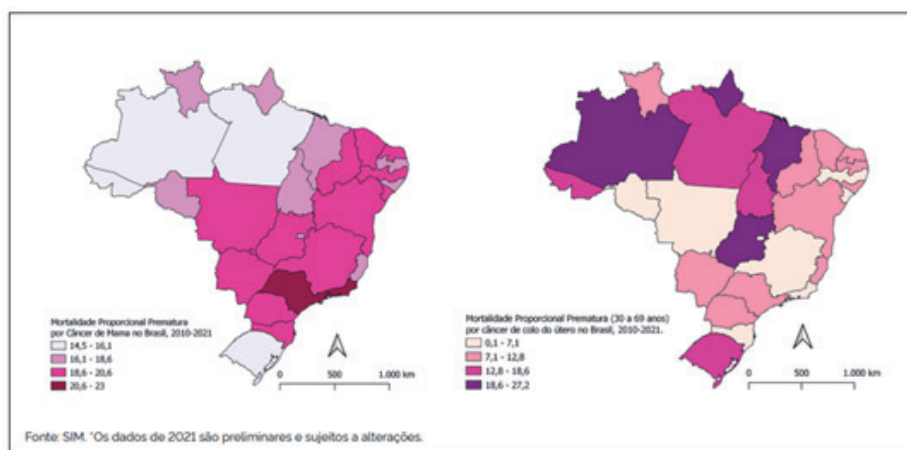


FIGURA 17 Mortalidade Proporcional Prematura por Câncer de Mama e Colo do útero por unidade da Federação do Brasil, 2010-2021*

FONTE: Boletim Epidemiológico (BRASIL, 2023).
 Acesse na íntegra pelo QR CODE abaixo:



. Após a apresentação dos dados, as participantes serão convidadas a refletirem sobre os cuidados com a saúde ginecológica. Para subsidiar o debate, cada participante receberá o flyer abaixo contendo informações sobre Cuidados com a Saúde Ginecológica para a leitura coletiva.

**ACESSE O FLYER CLICANDO AQUI
OU PELO QR CODE AO LADO**



SAÚDE GINECOLÓGICA, AUTOCUIDADO E ANCESTRALIDADE

Você sabe o que é ginecologia natural e medicina ancestral?

É uma forma de abordagem do cuidado com a mulher que leva em consideração todas as qualidades da vida dela: corpo, mente, emoções, espírito, cultura e sociedade, utilizando basicamente a sabedoria ancestral sobre os ciclos do corpo feminino. Considerando a sua natureza. É uma terapia holística que busca ter um olhar integrativo sobre o corpo feminino. Ela usa sabedoria ancestral sobre os ciclos do corpo feminino e visa tratá-los considerando sua natureza e não alterando-os com bloqueios hormonais, como as pílulas anticoncepcionais.

A ginecologia natural visa tornar acessível a qualquer mulher o entendimento dos mecanismos biológicos. Estimula o amor próprio trabalhando com os princípios: Autoconhecimento, auto aceitação e auto amor. O tratamento propõe que a mulher seja a "curandeira" de si mesma através da compreensão sobre o seu próprio corpo. A ginecologia natural existe desde que o mundo é mundo as mulheres ancestrais se tratavam e se curavam por meio da sabedoria que tinham sobre a natureza, usando os recursos



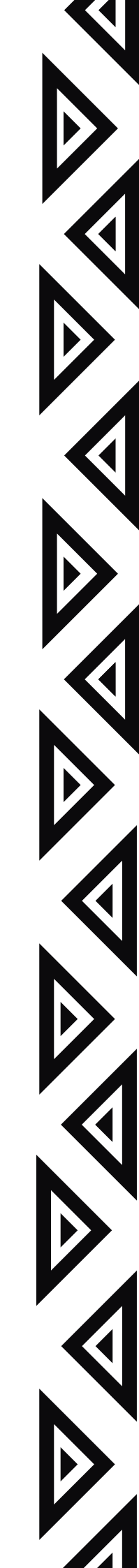
naturais para curar seus corpos.

E como funciona a ginecologia natural?

Muitas mulheres temem tratamentos alternativos por conta de preconceitos que permeiam certas práticas naturais. Especialistas garantem que a consulta da ginecologia natural segue um formato mais tradicional, com todo o cuidado e respeito para com a paciente. Entre tais profissionais, citamos o/a terapeuta holístico ou naturopata que analisa exames realizados Anamnese e também prescreve os tratamentos necessários. A profissional poderá também fazer uso de práticas como: Equipe Multidisciplinar Fitoterapia, Vaporização uterina, Limpeza de memórias uterinas com chás, cristais, geoterapia e óvulos vaginais, Aromaterapia, Meditação para equilíbrio energético do útero, Reiki, Acupuntura. Método integrativo, não será apenas a ginecologista natural que participará do processo, mas também: Psicoterapeutas terapeutas de feminino, fisioterapeutas, homeopatas e nutricionistas.

O que a prática promove?

Olhar para dentro, para que a paciente possa ouvir e entender as mensagens que seu corpo quer transmitir. "Se temos um corrimento, por exemplo, podemos passar uma pomada ou um óleo. Mas sem ir atrás da causa, não adianta. As doenças e condições vêm para nos mostrar alguma coisa, ensinar uma lição. Muitas vezes a necessidade de nos ouvirmos, de nos cuidarmos, pois toda vez que nos abandonamos estamos vulneráveis e a possibilidade de um evento adverso é iminente.



Entre as práticas de autoconhecimento que fazem parte do processo proposto pela ginecologia natural estão:

- **Mandala lunar, Autoexame.**
- **Escrever as sensações físicas e emocionais durante o ciclo menstrual**
 - **"Fazer as pazes" com a menstruação**
- **Trocar o absorvente industrial pelo de pano ou coletor menstrual, para que haja mais contato com a menstruação**
 - **Autoamor e aceitação.**
 - **Ouvir a intuição.**
 - **Círculos de mulheres.**
- **Uso de plantas, óleos essenciais e cristais.**
 - **Meditação.**

Ervas utilizadas na Ginecologia Natural.

Entre os recursos utilizados citamos o uso de plantas medicinais, o que historicamente têm sido ensinadas de geração em geração. A seguir apresentamos uma breve descrição de algumas das plantas elencadas por um grupo de mulheres do Coletivo Mãos que Criam:

Calêndula ou Calendula off:

Cicatrizante, excelente para problemas de pele como manchas, alergias, coceiras. Podem ser utilizadas externamente em banhos de imersão ou assento, para higiene íntima. (Ligada às forças da Natureza)

Camomila ou Matricaria recutita:

Usada em forma de banhos de assento para tratar os sintomas da candidíase. Tomada como chá para acalmar as cólicas menstruais e espasmos dolorosos. (Ligada ao poder de Cura)



Agoniada ou Plumeria lancifolia:

Indicada para inflamações do útero, ovários e problemas menstruais, como regulador menstrual, infertilidade feminina, dismenorreia e outros problemas. (liga a conexão com os efeitos benéficos)

Cannabis Sativa: Ansiolítico, relaxante, anti-inflamatório, trata cólicas menstruais, enjoos e náuseas de gestantes, endometriose, candidíase, dificuldade em ter prazer sexual. É usado principalmente por via oral do extrato oleoso tomado em gotas, inalado por vaporizadores ou em sprays e cremes de uso tópico. (ligada a Meditação)

Sálvia: existem muitos tipos. As mais conhecidas são: Sálvia esclareia: reguladora hormonal; Sálvia chinesa: metrorragia, dor abdominal pós-menstrual; Sálvia branca: facilita o parto.

Barbatimão ou Stryphnodendron barbadetiman:

É a casca da árvore do Barbatimão que se usa, no pós parto, como banho de assento para cicatrização, regeneração de tecidos lacerados durante o parto, para ajudar o útero e vagina a retornar ao seu tamanho original, para vaginites, esgotamento, anti-hemorrágico na metrorragia, possui a qualidade fitoenergética adstringente, depurativo e tônico. Estudos e a prática de muitas mulheres têm comprovado a eficácia do alho para tratar a candidíase. É um poderoso antibiótico natural, tendo muitas indicações na saúde em geral e na ginecologia natural. O famoso alho tem o seu destaque pela facilidade de encontrar e a grande eficácia. Pode ser usando as cápsulas vaginais do óleo de alho. Passa uma noite com ele dentro e depois de manhã retira.

Ginecologia Natural e Endometriose

A endometriose é o aparecimento anormal das células do endométrio fora do local adequado, ou seja, nos ligamentos do útero, bexiga, ovários, intestinos e toda área pélvica fora das cavidades intra uterinas. O endométrio é o conjunto de células que formam as camadas do útero. Quando ocorre a menstruação são essas células do endométrio que são eliminadas. A inflamação crônica do organismo gera um quadro de propensão a esse desequilíbrio. O tipo de organismo ou genética, o estilo de vida e a alimentação serão determinantes para deflagrar um quadro de endometriose.

Endometriose:

Chá de camomila é usado popularmente para aliviar as cólicas menstruais devido ao seu efeito anti-inflamatório.

Referências utilizadas para a elaboração do flyer:



Clique aqui
e acesse a
cartilha

4o. MOMENTO:

. Para o encerramento da oficina, sugerimos a realização de dinâmica de grupo no formato de uma mini sessão de reflexologia a fim de que as participantes compreendam que há várias práticas integrativas e complementares em saúde (PICs) que buscam promover o autocuidado de forma mais abrangente.



Texto informativo para a mediadora: Você já ouviu falar sobre Reflexologia?

Reflexologia podal é uma técnica terapêutica que consiste na aplicação de pressão em pontos do pé, para estabelecer o equilíbrio energético do corpo, ajudando a tratar problemas de saúde como ansiedade, estresse, insônia, dor ou prisão de ventre, por exemplo.

A reflexologia é realizada pelo reflexoterapeuta, pressionando com o polegar várias regiões do pé, procurando desequilíbrios de energia que se podem manifestar por sensibilidade no ponto ou sensação de areia por baixo da pele.

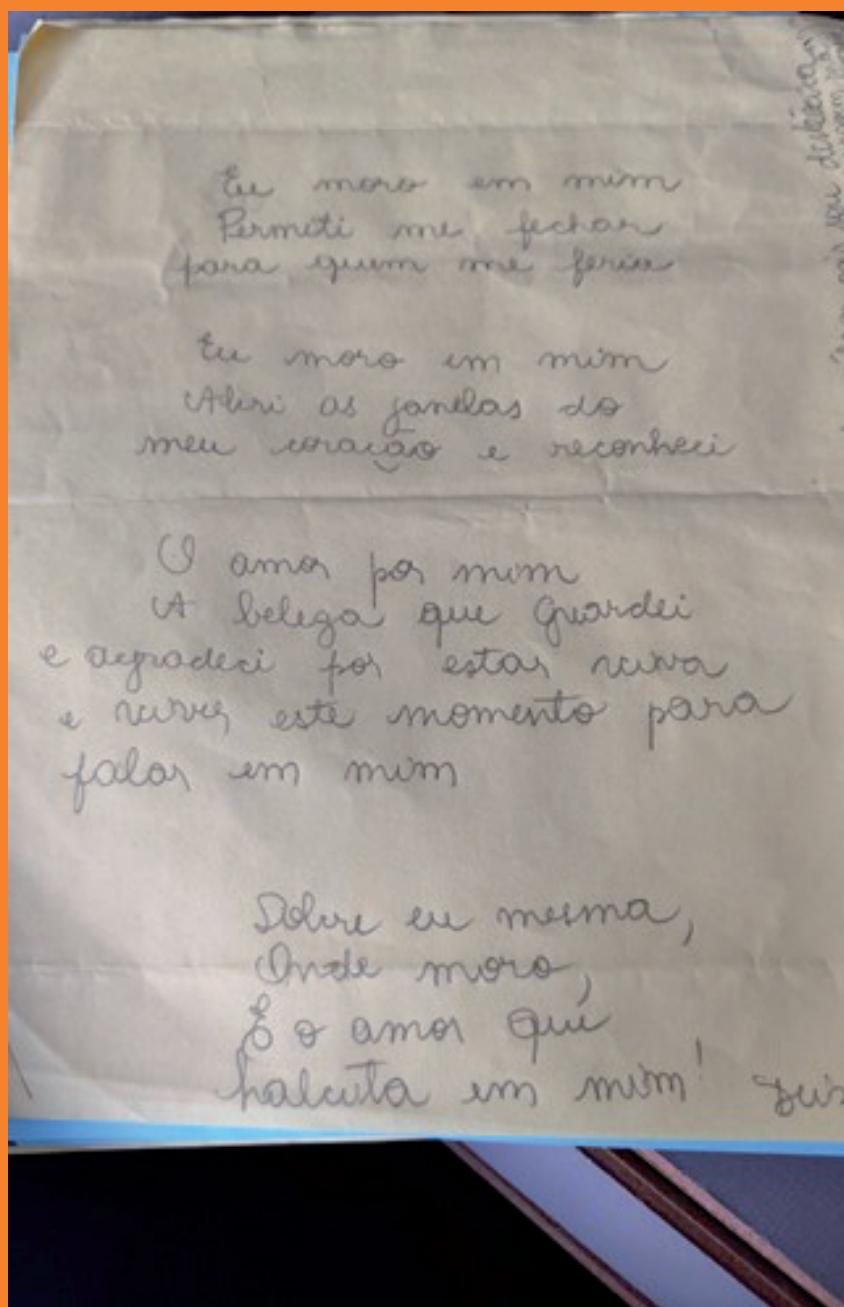
A reflexoterapia, incluindo a reflexologia podal, é oferecida pelo SUS como parte do Programa Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). No entanto, é importante ressaltar que a reflexologia podal não promove a cura e não substitui o tratamento médico convencional com remédios.

Fonte: Site Tua Saúde. Disponível em <https://www.tuasaude.com/reflexologia/>

À medida que as mulheres forem recebendo a massagem serão estimuladas a relatarem os benefícios sentidos a partir da prática da reflexologia. Cabe salientar que ressignificar o olhar, a compreensão de que saúde não é simplesmente a ausência de doença e sim um modo pelo qual se pode viver bem, e visa despertar no grupo o interesse por continuar buscando novos conhecimentos em relação a utilização das práticas integrativas e complementares em saúde.

Mulheres inspirando outras mulheres:

Fotos e relatos da participação das mulheres do Coletivo Mãos que Criam



oficina pedagógica 03

Práticas integrativas promotoras da saúde e empoderamento feminino em curso de formação inicial e continuada na educação profissional e tecnológica

“Empoderamento feminino através de uma abordagem multidisciplinar que compreende as dimensões biopsicossocial do indivíduo”.



Previsão 2 horas e 30 minutos



OBJETIVO:

Promover o acolhimento e o empoderamento de mulheres trabalhadoras, oferecendo subsídios para a compreensão da interdependência entre bem-estar e saúde física e mental, destacando a importância das práticas integrativas na promoção da saúde e do empoderamento feminino, no contexto da formação inicial e continuada na educação profissional e tecnológica.

PRIMEIRO MOMENTO:

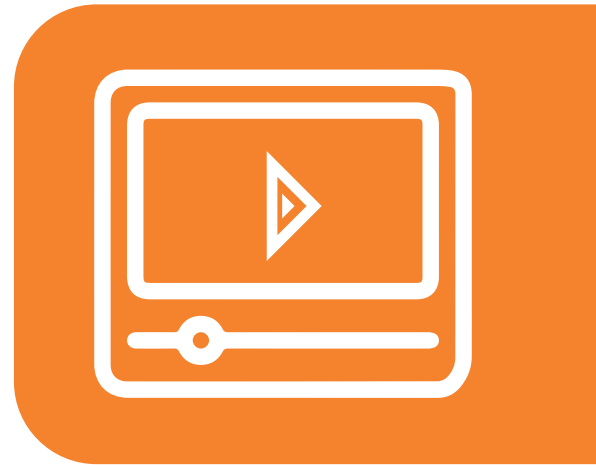
Realização de Círculo da Cultura sobre saúde e bem estar da mulher

. Cada participante receberá uma cópia impressa da letra da música: Triste, louca ou má.... da autoria de Artista: Francisco, el Hombre.

Letra da música:

*Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar
Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define*

*Você é seu próprio lar
Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define (você é seu próprio lar)
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar
E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar
E o homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós (e um homem não me define,
minha casa não me define)
Vai viver só (minha carne não me define)
(Eu sou meu próprio lar)
Ela desatinou, desatou nós (e um homem não me define)
Vai viver só (minha carne não me define)*



Ouçã agora

. Após escutarem a música, a mediadora fará o seguinte questionamento ao grupo: Qual o entendimento que possuem sobre bem estar, saúde física e mental?

. Na sequência, será realizado o círculo da cultura visando promover o diálogo sobre a letra da música promovendo a ampliação dos conhecimentos das participantes sobre bem estar, saúde física e mental.

SEGUNDO MOMENTO:

. A mediadora apresentará para as participantes trechos da Cartilha Caminhos para a promoção da saúde da mulher (ONU - Mulheres) apresentando a temática da saúde física e mental, em especial, para o empoderamento de mulheres.



Fonte:

https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbdl1496/files/documents/cartilha_sau%CC%81de_mulher_sau%CC%81de_mental_pt_v3.pdf



TERCEIRO MOMENTO:

A mediadora convidar às participantes para que sistematizem as reflexões e conhecimentos compartilhados sobre bem estar e saúde física e mental de mulheres a partir da realização do círculo da cultura. Para tanto, a proposta é que sejam disponibilizados materiais diversos de artesanato (tais como linhas, agulhas e retalhos de tecidos, entre outros) para que individualmente sistematizem tal entendimento utilizando a criatividade e suas habilidade como artesãs.

QUARTO MOMENTO:

. Cada participante será convidada a apresentar para o coletivo a arte produzida a partir das reflexões sobre bem estar, saúde física e mental. Este momento também poderá incluir a realização de um lanche coletivo considerando que a alimentação faz parte do cuidar e também simboliza o afeto, amorosidade e compartilhamento entre as mulheres participantes do grupo. Envolve desde a preparação do alimento, da mesa e também do convívio no grupo.

. Na sequência, os materiais produzidos serão disponibilizados ao centro do círculo após cada participante apresentá-lo ao grupo.

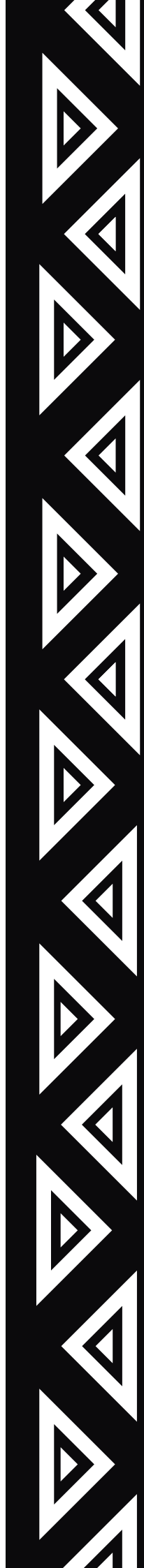
Recursos didáticos

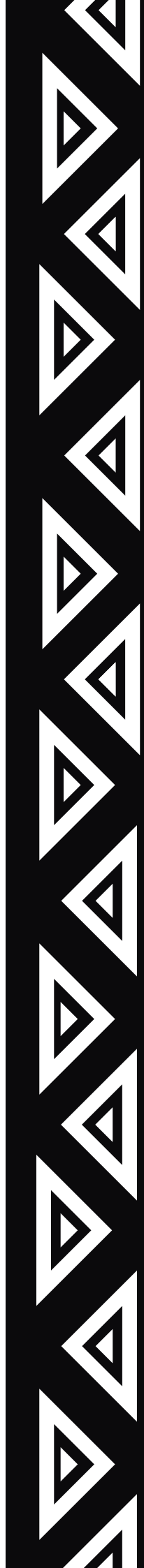
- Notebook
- Caixa de som.
- Materiais utilizados para artesanato manual (tais como agulhas, linhas, tecidos, cola, tesouras, papel, etc.).



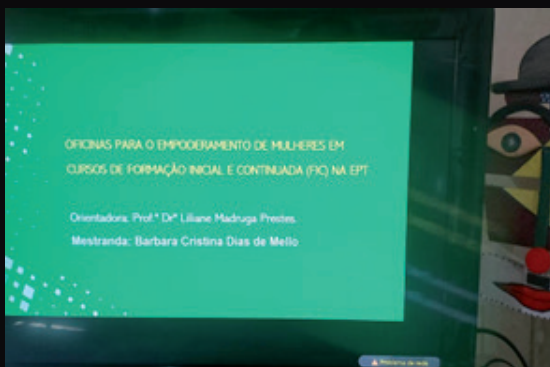
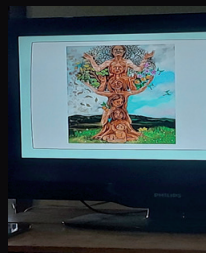
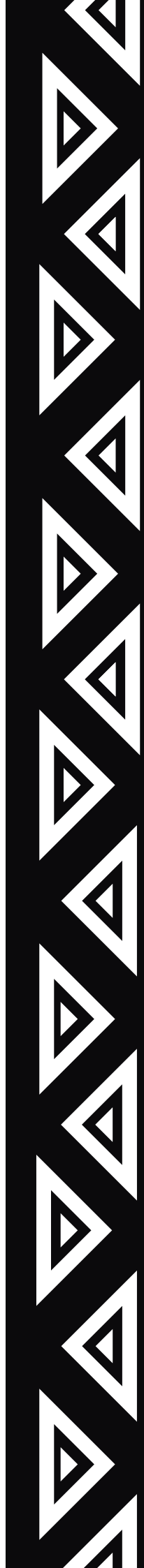
AVALIAÇÃO:

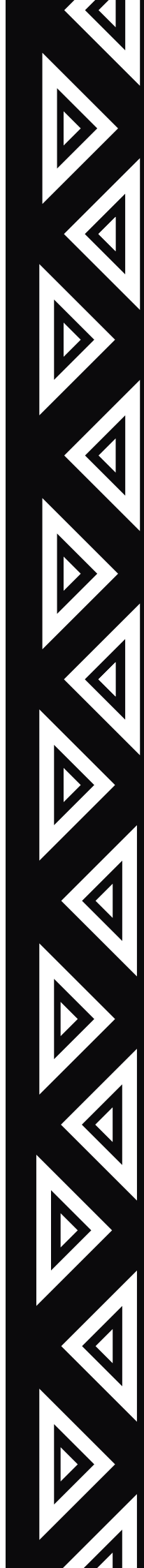
Ao final das atividades propostas as participantes tinham consolidado de maneira direta, simples e objetiva o conceito do modelo biopsicossocial. Cada uma pode de maneira sucinta expor seu entendimento sendo muitas vezes complementado por outras integrantes do Coletivo Mãos que Criam.













O bordado salva.

oficina pedagógica 04

Sugestões de roteiros de oficinas pedagógica para empoderamento de mulheres em cursos de formação continuada no contexto da EPT

Empoderamento Feminino através do Autocuidado e Alimentação Saudável



Previsão 2 horas e 30 minutos



Oficina: Empoderamento Feminino através do Autocuidado e Alimentação Saudável

Objetivo: Promover o empoderamento de mulheres em cursos de formação inicial e continuada na educação profissional e tecnológica, enfatizando o autocuidado através de práticas de alimentação saudável.

1º. MOMENTO: Recepção e Introdução:

. Em círculo, cada participante receberá uma fatia de pão e será convidada a explorar sensorialmente, identificando sua textura, aroma e aparência visual. Cada participante será encorajada a cheirar o pão para sentir seu aroma herbáceo característico, tocar a superfície para experimentar sua textura e, finalmente, degustar um pequeno pedaço para vivenciar o sabor único proporcionado pelo ingrediente secreto (por exemplo, pode ser utilizado o pão com alecrim. Essa experiência sensorial visa não apenas despertar os sentidos das participantes, mas também introduzir o tema das ervas na alimentação e seu impacto positivo para a saúde, iniciando assim um diálogo sobre a importância do autocuidado através de escolhas alimentares conscientes.

2º MOMENTO: Identificação das Ervas

Os galhos de plantas, numerados de 0 a 5, serão colocados no centro do círculo formado pelas participantes. Cada participante poderá manusear os galhos, cheirar, tocar e até mesmo degustar um pequeno pedaço para identificar o nome da planta correspondente. Utilizando seus conhecimentos prévios, escreverão o nome de cada erva em pedaços de papel. Esta atividade promove o aprendizado sobre as ervas e seus benefícios para a saúde, incentivando o autocuidado através da alimentação. Na sequência, a mediadora questionará o grupo sobre o nome

Na sequência, a mediadora questionará o grupo sobre o nome e como são utilizadas cada uma das ervas disponibilizadas no centro do Círculo.

Para subsidiar esta atividade, sugerimos a leitura pela mediadora da cartilha Plantas medicinais nativas de uso popular no Rio Grande do Sul da autoria de Tanea Maria Bisognin Garlet (UFSM, 2019) que poderá **ser acessada clicando neste link:**



Fonte: GARLET, Tanea Maria Bisognin Plantas medicinais nativas de uso popular no Rio Grande do Sul [recurso eletrônico] / [Tanea Maria Bisognin Garlet]. – Santa Maria, RS : UFSM, PRE, 2019. Disponível em <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/346/2019/12/Cartilha-Plantas-Medicinais.pdf>

3º. MOMENTO - Círculo de Cultura sobre Autocuidado

. A mediadora fará a apresentação de trechos da Cartilha elaborada pelo Conselho Regional de Nutricionistas (CRN/SP, 2015) focando nas práticas de alimentação saudável e seus impactos positivos em diferentes fases da vida da mulher. Discussão guiada sobre como escolhas alimentares podem ser ferramentas poderosas para promover o autocuidado e o bem-estar.

Clique aqui e acesse a Cartilha Alimentação em todas as fases da vida da mulher



4º Momento: confecção de painel coletivo com a sistematização de conhecimentos produzidos

As participantes serão divididas em grupos (máximo 5 em cada) e serão convidadas a coletivamente realizarem a criação de mural enfocando práticas de autocuidado a partir de suas próprias experiências e conhecimentos prévios. Para tanto, a mediadora disponibilizará papel pardo, canetas hidrocor, papeis coloridos, revistas e/ou livros para recorte, cola, etc.

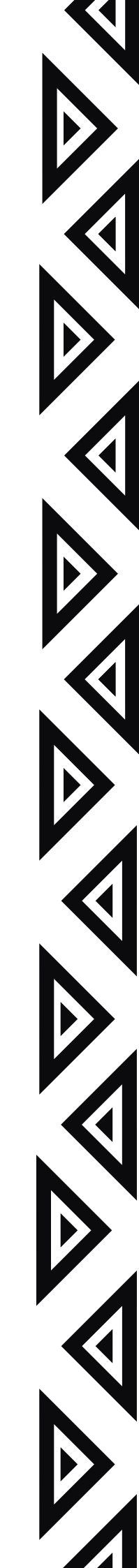
Ao final, cada grupo fará a apresentação de seu mural compartilhando com o grupo suas reflexões sobre autocuidado e empoderamento de mulheres.

Esta atividade permitirá que as participantes expressem visualmente seus aprendizados e insights sobre a importância da alimentação para a saúde e o autocuidado. Promove também a colaboração e o empoderamento das mulheres participantes.

Recursos Necessários:

- Galhos de plantas: Alecrim, manjeriço, entre outros, numerados de 0 a 5 para a atividade de identificação das ervas.
- Materiais artísticos: Papel, lápis de cor, tintas e pincéis para a criação do mural coletivo.
- Cartilha do CRN/SP (2015): Cópias impressas para distribuição entre as participantes, abordando práticas de alimentação saudável.
- Receitas saudáveis: Folhetos ou material impresso com receitas que promovam o autocuidado através da alimentação.

5. Avaliação e Encerramento (20 minutos)



No encerramento da oficina, será realizada uma avaliação através de um momento de feedback das participantes. Será solicitado que compartilhem suas impressões sobre a oficina, destacando o que aprenderam e como se sentiram em relação às atividades realizadas. Além disso, serão distribuídos recursos adicionais, como cópias da Cartilha do CRN/SP e receitas saudáveis, para apoiar as participantes em suas práticas de autocuidado contínuo.

Esta oficina foi projetada não apenas para informar, mas para promover o empoderamento de mulheres em cursos de formação inicial e continuada na educação profissional e tecnológica. Equipá-las com conhecimentos práticos e habilidades para promover seu próprio bem-estar através do autocuidado e uma alimentação saudável, fundamentais para a saúde física e emocional.

Mulheres inspirando outras mulheres: Relato da ação desenvolvida com o Coletivo de Mulheres Mãos que Criam:

Esta oficina foi desenvolvida com o Coletivo de Mulheres Mãos que Criam e, na ocasião, contamos com a participação de Ivonice Guimarães-Especialista em panificação sem glúten e de fermentação natural e gastronomia funcional e inclusiva Natural Chef.

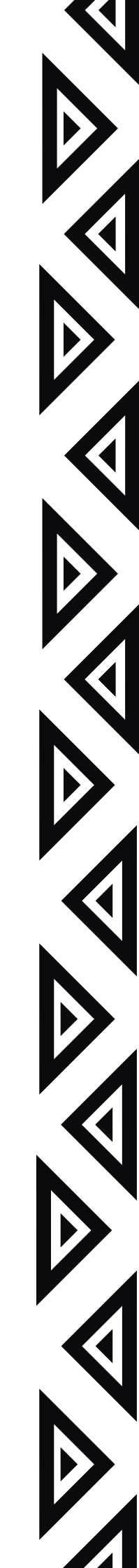


Ao final das atividades propostas as participantes tinham consolidado de maneira direta, simples e objetiva como preparar um pão saudável de baixo custo que pode ser usado tanto para consumo doméstico quanto para ser comercializado nas feiras sustentáveis e ecológicas que participam. Além disso, as integrantes do Coletivo Mãos que Criam saíram com o compromisso de multiplicar a receita para outras colegas do grupo que não estiveram conosco naquele momento. Na sequência, apresentamos a receita do pão de alecrim produzido pelo grupo de Mulheres do Coletivo Mãos que Criam e que poderá ser utilizado para a experiência sensorial durante a oficina.

Receita do Pão de Alecrim sem glúten e com fermentação natural

Ingredientes:

100 gramas de farinha de arroz branco
50 gramas de farinha de arroz integral
80 gramas de Fécula de Batata
70 gramas de Polvilho doce
20 mililitros de óleo de girassol



15 gramas de açúcar Demerara
5 gramas de sal
5 gramas de goma xantana
150 mililitros de leite vegetal (pode ser, por exemplo, leite de castanha de caju)
70 gramas de fermento natural sem glúten
3 ovos
2 galhos de Alecrim

MODO DE PREPARO:

Na batedeira coloque os secos (misture bem). Depois coloque os ovos, o óleo e o leite vegetal, misture tudo e acrescente o fermento natural, bata em velocidade média por 2 minutos.

Fonte: Fornecido pelas mulheres do Coletivo Mãos que Criam

Mulheres Inspirando Mulheres: Trajetórias Inspiradoras e Subsídios sobre Direitos à Educação e Trabalho

Nesta seção, apresentamos uma coletânea de materiais que visam fornecer subsídios valiosos para a implementação de oficinas e atividades educacionais direcionadas a mulheres em cursos de formação inicial e continuada no contexto da educação profissional e tecnológica. O foco é promover o empoderamento feminino através de práticas de autocuidado e desenvolvimento pessoal.

Os recursos aqui reunidos foram selecionados com o intuito de apoiar o planejamento e a execução de atividades educativas que abordem temas relacionados ao empoderamento das mulheres, seus direitos à educação e ao trabalho. Estes materiais estão disponíveis publicamente e gratuitamente na internet, abrangendo uma variedade de formatos, como guias, manuais, e-books, sites e filmes. Cada recurso oferece uma perspectiva única sobre as questões enfrentadas pelas mulheres, fornecendo informações e estratégias para fortalecer sua participação e sucesso nos ambientes educacionais e profissionais.

Esta seção almeja não apenas fornecer ferramentas e conhecimentos úteis, mas também contribuir para a realização do Objetivo 5º da Agenda da ONU Mulheres, que visa "assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e aos direitos reprodutivos", bem como promover a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Ao fornecer esses recursos, buscamos apoiar a implementação de práticas educativas que promovam o empoderamento feminino e

e garantam que as mulheres tenham acesso a oportunidades educacionais e profissionais equitativas, fortalecendo sua capacidade de reivindicar e exercer seus direitos em todos os aspectos da vida.

Dessa forma o objetivo de tais oficinas é despertar no grupo de mulheres artesãs autonomia, qualificando-as para inserção no mundo do trabalho e forma crítica e participativa.



Roteiro de Oficinas Pedagógicas para o empoderamento de mulheres em cursos FIC na EPT

MULHERES QUE NOS INSPIRAM

DURBE

"Meu nome é Durbe e tenho 69 anos, feminino, raça negra, natural de Porto Alegre, mas família do Alegrete. [...] Trabalho como organizadora e limpeza de apartamentos, os quais são locados por Airbnb. Sou voluntária na ONG Conscientização Voluntária, trabalho voluntário para moradores em situação de rua. Faço parte como vice-presidente do Coletivo de Mulheres Mãos que Criam."

Em seu relato afirma: "No decorrer de 2024 e 2015 fiz um curso marcante no Instituto Federal Viamão, no Mulheres Mil, curso de cuidador infantil que me fortaleceu demais como mulher e pessoa pela qualidade e desempenho das aulas. Surgiu daí, o primeiro encontro das alunas após o término do curso, formando o coletivo de Mulheres Mãos que Criam."

Durbe destaca a importância do trabalho voluntário e do artesanato para sua autonomia e independência pessoal. Ela também menciona como a ajuda mútua entre mulheres fortalece a identidade e a capacidade de cada uma: "Sou uma mulher capaz de buscar minha própria identidade quando sei que somente através da ajuda de muitas mulheres, com suas histórias de vida, podemos ver a vida com olhar dessa capacidade."





ELZA Soares

Elza Soares foi uma icônica cantora e compositora brasileira, conhecida por sua voz única e sua inovação no samba. Com mais de seis décadas de carreira, ela também foi uma defensora dos direitos das mulheres e uma voz ativa contra o racismo no Brasil.

Benedita da Silva

Benedita da Silva é uma política e ativista brasileira, pioneira como a primeira senadora negra do país. Conhecida por sua luta pelos direitos das mulheres e igualdade racial, também foi governadora do Rio de Janeiro, destacando-se por seu compromisso com a justiça social.



A close-up portrait of Carolina Maria de Jesus, looking slightly downwards and to the left. She has yellow and orange face paint around her eyes and is wearing a white headscarf with red and yellow patterns. The background is a warm, golden-brown color.

Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora brasileira, conhecida por sua obra "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada" (1960), que expõe a vida nas favelas de São Paulo. Nascida em 1914 em Minas Gerais, ela se destacou por retratar as desigualdades sociais e dar voz aos moradores da favela. Sua escrita corajosa e realista fez dela um ícone da literatura brasileira e uma importante figura na luta por justiça social.

Sugestões de materiais sobre empoderamento disponibilizados de forma pública e gratuita na internet (guias, manuais, ebooks)

Para saber mais sobre empoderamento de mulheres e direitos humanos: veja a Cartilha A emergência das mulheres na ação comunitária narrativas, feminismos e direitos humanos **clikando AQUI** ou no QR CODE abaixo:



Cartilha Direitos da Mulher Trabalhadora

DIREITOS DA MULHER TRABALHADORA

Para um mundo do trabalho
com **respeito** e **dignidade**

SECRETARIA DE
INSPEÇÃO DO TRABALHO

MINISTÉRIO DO
TRABALHO E EMPREGO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIDO E RECONSTRUÍDO



Fonte:

<https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2023/junho/mte-lanca-cartilha-com-orientacoes-sobre-direitos-da-mulher-trabalhadora/cartilha.direitosdamulhertrabalhadora.mte.pdf>

3.2 Playlist de músicas para a realização de dinâmicas nas oficinas:

Playlist pública
Transformação
Barbara Mello • 1 salvamento • 1.971 itens, 213h 48min

▷ **Acesse aqui**

Álbum
Presente
LILIAN • 2019 • 8 músicas, 24min 44 s

▷ **Acesse aqui**

Música
Espumas ao Vento
Elza Soares • Lisbela e o Prisioneiro (Trilha Sonora) • 2003 • 2:22
• 1.693.817

▷ **Acesse aqui**

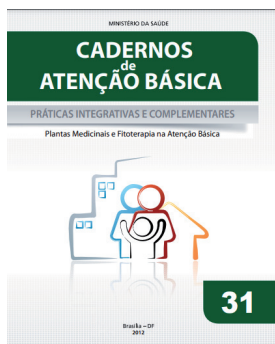
Música
Mulher do Fim do Mundo
Elza Soares • A Mulher do Fim do Mundo • 2018 • 4:37 • 12.635.351

▷ **Acesse aqui**

Música
Dentro de Cada Um
Elza Soares • Deus É Mulher • 2018 • 3:58 • 507.409

▷ **Acesse aqui**

Sugestão de sites com informações sobre práticas de autocuidado e empoderamento de mulheres em práticas de ensino na Educação Profissional e Tecnológica



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

AS MULHERES E AS PLANTAS MEDICINAIS: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO CUIDADO E SUAS IMPLICAÇÕES

Flávia Charité Marques
Thelma Cecília Benavente
Adriana Sampaio Erice
Ana Paula Da Costa

Resumo: Tendo como foco processos de aprendizagem coletivas e de organização social de mulheres rurais motivadas pelo tema das plantas medicinais, em diferentes regiões do Rio Grande do Sul, este trabalho problematiza a construção do cuidado ao outro como um papel feminino. O ponto de partida é a observação de que esse "cuidado" parece estar supervalorizado a esfera familiar, ampliando-se para o âmbito comunitário e mesmo global, na medida em que as mulheres ampliam sua luta pela igualdade de gênero e pelo reconhecimento do seu trabalho até uma nova responsabilização pelas mudanças requeridas no padrão de desenvolvimento. Os grupos estudados têm na mobilização em torno da produção de remédios uma forma de ação que permite acessar outras questões de ordem política. Identifica-se que há reposicionamento das mulheres frente à entrada no mundo produtivo e em direção à vida pública, mas também dinâmicas contraditórias que provocam sobrecarga de trabalho. Assim, há continuidades e descontinuidades no papel "cuidador" da mulher, sendo que a doação de tempo, afeto, palavra e prática, ainda, aparecem minimizadas diante do imperativo desenvolvimentista.

1. Ds Desenvolvimento Rural, Professora, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. flavia.charite@ufrgs.br
2. Mestranda em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
3. Mestranda em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
4. Mestranda em Desenvolvimento Rural, Bolsista Exp. CNPq, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Revista Retratos de Assentamentos, v.18, n.1, 2015.

155

[Clique aqui](#)

Tranças africanas: eis a história!

Por Juliana Henrik
16/01/2019 - 20:47

[Clique aqui](#)



Outras dicas de leituras.

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Ana_Maria_Goncalves_-_Um_Defeito_de_Cor.pdf?1599239000

<https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/pdf/Na%20minha%20pele%20-%20Lazaro%20Ramos.pdf>

<https://exame.com/brasil/10-livros-essenciais-para-o-dia-da-consciencia-negra/>

https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/bell_hooks_-_Ensinando_a_Transgredir_1.pdf

Sobre as autoras

Barbara Cristina Dias de Mello

Barbara Mello, é a primeira filha do “Produto Amor” entre Júlio César de Mello e Jupyra Dias de Mello. Sua vida inicia aos vinte e sete dias do mês de março, no ano de mil novecentos e sessenta e nove, às 18h em uma maternidade pública na cidade do Rio de Janeiro. De lá para cá muitos foram os acontecimentos em sua vida, a chegada de mais três irmãos, a saída do Rio de Janeiro para Santa Catarina, a busca contínua por formação, por oportunidade de trabalho, a fixação de residência no estado do Rio Grande do Sul, a constituição de uma família tendo como resultado sua obra mais bonita; Mariana de Mello Sampaio.

Formada no curso Técnico em Enfermagem , com graduação em Pedagogia, sua vida profissional percorre os caminhos da saúde e educação compreendendo que uma não caminha sem outra, sendo possível promover saúde e educação em múltiplos espaços.

Seu itinerário acadêmico começou em 1989 quando ingressou pela primeira vez em um curso superior, mas com a realidade de uma vida simples e de poucos recursos financeiros, precisou de mais de 22 anos para chegar a sua primeira graduação, e desde do ano de 2011, vem buscando se aperfeiçoar em cursos de qualificação, capacitação e pós graduações. Tudo isso por saber que “o conhecimento é um senhor exigente que não admite retrocessos”. Hoje alia o fascínio pelas palavras que quando misturadas dão forma e sentido, sendo possível encontrar nelas poesia, acolhimento,

consolo, conhecimento e nossa verdadeira humanidade, ao ato permanente de lutar por espaços educacionais de qualidade, formadores de opiniões, que transformem com afetos e oportunidades a vida de pessoas, com olhar sensível às necessidades diárias a luta de mulheres que como ela ainda buscam por espaço nessa sociedade marcada pelas desigualdades e iniquidades sociais. Barbara é uma das muitas sobreviventes desse sistema, mas que ao se inquietar com essas e outras questões reconhece na formação permanente uma ferramenta para libertar se das opressões.

Liliane Madruga Prestes

Possui graduação em Pedagogia Habil.Mat.Pedag.do Ensino Médio - Normal e habilitação em Anos Iniciais pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI - (1996) com formação complementar (capacitação) em Educação Infantil (1998) pela mesma Universidade, Especialização em Psicopedagogia e Especialização em Supervisão Escolar pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Especialização em Anos Iniciais - URI, Capacitação em Educação Especial e Língua Brasileira de Sinais pela Federal Nacional de Surdos (FENEIS), Mestrado em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na linha de estudos de gênero. Possui experiência na Educação Básica e Ensino Superior, incluindo a área de gestão universitária tendo atuado como Pró-Reitora de Ensino da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul além de

ter coordenado cursos e programas institucionais. Integrou a equipe de coordenação pedagógica da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, vinculada à Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente atua como docente no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Porto Alegre nos cursos de licenciatura (Pedagogia e Ciências da Natureza: Biologia e Química), técnicos incluindo a Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica (EJA/EPT). Integra o corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação ofertado em rede nacional, Mestrado Profissional em Educação Profissional, Técnica e Tecnológica, no qual exerce também a função de coordenadora adjunta local. Esta vasta experiência profissional não define o ser humano que existe na professora Lili, como a chamamos carinhosamente, pessoa de uma generosidade ímpar, conduz suas orientandas com delicadeza, conhecimento e sempre ressaltando o mais potente e verdadeiro em cada uma de nós. É um privilégio poder compreender a importância de uma pesquisa sob a ótica dessa incrível mulher.

SOBRE O [PROFEPT](#) (Programa de pós-graduação stricto sensu em Educação Profissional e Tecnológica ofertado em rede nacional)

O ProfEPT é um programa de pós-graduação stricto sensu em Educação Profissional e Tecnológica com um curso de mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica ofertado em Rede Nacional, pertencente à Área de Ensino e reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, do Ministério da Educação. Para saber mais sobre Programa e processo seletivo para ingresso de estudantes, acesse o [link](#) ou pelo QR CODE abaixo.

SOBRE [Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul](#) (IFRS)

É uma instituição federal de ensino público e gratuito que se propõe a oferecer ensino humanizado, crítico e cidadão. Tem [cursos gratuitos](#) em 16 municípios gaúchos. Entre as ofertas estão cursos de ensino médio junto com o técnico, para quem tem o ensino fundamental completo. Quem está fazendo o ensino médio em outra instituição de ensino (pública ou privada) pode cursar somente a formação técnica no IFRS, em um técnico concomitante ao ensino médio. Outra opção é o ensino médio mais o curso técnico integrado na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), para quem tem 18 anos de idade ou mais e o ensino fundamental completo. Aqueles com ensino médio completo podem optar por um curso técnico subsequente ao ensino médio para ter uma formação técnica ou então por uma graduação, para uma formação superior. O IFRS oferece ainda cursos de pós-graduação, como especializações e mestrados, e de cursos de extensão. Há também mais de 170 opções de [cursos a distância \(EaD\)](#) gratuitos, com cargas horárias entre 20h e 200h, que podem ser feitos por qualquer interessado.

As unidades do Instituto são: *Campus Alvorada, Campus Bento Gonçalves, Campus Canoas, Campus Caxias do Sul, Campus Erechim, Campus Farroupilha, Campus Feliz, Campus Ibirubá, Campus Osório, Campus Porto Alegre, Campus Restinga (Porto Alegre), Campus Rio Grande, Campus Rolante, Campus Sertão, Campus Vacaria, Campus Veranópolis e Campus Viamão*. A Reitoria está localizada no município de Bento Gonçalves.

Fonte: [Site do IFRS](#)

CURSOS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Saiba mais sobre os tipos de cursos ofertados pelo IFRS

TIPOS DE CURSO

Cursos técnicos integrados ao ensino médio (Ensino médio + técnico)

Possibilitam a formação de ensino médio e técnica profissional ao mesmo tempo no IFRS.

Cursos técnicos integrados ao ensino médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA

Possibilitam a formação de ensino médio e técnica profissional ao mesmo tempo e são voltados exclusivamente para estudantes com 18 anos de idade ou mais.

Cursos técnicos concomitantes ao ensino médio

Dão a formação técnica profissional para os alunos que estão cursando o ensino médio em outra instituição de ensino.

Cursos técnicos subsequentes ao ensino médio

Permitem a formação técnica para quem já tem o ensino médio completo.

Cursos superiores de graduação

São os cursos de tecnologia, licenciatura e bacharelado, que podem ser cursados por quem já tem o ensino médio completo.

CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA - FIC

[MULHERES MIL](#) - Para saber mais acesse o [link](#) ou o QR CODE abaixo: